



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE/FE/UnB)

**CULTIVANDO A PEDAGOGIA DOS ENCONTROS:  
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A  
AGRICULTURA (CSA) EM BRASÍLIA- DF**

ANA BRAGA DORNELES

**Brasília-DF  
Dezembro, 2020**

**ANA BRAGA DORNELES**

**CULTIVANDO A PEDAGOGIA DOS ENCONTROS:  
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A  
AGRICULTURA (CSA) EM BRASÍLIA-DF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília-UnB na Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Tereza Reis da Silva

Universidade de Brasília - Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana Merçon

Universidade Veracruzana (UV/ Xalapa/ México)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Neves Legnani

Universidade de Brasília –

---

Prof. Dr. Alessandro Roberto de Oliveira

Universidade de Brasília – (Suplente)

---

Vanessa de Souza e Edson Policena  
Agricultora e Agricultor da CSA Doce Vida - Arguidores Convidados

**Brasília- DF  
Dezembro, 2020**

## DEDICATÓRIA



Desenho de Laura Dorneles "cozinha de vó mineira", dezembro 2020.

*Dedico este caminhar às vovós, em especial às minhas Vó Vanda e Vó Isabel, guardadoras de saberes, carinhos e acolhimento admiráveis. Para mim manifestados principalmente na cozinha: dos alimentos cultivados, das palavras e gestos trocados entre-panels e nos temperos-coração-de-vó: entre feijoadas e pães de queijo me criei. Agradecida vovós!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à espiritualidade, por toda proteção e inspiração sopradas até mim.

Aos meus pais Ana Paula e Cleber, pela vida. Aos meus irmãos Sarah, Vic, Pedro e Valentine, por fazerem parte de mim. *Obrigada vovós e vovôs, obrigada família!*

A Gabriel, por seu amor cotidiano, construído nas minúcias do nosso viver.

Agradeço a todas as crianças que topei durante este caminhar e que me ajudaram a lembrar quem sou durante nossas brincadeiras, conversas e silêncios. Me recordando do ser imaginativo, simples e espontâneo que somos – por vezes quase esquecidos – *obrigada*: Iaci, Tainã, Ravi, Gaia, Tupã, Uirá, Anita, Dante, Violeta, Laurinha e Felipe obrigada por serem.

À minha comadi Marcela e compadre Matheus, por criarem espaços de felicidade e brincadeira nesse mundo! Vocês são uma ciranda de alegria!

A todas as árvores que acolheram meus choros, alegrias e pensamentos. *Obrigada* pelas sombras amigas.

Ao Mestre Zé do Pife, por me fazer aprender tanto sobre educação, *seja brincando, tocando ou dançando embaixo das árvores do campus da UnB.*

A tia Bany e sua escuta e acolhimento sensíveis.

A Carol, obrigada por ser tão assim, cabeça, coração e emoções. *Obrigada* pelos nossos encontros poéticos.

A Bob, grande amicão, parceiro dos rolês desanuviadores de pensamentos.

A Ana Tereza, por todo seu carinho e parceria construídas nesses últimos anos! *Obrigada* por sua sensibilidade e por seu coração honesto e generoso.

Ao Grupo de Pesquisa Educação, Saberes e Decolonialidades e todos aqueles seres inspiradores que com suas presenças, escritas e vidas colaboram para a construção de outros mundos possíveis: mundos mais coloridos, afetuosos e sábios.

A Juliana, Tâmara, Alana e Andrés, pela acolhida generosa e amorosa no México. *Obrigada* estudantes e professoras queridas do Grupo de Pesquisa Ação Socioambiental (GIASE) e do Mestrado em Educação para a Interculturalidade (MEIS) pela acolhida e pelos Encontros incríveis e transformadores!

Agradeço às(aos) agricultoras(es), coagricultoras(es) e aos entes não humanos que conheci neste caminhar. Sou imensamente agradecida pela disponibilidade, pelas amizades e por nossos Encontros, eles me transformaram.

Agradeço, finalmente, à CAPES pela bolsa de mestrado concedida e à FAP-DF, pelo auxílio concedido para realização da visita técnica junto à UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México) e UV (Universidad Veracruzana) no México.

## RESUMO

As Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) surgem no mundo como movimento que busca reaproximar agricultoras(os) e coagricultoras(os) a partir de uma economia solidária. Certa de que o movimento aponta caminhos não somente rumo a alternativas, à dimensão econômica ou ambiental, a pesquisa analisou a CSA como comunidade de aprendizagem a partir de duas experiências brasileiras e do Grupo de Gestão da Rede CSA Brasília. A caminhada metodológica contou com meu engajamento como coagricultora-pesquisadora, quando pude acompanhar e participar das experiências. Os encontros com agricultoras(es) e coagricultoras(es) emergiram como metodologia, abrindo caminhos para esta pesquisa-plantio. Para tanto, as categorias teóricas acionadas neste trabalho foram “Cultreza”, “Comunidade” e “(Re)pensando economias”, construídas desde perspectivas decoloniais, sobre as quais busquei reflexionar sobre o dualismo entre cultura e natureza, ontologias modernas e comunitárias, bem como refletir sobre a construção dos sistemas econômicos/culturais e suas implicações pedagógicas. Durante a pesquisa, foi ficando evidente a centralidade que o Encontro ocupa como dimensão pedagógica dentro da experiência da CSA, principalmente aqueles que ocorrem do Encontro *com/entre*: Agricultor, Comunidade, Alimento e Rede. Esses Encontros deram forma à Pedagogia dos Encontros, desde onde me foi possível colher aprendizagens, trocas e saberes que vêm sendo produzidos e compartilhados, bem como contradições e desafios que também perpassam essas experiências.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Encontro; Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA); economia solidária; processos educativos.

## ABSTRACT

Community Supported Agriculture (CSA) arise in the world as a movement that seeks the reconnection of farmers and co-farmers from a solidary economy. With certainty that the movement points not only the paths towards alternatives to the economic or environmental dimension, the survey looked at the CSA as a learning community from two experiences located in Brasília and of the CSA Brasília Network Management Group. The methodological journey was supported by me being a engaged co-farmer-researcher, while I was able to accompany and participate in the experiences. The meets with the farmers and co-farmers to emerged as a methodology, paving the way for this research-planting. Therefore, the theoretical categories ationed in this work were “Cultreza”, “Community” and “(Re)thinking economies”, constructed from colonials perspectives, that I seeked to reflect on the dualism between culture and nature, modern and community ontologies and also reflect about the construction of the economic/cultural systems and their pedagogical implications. During the research, the centrality that the Encounter occupies as a pedagogical dimension became evident within the CSA experience, mainly those that occur from the Meeting with/between: Farmer, Community, Food and Network. These encounters shaped the Encounter’s pedagogy, from where it was possible for me to gather learning, exchanges and knowledge that have been produced and shared just as the contradictions and challenges that also cross over these experiences.

**Keywords:** Encounter’s pedagogy; Community Supported Agriculture (CSA); Solidary Economy; Educational Processes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Ida à roça, na foto agricultor Edson da CSA Doce Vida.....	1
Figura 2	Esquema resumo da apresentação dos capítulos da pesquisa.....	14
Figura 3	Primeiro planejamento da pesquisa-plantio, 2019.....	15
Figura 4	Encontros da caminhada.....	21
Figura 5	Esquema-temporal dos encontros durante meu caminhar.....	22
Figura 6	Esquema resumo da caminhada como pesquisadora e coagricultora.....	24
Figura 7	Formação temporal das CSAs brasileiras.....	33
Figura 8	Esquema resumo da CSA pelo mundo.....	34
Figura 9	Paradigmas que perpassam a experiência da CSA.....	35
Figura 10	Esquema dos modelos econômicos.....	47
Figura 11	Esquema resumo das miradas que vamos viver.....	52
Figura 12	Agricultor Edson e seu filho Mikael semeadando canteiro.....	53
Figura 13	Mapa com a distribuição dos pontos de convivência das CSAs de Brasília.....	56
Figura 14	Primeiro esquema apresentado na apresentação do pré-projeto, apresentando os dois momentos simultâneos propostos para a pesquisa: acompanhar e participar do grupo de gestão da rede e acompanhar duas CSAs.....	57
Figura 15	“Não há nada mais subversivo que o encontro”. Grafite na UnB, durante um dos encontros.....	59
Figura 16	Esquema da caminhada 2.....	60
Figura 17	Ida na roça para trabalhar na colheita da semana: os caminhos se abrem adiante, sempre atenta ao que já passou. O caminho vive na gente.....	63
Figura 18	Esquema 3 do caminhar.....	70
Figura 19	Esquema resumo das etapas do plantio de sementes e mudas .....	71
Figura 20	Levi (filho dos Agricultores da CSA Fazenda Bella) brincando na agrofloresta...72	
Figura 21	Foto coletiva do Festival do apreço: I encontro de CSAs do DF, 2017.....	75
Figura 22	Primeira visita das(os) coagricultoras(es) ao local de produção da CSA Doce Vida em 2016.....	82
Figura 23	Pontos de convivência da CSA Doce Vida: à esquerda, agricultora Vanessa; à direita, agricultor Edson.....	86
Figura 24	Encontro no PC da comunidade Doce Vida, janeiro 2020.....	82

Figura 25 Proposta de oficinas apresentada na primeira reunião da CSA Fazenda Bella, 2019.....	89
Figura 26 Reunião de fechamento do primeiro ciclo da CSA Fazenda Bella, 2019.....	92
Figura 27 Esquema resumo das histórias das experiências .....	93
Figura 28 Colhendo limões com seu Edson para a cesta da semana 2019.....	94
Figura 29 Esquema resumo da pedagogia própria.....	104
Figura 30 Encontro entre os Agricultores Edson, Dona Zezé e sua filha durante visita, 2019.....	105
Figura 31 Esquema resumo do Encontro com a(o) Agricultora(o).....	115
Figura 32 Visita da CSA Doce Vida à área produtiva no assentamento Oziel Alves III, junho de 2019.....	116
Figura 33 Esquema resumo do Encontro com a comunidade.....	126
Figura 34 Alimentos da CSA Raio de Sol.....	127
Figura 35 Esquema resumo do Encontro com os Alimentos.....	135
Figura 36 Ciranda durante CSEncontro.....	136
Figura 37 Ponto de Convivência coletivo.....	140
Figura 38 Mesa de piquenique e varal de receitas ao fundo.....	140
Figura 39 A mesa com toalha de piquenique como espaço da Rede CSA Brasília, ao fundo a dinâmica da árvore e à esquerda mesa de piquenique.....	142
Figura 40 Alguns dos frutos colhidos durante a dinâmica da árvore no CSEncontro, 2019.....	143
Figura 41 Frutos sonhados e adubados por Encontros.....	144
Figura 42 Esquema resumo do Encontro em Rede.....	145
Figura 43 Ana cultivando a horta em casa.....	150
Figura 44 Esquema resumo da partilha dos alimentos colhidos.....	151

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – Reconhecendo o território</b> .....	1
<b>1.1 Quando eu me encontro com a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA).</b> 2	
<b>1.2 Apresentação dos capítulos da pesquisa-plantio</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 2 – Planejando o plantio</b> .....	15
<b>2.1 Situando-me na caminhada como pesquisadora e coagricultora</b> .....	16
<b>2.2 A CSA pelo mundo e sua chegada em Brasília</b> .....	25
<b>2.3 De que mirada vamos viver a realidade?</b> .....	35
<b>2.3.1 Culturas</b> .....	36
<b>2.3.2 Comunidade</b> .....	42
<b>2.3.3 (Re)pensando economias</b> .....	45
<b>CAPÍTULO 3 – Semeando sementes e mudas</b> .....	53
<b>3.1 Primeira etapa do plantio</b> .....	54
<b>3.2 Segunda etapa do plantio</b> .....	59
<b>3.3 Terceira etapa do plantio</b> .....	64
<b>CAPÍTULO 4 – Cuidados</b> .....	72
<b>4.1 Grupo de gestão da Rede CSA Brasília</b> .....	73
<b>4.2 CSA Doce Vida</b> .....	79
<b>4.3 CSA Fazenda Bella</b> .....	86
<b>CAPÍTULO 5 – Colheita das aprendizagens</b> .....	94
<b>5.1 Que pedagogia é essa?</b> .....	96
<b>5.1.2 A pedagogia própria</b> .....	98
<b>5.1.3 O Encontro</b> .....	99
<b>5.2.1 Agricultora(o)</b> .....	105
<b>5.2.2 Comunidade</b> .....	116

<b>5.2.3 Alimento</b> .....	127
<b>5.2.4 Rede</b> .....	136
<b>5.3 Partilha dos alimentos colhidos: considerações para seguirmos caminhando ..</b>	146
<b>Referências</b> .....	152
<b>Apêndice</b> .....	159
<b>ANEXO</b> .....	162

## CAPÍTULO 1 – Reconhecendo o território

**Figura 1:** Ida à roça, na foto, agricultor Edson da CSA Doce Vida



Fonte: Foto da Autora.

“Ao caminhar pela nossa agrofloresta, Edson ia me apresentando cada pé de planta. Até chegarmos a um dos limites do plantio agroflorestal, e foi quando ele olhou pra essa grande área de braquiária e comentou “quando nós chegamos aqui era tudo assim ó: nenhum pé de pau, só mato. Tá vendo lá do outro lado? O vizinho mexe com veneno, aí nós damos essa distância boa e plantamos as bananeiras aqui desse lado.” Não só a área de plantio me dizia da história daquele agricultor, os limites contavam histórias também.”

(Caderno de campo, Ana Braga, 2019.)

## **1.1 Quando eu me encontro com a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)**

Das minhas lembranças de infância, sempre viajei muito entre a cidade e a roça, o que me fez desde cedo estranhar meus pertencimentos e as relações que se dão de formas tão diferentes nesses ambientes. E foram esses movimentos de idas e vindas que contribuíram demasiadamente para despertar meu olhar com tamanha curiosidade sobre a natureza e as formas de como podemos nos relacionar com ela. Sou nascida na cidade de Brasília e cresci no Plano Piloto. Minha história fez parte de um momento de rompimento com muitas outras histórias e identidades familiares, deixadas pelo Nordeste, pelo Sudeste brasileiro, histórias daqueles que abandonaram suas vidas na roça, em suas comunidades rurais, indígenas e negras e para a cidade grande vieram.

Mesmo crescendo na cidade, estive muito conectada ainda com a roça e o sítio de minhas avós durante toda a infância, guardando boas experiências, cheiros, sensações, liberdade e memórias afetivas desses momentos na natureza. Estar na roça significava para além do brincar livre, eram momentos de responsabilidade com as ferramentas, ajuda na rega, no plantio e nas colheitas na horta da vó, de onde os alimentos eram compartilhados com toda a família.

Essas memórias me criaram e foram o motivo de escolher na universidade o curso de Engenharia Florestal, pela afinidade com a palavra “floresta”. Certamente, eu iria ver mais para frente que a proposta do curso não era bem o que eu esperava. Sou uma Engenheira Florestal que nunca se encaixou de fato. No início, me vi muito entusiasmada para estudar a “floresta”, e quando me aproximei, encontrei muitas barreiras disciplinares. A universidade foi um espaço de novidades e de coisas nem tão novas assim. Vi o quão hostil pode ser o ambiente acadêmico para quem tem vontade de (re)criar, se descobrir, e o quanto era fácil somente se encaixar nos moldes para conseguir o diploma e ter um emprego.

Entretanto, o espaço universitário me proporcionou oportunidades de viajar, literalmente. Abriu portas sem fim dentro de mim, portas para perceber o mundo e tudo o que ele tem de bonito e suas estranhezas também (que no fundo são bonitezas disfarçadas). Concomitantemente com meus estudos, decidi ser viajante de paisagens, de pessoas. Viajei para conhecer parques, pequenas cidades, de carona, de bicicleta, viajei sozinha e com amigos que fiz pelo caminho. Essas viagens possibilitaram me reconectar com diversas temáticas e questionamentos que inevitavelmente traria, mais tarde, para dentro de meu percurso acadêmico. Percebo, hoje, a necessidade e a importância de sair do lugar de conforto das ideias e permitir-se engajar em outros tempos e pensamentos, que trazem, inevitavelmente, um estranhamento ao que é tomado como “natural”. Sendo somente a partir daí construí um pensar não apenas a partir de meus olhos, mais com *olhos-outros, olhos-pluri*.

Viajar me possibilitou acessar possibilidades de aprender com outras pessoas e lugares o que não se aprendia na academia, o que se aprendia com o viver. Tive a oportunidade de aprender com o Mestre Zé do Pife na hora do almoço em baixo de uma árvore no campus da universidade; ele me perguntava: “o que você quer tocar hoje?”; às vezes era pife, zabumba, as outras vezes era só observar, dançar, ou conversar sobre a vida. Meu contato com seu Zé como aprendiz da música popular, me fez descobrir um lugar de aprendizagem impregnado de afeto, dedicação e alegria. Tudo isso contribuía cada vez mais para meus questionamentos sobre qual o sentido dos conhecimentos que eu adquiria durante a graduação? Será que não poderiam acontecer de outras formas? E eu começava a ensaiar a resposta para essa última questão, que era *SIM!*

O ano de 2015 começou com uma viagem na qual decidi ir com o Mestre; ele e eu saímos de ônibus de Brasília e três dias depois chegaríamos no povoado de Riacho do Meio, próximo a São José do Egito, em Pernambuco, perto de onde o Mestre nasceu. No total, foram quase dois meses vivendo no sertão, escutando suas histórias, tocando com o Mestre em feiras, procissões e festejos.

O sertão é um lugar de beleza incomum; só existe por lá mesmo. Não é por acaso que o canto dos poetas e poetisas que por ali nasceram é tão original, tão verdadeiro. A relação do povo se dá num outro tempo-vida e sua relação com os ciclos da natureza deu um nó em mim; me fizeram refletir imensamente. Fui tomada por um carinho imenso e uma vontade

enorme de conviver com as pessoas, suas histórias, viver a comunidade de apoio, que, inevitavelmente, formava-se nas pequenas cidades e sítios por onde passava; me sentia em casa. Algo que também me impressionou foram os lixões e muitos rios que viraram esgotos à céu aberto. Conheci, durante as andanças, rios mortos e histórias de velhos que quando crianças nadavam e brincavam ali.

Minha experiência como aprendiz de música popular fez emergir minha curiosidade e interesse pelo ambiente físico e simbólico das feiras, dos mercados populares, onde tocávamos e que ao mesmo tempo conhecia e conversava com produtores e vendedores, aprendendo sobre remédios e comidas caseiras. Nas cidades, as feiras se tornavam espaços potentes de trocas de alimentos, de culturas, saberes, histórias e de grande acolhimento a qualquer um que passasse nelas. Certa vez, numa das apresentações, até lugar para descanso nos foi oferecido.

Começava a perceber como o conhecimento científico, muitas vezes, reduzia a realidade, pois aprendia técnicas, metodologias, sem haver qualquer discussão sobre a complexidade dos processos, considerando de fato aspectos sociais, políticos, ecológicos, culturais, educacionais. Na academia, aprendia por meio da objetificação da floresta, e a compreensão se dava a partir de sua fragmentação: em laboratórios, buscando nos livros em técnicas. Desses encontros de experiências, começava a perceber que eu mesma deveria criar um espaço para apreender a ciência. Ao mesmo tempo, frustrava-me por não conseguir me conectar com a natureza pela perspectiva da Engenharia Florestal. Tinha interesse, porém me sentia distante do que e de como, de fato, gostaria de aprender.

Voltei do Nordeste com mais questionamentos que me fizeram cogitar a ideia de mudar de curso na Universidade. No semestre de volta, tomei contato pela primeira vez com a Faculdade de Educação através da disciplina Fundamentos da Educação Ambiental, com a professora Ana Tereza Reis. Desse encontro, surgiram minhas primeiras leituras acadêmicas sensíveis, sociológicas. Identifiquei-me profundamente com a possibilidade de olhar para o Cerrado, para a natureza por outras perspectivas. A disciplina me trouxe inquietações, ampliou meu olhar para reconhecer a pluralidade epistemológica do mundo. Dessa forma, reconhecer outras formas de conhecer e de me relacionar com a natureza poderia me dar pistas de como reatar essa brusca ruptura da relação entre seres humanos e a natureza.

Diante das inquietações advindas da disciplina Fundamentos da Educação Ambiental, iniciei meu projeto de Iniciação Científica, para pesquisar o potencial pedagógico de agroflorestas em escolas públicas do Distrito Federal (DF). Durante toda a construção do projeto, pude me aprofundar na ciência da Agroecologia, que possui seus saberes tecidos a tantas mãos: por diferentes povos, culturas, experiências. A Agroecologia mostrou para mim a possibilidade real de conectar esses saberes da terra que, inevitavelmente, surgem de processos ancestrais, de culturas e saberes que foram transmitidos e se aprimoraram pelas experiências que resistem em tantas comunidades rurais e tradicionais. Para mim, o conhecimento não nascia na academia, mas nas pessoas e em suas experiências.

Os caminhos da pesquisa se abriam, assim como eu começava a criar novas conexões e questionamentos. Percebia que mesmo dentro de um ambiente escolar formal, as possibilidades de intervenção/ação/conexão de uma agrofloresta estavam fadadas a quase sempre desaparecer dentro das “grades” horárias, da organização das “disciplinas” escolares e de todo aparato institucional, que praticamente impossibilitam essas experiências, pautadas em tantos outros saberes ancestrais e fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, tão distante de nossos currículos escolares. Essa experiência fortaleceu minhas críticas e questionamentos à academia, aos seus formatos obsoletos de aprendizagem, de se relacionar com o outro, consigo mesma e com o mundo. A falta de conexão gera um conhecimento científico muitas vezes descontextualizado, preso na especialização das partes, o que torna difícil, muitas vezes, compreender o que foi tecido junto (MORIN, 2000).

Nesse mesmo ano de 2015 tive a oportunidade de embarcar em uma saída de campo da disciplina Gestão e abastecimento Florestal do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A proposta era sair do Paraná, de ônibus, e subir até o Acre, passando pela Bolívia, Peru e por diversos estados no Norte do país, conhecendo a realidade do mercado de trabalho florestal brasileiro, visitando parques, empresas, laboratórios, produtores, reservas extrativistas, institutos de pesquisa, instituições governamentais, passando assim por diferentes biomas durante 30 dias.

Dessa vivência, mais uma vez, pude notar que a desconexão não se restringia ao ambiente acadêmico. A própria universidade contribui para a formação de profissionais que mais tarde atuam no mercado, onde levam seus conhecimentos descontextualizados. Como trazer a complexidade para dentro do conhecimento? Era uma questão de sensibilidade, de

ampliar o olhar: ver mais que folhas e troncos. Cada um vê uma floresta de forma singular, mas será que todos realmente a enxergam?

Novamente, retornei dessa saída de campo ainda mais instigada, por ter tido meu contato pela primeira vez com a Floresta Amazônica, com o triste e imenso desmatamento dentro do estado do Mato grosso, e com a cultura tão singular e acolhedora dos peruanos. As complexidades me tocavam, e sentia o peso da marginalização do campo da Educação dentro das experiências que vivia, dentro da universidade, que por muito é reduzido à aprendizagem em ambientes de educação formal, era invisibilizado dentro da engenharia. Fazia um grande esforço para afirmar em mim mesma a afinidade com o campo, vencendo meus próprios preconceitos sobre a Educação.

O contato com uma educação ecologicamente sensível se mostrou como um alívio, uma possibilidade de conectar meus questionamentos, de buscar compreender melhor quais naturezas são essas que nos possibilitam aprender, experienciar e se reconectar com a vida e suas complexidades. O campo da Educação Ambiental (EA) se mostrou generoso, e maior do que como costumava enquadrá-lo: como práticas pontuais e reducionistas. Uma área que não deixa de ser filosófica e atenta a diversas formas possíveis de se reestabelecer e reconceituar as relações entre a natureza e o ser humano, e mais, possibilitar a interpretação das questões ambientais em suas várias dimensões de complexidade, e que envolve profissionais de diversas áreas de atuação, o que amplia suas possibilidades educativas e suas discussões.

Decidi elaborar um trabalho final que me ajudasse a refletir sobre esse encontro meu como engenheira com o campo da EA. Realizei um estudo cienciométrico sobre as publicações acadêmicas que diziam tratar da temática de EA, e o que estariam trazendo de contribuições para o campo? Dentre as análises que fiz, identifiquei a falta de profundidade quando se trata do campo da educação ambiental, sendo citado sem uma preocupação em aprofundar no seu significado diante da proposta da pesquisa e sem acionar seus campos teóricos. Os resultados desse trabalho me fizeram compreender a EA como campo transversal que surge nas pesquisas, mas que não é envolvido ou desenvolvido por elas.

E foi com mais dúvidas que certezas que finalizei o ciclo da graduação. Alguns meses depois viajei novamente para o Nordeste, desta vez para seguir com meu companheiro e um amigo no projeto CicloPife que eles haviam iniciado em dezembro de 2016. Tratava-se de

uma viagem de bicicleta pelo Nordeste em busca de mestras e mestres da cultura popular brasileira e divulgação das bandas de pífano, ministrando de oficinas nas comunidades em que passavam. Pude acompanhar meu companheiro em seu trabalho de campo de conclusão de curso, em que estudou a banda de pífano do Quilombo Travessão do Caroá, próximo à cidade de Carnaíba, em Pernambuco.

Nossa estadia na comunidade me levou a um lugar de incômodo e inspirações. Estava no interior do Sertão do Pajeú, em Pernambuco; a força da lida das mulheres sertanejas, da cultura quilombola, me fez dar conta da grande resistência daquele povo, que por vezes mesmo sem chuvas, acreditavam e colhiam, mesmo sem ter muito, o que se tinha era compartilhado. Mais uma vez, eu, frente a experiência da vida comunitária, vida simples e rica de aprendizados. Meu incômodo se traduzia nas horas que tínhamos que caminhar para fazer visitas, o sol quente, e também a situação de alcoolismo que assolava algumas famílias; saía de minha zona de conforto e novamente o sertão me ofertava outros tempos de se viver, de pensar, de se relacionar.

De retorno para minha cidade, mudei-me para um bairro que, apesar de ser central, constitui-se particularmente como uma pequena vila – Vila Planalto; possui uma história marcante na construção de Brasília, sendo o primeiro bairro onde acampavam os trabalhadores que vieram para a construção da Capital, dentre eles meu avô materno. A vila me permitiu a aproximação à Associação dos Idosos, onde meu companheiro e eu desenvolvemos alguns trabalhos comunitários culturais, envolvendo a construção de uma biblioteca comunitária, eventos culturais para a juventude e aulas de música.

Esses projetos me envolveram pelo grande desafio de se construir relações comunitárias, participativas e ativas. Não bastava, entretanto, dispor de atividades gratuitas para a comunidade, era preciso dar um passo atrás e olhar para a qualidade das relações que estabelecíamos, para, pouco a pouco, buscar estratégias junto com os vizinhos e amigos do bairro. Mais uma vez, dava passos na direção de descobertas sobre o aprender a ser comunidade e também para os desafios e limitações que esta experiência propõe.

Desta forma, como trazer propostas de educação ambiental para esse contexto sem cair no reducionismo das ações ambientais educativas? Pensava mais profundamente: como engajar a comunidade em discussões reflexivas, críticas e transformadoras sobre a *natureza-urbana* que nos cercava ali? Poderia criar espaços para se falar da importância da coleta

seletiva, do simples jogar o lixo no lixo; porém existia um passo anterior a ser dado, e que se encontrava ainda em movimento: criar relações de reciprocidade com as pessoas; era preciso nutrir novamente o afeto, para que as pessoas começassem a ser afetadas pelo sentido real do que é viver em comunidade, e quem sabe, tornar essas transformações desejadas em realidade.

No período entre o fim da graduação e o início do mestrado, trabalhei em alguns lugares não como engenheira florestal. Conheci alguns colegas que criaram a ONG Mangarandú, com a proposta de construir e incentivar uma comunidade de aprendizagem com a natureza. Esse encontro com pessoas e projetos de vida comprometidos com a aprendizagem com a natureza me despertou e me deu esperanças para poder seguir caminhando na área da Educação.

Das minhas experiências como educadora ambiental, recordava-me dos questionamentos vividos nos últimos anos de graduação, e pensei na possibilidade do mestrado como uma oportunidade de resgatar esses questionamentos e me aprofundar no campo da EA, de construir de forma mais apurada e experienciada essas relações com a natureza que tanto me afetavam. A partir dessa vivência, compreendia a importância da conexão com a *natureza-natura*; porém, o que seria essa natureza? Seria simplesmente limitada a ambientes naturais? E a cidade não faz parte da natureza? Como se relacionar com a natureza na cidade? Todas essas questões me instigavam à medida que vivenciava a potência da aprendizagem com a natureza, as quais me inspirariam mais tarde dentro de minhas experiências acadêmicas.

Em 2018, ao realizar o processo de seleção para o Mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), minha proposta de pré-projeto envolvia a construção de um projeto de arborização ambiental em uma escola pública. Eu já tinha a ideia de que gostaria de sair do ambiente formal da educação para buscar algo diferente que envolvesse aprendizagem em comunidades não escolares e sua relação com a natureza.

Certo dia, após sair da biblioteca no campus UnB Darcy Ribeiro, passei por uma roda de conversa que acontecia com vários estudantes e um produtor rural que contava sua experiência. Fui atraída pela roda, e acompanhei a discussão. Era um produtor rural que fazia parte de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). A comunidade era formada por agricultoras(es) que produziam alimentos orgânicos e por consumidoras(es) que passavam a

ser coagricultoras(es) nessa comunidade, não só comprando as cestas de alimentos produzidas, mas apoiando política e materialmente essa família de agricultores e sua produção no campo, compartilhando da abundância na produção, assim como das possíveis perdas devido a danos naturais que pudessem acontecer durante o processo da produção (como secas, chuvas, pragas). O agricultor comentou sobre a importância daquela comunidade para o empoderamento dos assentados rurais, que com uma renda fixa e a garantia do escoamento da sua produção o trabalho era garantido. Naquele dia, a CSA me chamou a atenção de uma forma particular; foi muito bonito ouvir a conversa entre o produtor e os estudantes, o que me fez pensar na possibilidade de reconstruir meu lugar como consumidora, assim como a possibilidade de estar mais próxima das(os) agricultoras(es) que produzem meu alimento. Era uma possibilidade real de conexão com diferentes naturezas, entre o campo e a cidade. Eu já havia participado em 2017, do primeiro evento organizado pela CSA Brasília – Festival do Apreço – como educadora ambiental e conhecia algumas experiências de amigas em suas comunidades.

Portanto, como estudante, a CSA era inacessível para mim. As cestas eram caras, eu teria que complementar com outras compras, o que era definitivamente tornava inviável minha participação e me distanciava da possibilidade de aderir a uma CSA. Contudo, ao decidir que as CSAs poderiam ser uma comunidade potencial para meu projeto de mestrado, comecei a buscar mais referências para entender melhor sobre essas comunidades. Inicialmente, era clara minha intenção de focar nas CSAs através de um olhar para os potenciais pedagógicos dessas experiências.

Visitei a produtora de uma das primeiras CSAs de Brasília, conversamos sobre essa possibilidade de olhar para os potenciais pedagógicos das experiências de CSA. A produtora relatou a importância de se fazer reflexões sobre a contextualização atual da sociedade em que vivemos e de como essas comunidades surgem como um caminho que nos abre outras formas de se relacionar, outros paradigmas, como a reciprocidade, o apreço e a comunidade. A produtora contou sobre sua experiência na comunidade, a riqueza de possibilidades, de encontros que eram possíveis e sobre seus desafios como produtora. Ela me indicou outros pesquisadores que já haviam passado por ali, indicando o contato de algumas pessoas que faziam parte da CSA Brasília, que era o Grupo de Gestão da Rede de CSAs em Brasília.

Diante dessa experiência, aprofundei as conversas e discussões com as amigas que participavam de CSAs. Comecei a perceber minha afinidade pelos temas que eram gerados nessas conversas e, principalmente, minha vontade de viver essa experiência. As CSAs eram vistas por essas famílias amigas como uma possibilidade de consumir alimentos orgânicos a um preço acessível, porém não se escolhia os alimentos, nem a quantidade, o que causava um desconforto para algumas famílias. De qualquer forma, a experiência transformava o dia a dia das famílias. Com mais diversidade de alimentos as famílias cozinhavam mais, reorganizavam suas rotinas para comer em casa e as que não conseguiam transformar a rotina, saíam da CSA, pois não conseguiam aproveitar a cesta. Para viver a CSA, a vontade de deixar ser transformada se mostrou como um elemento importante nas experiências que fui conhecendo.

Fazer parte da CSA trazia a necessidade de nutrir a vontade de deixar ser transformada para realmente viver a experiência.

Por meio dessas investigações iniciais sobre as CSAs, fui compreendendo seu potencial como proposta de transformação pessoal através dos paradigmas urbanos, de uma re colocação dos saberes dentro da academia, da sociedade em geral e dentro da cadeia de produção agrícola hegemônica. Percebi a CSA como uma possibilidade de aprender pela experiência com a(o) agricultora(o) que produziria meu alimento, bem como a organização de uma comunidade em torno dessa produção. Com todos aqueles relatos e meu interesse em aprender, iniciei a busca para encontrar a CSA da qual eu faria parte. Noto aqui como meu interesse foi aumentando à medida que buscava compreender mais sobre a experiência, o que me permitiu o início de um processo interno de mudança de paradigmas, em que pude revalorar o custo da CSA, desta vez colocando nessa “balança econômica” outros aspectos que não considerava importantes -ou que considerava apenas na teoria- em minhas escolhas de consumo.

Percebi muitas contradições, muito potencial de aprendizagem e coragem para se abrir a novas realidades. Comecei a observar em mim algumas contradições que me colocavam em um lugar de desconforto. Por que, como consumidora, mesmo acessando informações e refletindo sobre a forma de me alimentar e de produzir o que consumo ainda reproduzia essas lógicas hegemônicas em minhas escolhas de consumo? O alimento saudável

era mais possível do que imaginava. Então comecei desvelando alguns paradigmas enraizados em mim, cujos processos seguirei aprofundando nesta pesquisa.

O que movia meu interesse para pensar nessas experiências? As CSAs são um espelho que refletem os desafios e os prazeres de se viver em comunidade. Refletem minhas experiências anteriores em comunidades outras, bem como os desafios dos trabalhos comunitários culturais dos quais participo. As questões que me conectam profundamente com as CSAs são: *Como engajar as pessoas em comunidades a fim de buscar soluções viáveis para os desafios socioambientais que vivemos atualmente? As CSAs podem ser pensadas como experiências comunitárias e, conseqüentemente, como comunidades de aprendizagens nas quais se vivenciam outras formas de sentirpensar e de ser/estar no mundo? Quais contradições e desafios permeiam as CSAs e, particularmente, o grupo de gestão da rede CSA Brasília?*

A essa altura, já alimentava profundamente o desejo de que as CSAs se tornassem meu projeto de estudo. Elas significavam aprender mais sobre a conformação dessas comunidades urbano-rurais, onde outras possibilidades de reconexão com a natureza acontecem de forma potente, espontânea e desafiadora.

Dessa descoberta, adentrei num mundo novo: as Comunidades que Sustentam a Agricultura. Segui dialogando com Renata, uma das coagricultoras que participava do grupo de gestão da CSA Brasília. Meu propósito, além de me apresentar, mostrar minhas ideias e curiosidades, era me iniciar nesse vínculo, saber das necessidades e um pouco mais sobre a Rede CSA Brasília. A coagricultora e articuladora do movimento em Brasília me trouxe ainda a importância de como pesquisadora, que eu pudesse vivenciar a experiência da CSA como coagricultora também.

Após esses primeiros encontros, visitei o ponto de convivência (PC) da CSA do qual pretendia participar, conversei com o produtor; e existia a possibilidade de eu entrar com uma cota para meia cesta, o que seria suficiente para mim e meu companheiro. Naquele dia, observei um pouco a dinâmica de algumas famílias que vieram buscar as cestas. Assim, fiz o primeiro contato com a coprodutora que se encarregava de receber as novas(os) *coagricultoras(es)*<sup>1</sup>, e comecei entusiasmada.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado no Brasil para um membro da CSA que passa a se “co” responsabilizar pela produção, que logo se torna um coprodutor.

As primeiras experiências no “ponto de acolhimento” (um dos nomes dados ao local de encontro para buscar as cestas e encontrar outras pessoas da comunidade) foram frustrantes, quando me vi comparando a experiência que vivia com a de outras CSAs, com os textos que curiosamente buscava para compreender um pouco mais do funcionamento e ideologias das CSAs pelo mundo e, claro, com minhas expectativas. Percebi-me num lugar de fronteira, que é o de ser pesquisadora, e “fazer parte” do estudo, como coagricultora. A cada encontro com o grupo que compõe minha CSA, sinto vontade de seguir ressignificando meu percurso acadêmico, de sair desse lugar da pesquisadora que precisa se “distanciar” do “objeto de pesquisa”. Assim, considero que foi preciso despir-me do pré-concebido, do esperado, para só então, assim, conseguir experienciar com os sentidos e instintos a postos e deixar-me ser surpreendida.

Com interesse maior de se pensar essas questões, a pesquisa *analisará o movimento CSA como comunidade de aprendizagem a partir de duas experiências brasilienses e do Grupo de Gestão da Rede CSA Brasília*. Para tanto, considero como objetivos específicos: refletir sobre as singularidades do movimento em Brasília a partir das experiências do Grupo de Gestão e das CSAs Doce Vida e Fazenda Bella; analisar quais aprendizagens, trocas e saberes são produzidos e compartilhados no âmbito dessas experiências; identificar e refletir sobre as contradições e os desafios que atravessam o movimento.

## **1.2 Apresentação dos capítulos da pesquisa-plantio**

Inspirada na beleza e no fluxo dos ciclos naturais da vida, busquei organizar os capítulos nos termos de tempo de plantio, no qual, passo a passo, caminhei rumo à celebração da colheita. Na seção anterior, fiz o reconhecimento do terreno, de suas curvas, paisagens, potenciais, em conexão com a trajetória que me conduziu a esse encontro com a CSA. A partir daí, apresento as perguntas e os objetivos que orientam esse plantio-pesquisa.

Num segundo passo desse caminhar, começo o planejamento do plantio, na qual procuro conhecer mais de perto as vocações da terra, pensar e iniciar os trabalhos nos espaços e tempos do plantio. O que inclui situar-me como pesquisadora-coagricultora, indicando os caminhos trilhados, em seguida faço uma breve apresentação do movimento da CSA até sua chegada em Brasília. Procuro situar o contexto acadêmico brasileiro de produção acerca da

CSA e discuto algumas noções que aterrizam nosso olhar sobre a experiência: *Culturezas, Comunidade e (re)pensando economias*. Por fim, justifico a escolha do olhar pedagógico que lanço sobre uma experiência de Economia Solidária.

No terceiro trecho da caminhada, semeio as sementes e as mudas já na terra recém-preparada. Nele, apresento a caminhada e reflito sobre o que foi surgindo de questões, ideias, inspirações e entendimentos que foram dando forma a essa rede de CSAs, onde, passo a passo, fui compreendendo um pouco mais de suas singularidades e potências.

Com as sementes e as mudas na terra, restam os cuidados diários. No quarto trecho de nossa caminhada, contextualizo a história das duas CSAs que acompanhei de perto e apresento brevemente a história do Grupo de Gestão da Rede, trazendo alguns dos contornos que a experiência em Brasília vem tomando.

Após a espera dos ciclos de cada alimento, dou início à colheita de aprendizagens no quinto e último trecho de caminhada. Colho os alimentos visíveis e invisíveis que vão dando forma à Pedagogia dos Encontros, assim como as contradições e desafios que também brotam das experiências brasilienses.

Chamo a atenção para a noção de *pedagogia* e qual contorno ela toma nessa pesquisa, discutindo algumas das dimensões pluriversas dos Encontros que, no caso da pedagogia que ousou propor, foram orientadas pelos encontros *com/entre*: Agricultores, Comunidade, Alimentos e Rede.

Os passos finais nos fazem chegar ao momento após a colheita: a entrega e celebração desta cesta de alimentos. Nessa seção final, busco lembrar os trajetos e travessias realizados e retomo brevemente, procurando responder às questões que moveram esta pesquisa-plantio.

Finalmente, devo dizer que minha escrita é um exercício-tentativa de transgressão do formalismo acadêmico. Meu desejo é que essas palavras possam ser lidas e façam sentido para pessoas que constroem conhecimentos fora dos espaços universitários, como as(os) agricultoras(es) e coagricultoras(es) com as quais tenho convivido na CSA. Com esse intuito, optei por sessões curtas - e acredito eu, interessantes-, algumas das quais vêm acompanhadas por esquemas resumo desenhados.

Desejo boa caminhada e bom plantio aí dentro de vocês.

Figura 2: Esquema resumo da apresentação dos capítulos da pesquisa



Fonte: Esquema da autora.

## CAPÍTULO 2 – Planejando o plantio

Figura 3: Primeiro planejamento da pesquisa-plantio, 2019



Fonte: Foto e esquema da autora.

Planejar um plantio requer conhecer o território, suas estações, o tipo de solo, assim, descubro qual período terei para plantar a minha floresta, preparar os insumos necessários, imaginar que culturas são possíveis associar e plantar nessa terra. É o momento em que se definem as prioridades, caracterização e descrição de análises dos aspectos naturais e sociais relevantes de uma área. A caracterização tem por objetivo descrever em um nível de detalhes que permitam planejar alternativas apropriadas. O planejamento do plantio é o desenho desse sistema agroflorestal. No caso desta pesquisa, sítuo nosso caminhar num espaço-tempo-inspirações.

Nesta seção, recorro e apresento como foi o processo de plantio deste estudo. Alguns chamariam de Metodologia de Pesquisa, o que para mim se traduz nesses passos dados ao se plantar e colher saberes e sabores ao longo de um caminho vivo. Como contei no capítulo anterior, a CSA foi surgindo em meu caminhar até florescer como uma possibilidade real e muito próxima do que buscava: de me aproximar e estudar os processos de aprendizagem dessas comunidades, no caso da CSA desde comunidades urbano-rurais. Logo em seguida, apresento um breve caminhar do histórico do movimento da CSA pelo mundo até sua chegada em Brasília. Finalizando a seção, apresento as *miradas* desde onde *sentipensei* as experiências da CSA: Culturas, Comunidade e (Re)pensando economias.

## **2.1 Situando-me na caminhada como pesquisadora e coagricultora**

“Ao mesmo tempo em que cuido da terra, planto palavras.”  
Ana Braga

Apresentei meu interesse sobre a experiência da CSA à Ana Tereza, minha professora e orientadora, e sonhamos juntas um bocado sobre as muitas possibilidades de olhares junto à CSA. Eu já havia entendido a importância de me engajar como coagricultora, de sair desse lugar de distância e poder incluir aí meu testemunho junto a outras(os) coagricultora(es) e agricultoras(es) da experiência. A experiência dentro da CSA me convidou a experimentar outras formas e percepções sobre os mundos em que vivemos (e sobre alguns que nem sequer enxergamos). Para minha surpresa, Ana Tereza buscou se engajar em uma CSA também. Éramos nós duas curiosas por experimentar a CSA, e deixamos ser transformadas e instigadas a pensar mais profundamente sobre esse movimento.

Desde então, me engajei como coagricultora da CSA Doce Vida e acompanhei desde a primeira reunião entre agricultoras(es) e coagricultoras(es) da CSA Fazenda Bella. Outro grupo que acompanhava era o grupo de gestão da Rede CSA Brasília, nos encontros mensais e algumas outras atividades que as(os) coagricultoras(es) desse grupo se envolviam. Ao mesmo tempo, acompanhava a dinâmica e questões que surgiam pelos canais de comunicação, tanto da rede virtual de CSAs brasilienses, como das comunidades via WhatsApp. Busquei registrar meus passos e observações em anotações nos cadernos de campo e por meio de gravações. Muito das narrativas que aconteciam junto aos meus interlocutores – coagricultoras(es) e agricultoras(es) – no dia a dia das experiências quase sempre se deram de forma espontânea e não precederam de um registro “formal”; foram surgindo alguns relatos em minhas notas de campo. Apenas no momento que denominei de “encontro” foram gravados, onde, a partir de um encontro pessoal, os interlocutores me narraram suas aproximações com a experiência da CSA, e onde nós trocamos experiências sobre nossos encontros proporcionados pela experiência que compartilhávamos: vivenciar a CSA. Desses encontros presenciais e via grupo de WhatsApp surgiam as aprendizagens produzidas e compartilhadas pelas comunidades e em Rede, assim como ideias, discussões de temáticas diversas, relatos de acontecimentos nas comunidades, compartilhamento de dúvidas e reflexões, e assim eu ia tecendo, junto a minha experiência pessoal, as contradições e desafios que atravessam o movimento.

Meus primeiros diálogos exploratórios com algumas(uns) coagricultoras(es) que participavam do Grupo de Gestão da Rede CSA Brasília sempre foram bem receptivos; eu era convidada a todo instante a pensar desde dentro da experiência. Senti um espaço aberto para construir diálogos e pensar em possibilidades mais coladas à realidade da experiência. Durante a minha apresentação diante do interesse de pesquisar/visibilizar as aprendizagens que ocorrem desde as experiências da CSA para o Grupo de Gestão da Rede, surgiu a possibilidade de contribuir junto com Leandra (Coagricultora da CSA Esperança) à frente de pesquisa da Rede CSA Brasília.

Leandra já vinha de uma caminhada pela academia e buscava criar espaços onde fosse possível estabelecer uma relação mais direta e recíproca entre pesquisadores e a Rede CSAs, possibilitando assim uma abertura de outras formas possíveis de se fazer pesquisa, como ela mesma me contou: “acabei escolhendo a parte de pesquisa porque justamente eu achava que

tem essa distância enorme da pesquisa acadêmica pra o que acontece na prática e tava claro que tinha um boom de pesquisas, sempre tem gente querendo estudar a CSA” (Leandra, coagricultora da CSA Esperança, prosa durante café, 2019). O que vinha acontecendo até então era a realização de pesquisas com pouco ou nenhum vínculo ou compromisso de que a pesquisa de alguma forma “retornasse” para as comunidades ou para a Rede.

Desde o início, o caminho desta pesquisa engajada e colaborativa não estava claro, pois era preciso ser construído. Meu primeiro desafio girou em torno de como criar essa comunidade que dá suporte à pesquisa, e que, por sua vez, retroalimenta a experiência? Talvez em alguma dimensão essa comunidade poderia surgir da criação do grupo de pesquisa da Rede CSA Brasília, que foi idealizado como um espaço de trocas e de aproximação entre pesquisadores e o movimento da CSA.

A primeira reunião do Grupo de Pesquisa da Rede CSA Brasília (GP da Rede CSA Brasília) aconteceu em outubro de 2019. Nos encontramos entre pesquisadoras(es) de CSA e coagricultoras(es). Alguns já apresentavam trabalhos de pesquisa mais avançados e outros se aproximavam da Rede com intuito de entender quais as “necessidades” dessa Rede para de fato iniciar a pesquisa. Todos nós nos apresentamos expondo nossas ideias e interesses de pesquisa relacionados com a CSA. Desse o primeiro encontro, surgiram alguns temas a serem construídos no coletivo: propomos a ideia de um banco coletivo de dados, o que envolvia pensar em um termo de consentimento esclarecido que envolvesse essa demanda; combinados entre rede-pesquisador; e começamos também a pensar em possíveis formatos para esses encontros.

Nesse primeiro encontro também surgiu o tema de ser pesquisador e de se engajar como coagricultora(o) em alguma CSA, afinal de contas, a percepção de quem observa da porta alguém que prepara uma comida é completamente diferente do que da pessoa que está ali no fogão, experimentando o sal e temperos, sentindo a viscosidade no mexer da colher e a queimadura do fogo.

Uma barreira que surgiu para alguns pesquisadores foi a impossibilidade de aderir à CSA pelo preço ou pelas dinâmicas de vida que aparentemente impossibilitariam a adesão ao movimento devido à rotina familiar. Pensando nessa barreira, propusemos a ideia de apadrinhamento dos pesquisadores por alguma CSA, com uma espécie de cota social e por alguma(m) agricultora(o) ou coagricultora(o) da rede que tivesse afinidade e interesse pelo

tema a ser pesquisado, para seguir acompanhando a(o) pesquisadora(o) e ser o elo entre pesquisador e Rede e vice-versa.

Uma articulação possível que surgiu entre os pesquisadores presentes no encontro foi a possibilidade de ajuda mútua na construção de capítulos, trocas de materiais e possíveis apresentações para retroalimentar as produções de diferentes pesquisadores que animassem a coconstruir sua pesquisa.

Em novembro de 2019, nos encontramos novamente e surgiram na reunião outros pesquisadores e professores interessados em se aproximar do movimento da CSA, propondo algumas pesquisas e construção de materiais. Ainda na busca desse clima de cocriação do Grupo de Pesquisa da Rede (GP da Rede), nos apresentamos novamente e algumas propostas de pesquisas foram feitas para a Rede CSA Brasília. Afinal, quem responderia por essa Rede? Leandra e eu, que acompanhávamos as reuniões do grupo de gestão há mais tempo, obviamente não seríamos quem responderia pela Rede. Esse grupo de pesquisa em construção contaria com esse canal de comunicação direto com o Grupo de Gestão para apresentar as ideias trazê-las para o GP, mas sem interesse de se impor como “representante” da Rede. Cada comunidade – suas(seus) agricultoras(es) e cogricultoras(es) – têm a plena autonomia de se relacionarem diretamente com as(os) pesquisadoras(es) que se aproximam.

A proposta do GP ia além, ou seja, engajar pesquisadores que por vontade própria aceitassem construir esse coletivo de pesquisa, colaborar com a construção dessa rede de CSAs – e pesquisar de uma forma menos solitária, diferentemente do que muitas vezes nos deparamos em ambientes acadêmicos –, a proposta girava em torno de: experimentar um processo de pesquisa coletivo incluindo de forma orgânica os membros da CSA, contando com o apoio de outros pesquisadores e dessa rede de pessoas.

Desta maneira, estávamos ali também construindo esses limites e tessituras dessa rede, afinal, o que é essa rede? Quais as suas necessidades? Para esta pesquisa-plantio, não me interessa a busca por respostas certas, porque os passos da caminhada se constituem de muitos questionamentos, que acabam sendo o que me faz avançar na caminhada. A curiosidade move. Ainda nesse encontro, retomando a ideia de pensarmos em um termo de compromisso entre rede e pesquisador para garantir justamente esse processo mais participativo junto à Rede, surgiu a ideia de que essas devolutivas não acontecessem somente ao final da pesquisa, mas que permeassem todo o processo investigativo.

Durante minha aproximação e melhor compreensão das necessidades e dinâmicas do GP da Rede, do Grupo de Gestão e das comunidades, elaborei uma proposta de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2), que foi sendo apresentado ao longo do campo para as(os) agricultoras(es) e coagricultoras(es), seja pela leitura em conjunto ou por envio via WhatsApp. Essa partilha permitiu uma construção coletiva do termo, que foi assinado digitalmente no ano de 2020 pelas pessoas que aceitaram participar como coautoras deste estudo.

Em razão da pandemia do Novo Coronavírus, no início deste ano de 2020, as atividades não continuaram com a regularidade que planejávamos. Esse distanciamento afetou também a ideia de continuidade do grupo. A experiência da força do coletivo, no caso da experiência do GP, reverberou em mim algumas ideias de como seguir trilhando esta pesquisa engajada. Ao acompanhar as experiências da CSA, sentia que as contribuições acabavam sendo feitas de forma orgânica e aconteciam no ato de minha presença e ação junto ao movimento, ou seja, minha participação como coagricultora permitiu que as “análises” ultrapassassem a fronteira da pesquisa acadêmica e permeassem desde reflexões dentro das experiências e, claro, dentro de minha própria experiência pessoal. Essa fronteira invisível entre o “objeto de pesquisa” e eu como “pesquisadora” não era clara, o que gerava em mim certa culpa por não conseguir assumir esse papel formal. Ainda assim, eu estava seguindo no caminho certo.

Um caminho que se mostrou possível na construção desta pesquisa engajada surgiu da proposta de não artificializar espaços para se “coletar” os dados para a pesquisa, criando espaços de vivência e encontros, onde ao mesmo tempo em que esses conhecimentos são produzidos, lembrados, cocriados, são incorporados pelas pessoas. Os pesquisadores surgem como abelhas polinizadoras para trocar informações, organizar e gerar novos frutos de pesquisas, o que é diferente de ir buscar conteúdo para ser extraído e produzido para depois ser destinado para a academia, e só então aproveitado pela Rede. A proposta é: a Rede produz, integra, se apropria e a pesquisa colhe, e não contrário (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante café, 2019).

Em paralelo às atividades do GP da Rede CSA Brasília, eu acompanhava as reuniões mensais do Grupo de Gestão, os pontos de convivência semanais das CSAs, os encontros das comunidades que aconteciam fora do ponto (vivências nas áreas produtivas e na casa de

coagricultoras(es) e minhas imersões nas roças). Em ambas as CSAs, o primeiro campo na roça aconteceu de maneira exploratória e curiosa, já a segunda delas fui com o objetivo de acompanhar e ajudar na colheita da cesta de cada comunidade. Foram nesses encontros que estive imersa com a mão na terra, de onde surgiu a inspiração de colher as aprendizagens, tanto as visíveis, quanto as invisíveis, dando forma de tempo de plantio a essa dissertação. A Figura 4 resume os encontros que foram acontecendo na caminhada.

**Figura 4:** Encontros da caminhada



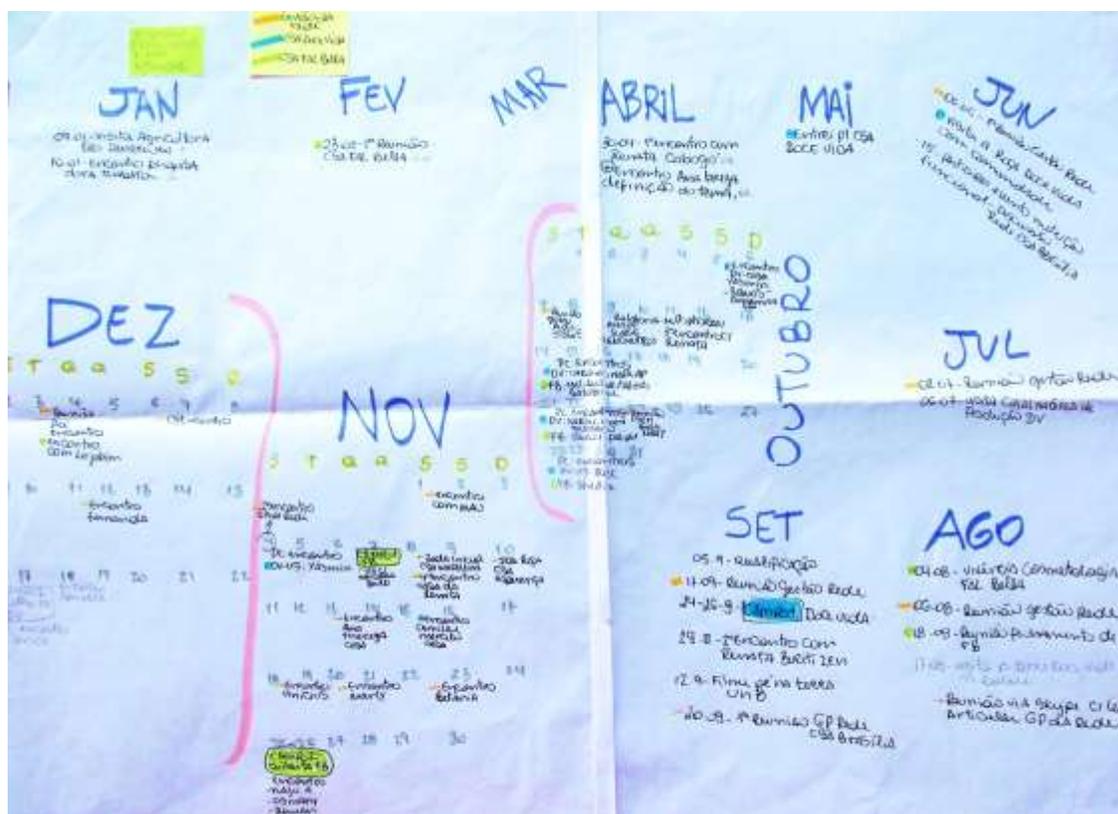
Fonte: Esquema da autora.

Ainda sobre a Figura 4 e seguindo seus fluxos, encontrei-me com nove coagricultoras(es) da CSA Doce Vida e 10 coagricultoras(es) da CSA Fazenda Bella, além do casal de agricultores de ambas as comunidades. Consegui também me encontrar com nove coagricultoras(es) participantes do Grupo de Gestão. Conseguir tempo de qualidade e tranquilidade para gerar as conversas com as(os) participantes das experiências foi um dos desafios que surgiram nessa caminhada. O fluxo desse caminhar também me proporcionou encontros que chamo de “fortuitos” – aqueles não esperados, mais que curiosamente vivi.

Durante uma das reuniões mensais do Grupo de Gestão, nos deparamos com um impasse sobre a escolha de um projeto a ser financiado pela Rede, durante a discussão, acabei propondo ao grupo a construção de um momento simples aonde o encontro da Rede fosse viabilizado, para que pudéssemos unir os *nós* que formam a Rede e vivenciar de fato a dimensão da Rede CSA Brasília. A ideia do evento Comunidade que Sustenta o Encontro (CSEncontro) tomou forma e aconteceu em dezembro de 2019.

Quando recordava o que já havia caminhado, nasceu o esquema apresentado na Figura 5, construído quase ao final desse caminhar, o que me permitiu olhar e relembrar meus passos. Pude observar temporalmente o entrelaçamento dos caminhos do Grupo de Gestão, da CSA Doce Vida e Fazenda Bella.

**Figura 5:** Esquema-temporal dos encontros durante meu caminhar



Fonte: Foto e esquema da autora.

Observando o esquema-temporal da caminhada apresentado na Figura 5, percebi que o início da pesquisa de campo foi marcado de muita curiosidade e êxtase, por estar me encontrando com paisagens e pessoas ainda desconhecidas. Num segundo momento, houve uma maior intensidade de encontros. Uma das dificuldades que enfrentei durante o caminhar foi conciliar o fluxo da academia e seus tempos, muitas vezes descolados da realidade, contribuindo assim para a artificialização do processo de pesquisa, com o tempo da experiência – pouco previsível, objetivo e racional – e com a minha experiência pessoal. Foi um malabarismo que acredito ter dado certo.

Meu caminhar ainda foi marcado por uma visita técnica ao México, onde tive a oportunidade de conhecer outras experiências de Economia Solidária; e com o grupo de estudantes e professores que compõe a MEIS (Mestrado em Educação para a Interculturalidade e a Sustentabilidade) da Universidade Veracruzana, em Xalapa, México. Fui generosamente recebida pela professora Juliana Merçon como estudante visitante de pós-graduação. Esses encontros me proporcionaram um adensamento teórico e experiencial importante na consolidação de muitas das ideias que foram plantadas ao longo deste caminhar. A sensação da caminhada durante a visita era de chegar ao cume de um morro, de onde conseguia enxergar, refletir e analisar os caminhos que tinha trilhado até então.

O momento de pandemia atravessou o período da escrita e a análise do campo, o que acabou dificultando e desarticulando a etapa de respiro que previ para a caminhada, em que iria trocar ideias sobre minhas escritas e esquemas, no sentido de comunicar meu caminho, compartilhar as ideias aqui apresentadas. O movimento da CSA esteve bastante mobilizado para garantir a segurança das(os) agricultoras(es) e coagricultoras(es), com medidas sanitárias e de segurança apropriadas durante a pandemia. Certamente, escrever sobre o encontro justamente num período de quarentena influenciou esta colheita.

Outro acontecimento importante que perpassou minha experiência pessoal e que foi completamente influenciado por minha experiência na CSA, foi minha primeira mudança para a roça, quando, ao mesmo tempo em que cuidava da terra, plantava as palavras que serão lidas aqui. O tempo da roça me ensinou e guiou minha escrita.

De fato, é necessário um grande esforço para se construir pesquisas que realmente cumpram sua função dentro da sociedade, contribuindo na construção de novas formas de pensar e de viver, construindo outros mundos possíveis. Eu aprendi a fazer pesquisa de

maneira solitária, e quando fui chamada para produzir no coletivo, vi a necessidade de criar estratégias que não estão prontas.

Em minha experiência no espaço acadêmico, o tempo que se tem é praticamente todo dedicado à produção para a sociedade acadêmica. Percebi a importância como pesquisadora descobrir maneiras de *abrir, arregaçar* espaços para que surjam produções e processos voltados para a grande maioria de pessoas que compõe a nossa sociedade: todos que existem fora do mundo acadêmico – e estou falando de “produções” que geralmente não vão para o currículo Lattes.

Para finalizar esta seção, é importante dizer que em meu processo criativo se fez muito presente colocar as ideias deste plantio no formato de desenhos/esquemas, como chuva de ideias, registros e gráficos. Foi a partir da espacialização das falas e afetos colhidos, que fui dando forma à pedagogia própria que vocês encontrarão nas seções seguintes.

Figura 6: Esquema resumo da caminhada como pesquisadora e coagricultora



Fonte: Esquema da autora.

## 2.2 A CSA pelo mundo e sua chegada em Brasília

Ao tomar contato com a experiência da CSA, senti a necessidade de compreender melhor o movimento da CSA pelo mundo até sua chegada ao Brasil e, mais especificamente, em Brasília. Nessa busca pela trajetória do movimento, fui descobrindo mais sobre o movimento da CSA e encontrei algumas pistas que acredito serem importantes para a caminhada da pesquisa e que compartilho nesta seção.

Para início de conversa, CSA é uma sigla traduzida do inglês (*Community Supported Agriculture*) para Comunidades que Sustentam a Agricultura. Essas comunidades existem hoje pelo mundo todo e possuem diferentes nomes na França, *Association Pour le Maintien d'une Agriculture Paysane* (AMAP) ou *Agriculture Soutenue par la Communauté* (ASC); italiano, *Gruppi di Acquisto Solidari* (GAS); na Bélgica, *Voedselteam*; na Espanha, *Grupos de Consumo ou Ecocajas*; em Portugal, *RECIPROCO*; no Equador, *Canastas comunitárias*; e no Japão, *Teikei*<sup>2</sup>. Apesar dos diferentes nomes, essas comunidades comungam de um objetivo comum: reestabelecer e fortalecer as parcerias entre produtores e consumidores, cujas responsabilidades em todo processo produtivo e comunitário são compartilhadas.

É interessante notar que as primeiras experiências surgiram no contexto pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando aconteceu, de forma mais intensa, o processo de modernização agrícola, transformando radicalmente a situação da produção agrícola no mundo. Nesse período, a segurança alimentar se tornou um tema central, justificando a adaptação de tecnologias desenvolvidas durante a guerra para a modernização da produção agrícola, tendo como objetivo garantir um alto rendimento, produtividade e eficiência necessários à manutenção do processo produtivo, porém, às custas de um grande impacto ambiental e social.

Dessa maneira, as primeiras experiências que se aproximam e inspiram as CSAs de hoje aconteceram no Japão, onde a iniciativa nasceu de um grupo de japonesas que organizaram o *seikatsu club* (“clube da vida”). Elas se preocupavam com o processo de industrialização da agricultura promovido pelo governo japonês e suas consequências para a saúde de suas famílias e do meio ambiente. A tradução literal da palavra *teikei* é “parceria”,

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://urgenci.net/csa-history/>.

que, filosoficamente, significa “comida com a cara do agricultor” (HENDERSON; VAN EN, 2007).

Os princípios que orientam essas organizações (Apêndice 1) foram escritos em uma carta que os estrutura como um sistema de trocas igualitárias marcadas pela divisão de valores e responsabilidades comuns entre produtores e consumidores, o que proporciona harmonia ao grupo, resultado da confiança, cooperação e lealdade (LAGANE, 2011).

Ainda nesse contexto de modernização agrícola, a Europa também experimentou um forte progresso tecnológico, permitindo o aumento da produtividade, mais uma vez à custa de sérios impactos ambientais e sociais. Em resposta a esse contexto, surgiam experiências de CSA em alguns países europeus. Para Schlicht *et al.* (2012), as experiências se iniciaram de maneira independente no Japão, Alemanha e Suíça durante a década de 1960.

Na Europa, uma das bases do movimento, que mais tarde seria nomeado de “*Community Supported Agriculture*”, tem origem em 1920, pelo filósofo Rudolf Steiner. Steiner propôs a teoria da Economia Viva, no sentido de reorganizar a economia humana e considerar seu caráter orgânico. As teorias econômicas de Steiner passam a tomar forma pelo mundo como “economia associativa”, o que converge com as CSAs.

No final dos anos de 1980, as “*Solidarische Landwirtschaft*”, que significa “agricultura em solidariedade”, concretizam-se como experiência na Alemanha. Já na Suíça, o movimento surge como “*Les Jardins de Cocagne*”, em 1981, a partir de um projeto de plantio biodinâmico realizado pelo suíço Jan Vander, que se inspira também em experiências alemãs e chilenas. A vivência desse produtor influenciaria, mais tarde, as primeiras experiências nos EUA.

No contexto da América Latina, a experiência chilena nomeada *Canasta Comunitária Utopía*, surge nos anos de 1980, logo após o final da ditadura de Pinochet (1973-199). O país vivia uma crise econômica que potencializou o surgimento de movimentos sociais e o consequente aparecimento do movimento. As *Canastas Comunitárias* surgiram a partir da mobilização de trabalhadores e moradores do mesmo bairro, apoiadas mais tarde por um grupo de estudantes de Agronomia. Ela existia no formato de uma associação de consumidores da qual participavam pessoas de baixa renda que se relacionavam com produtores da agricultura familiar, de comunidades indígenas, cooperativas e com uma central de distribuição regional (PREISS, 2017).

Já em 1986, a CSA chega aos EUA com a produtora alemã, Robyn Van En, e pelo produtor Jan Vander Tuim, que iniciaram as primeiras experiências no país, baseadas nos princípios da agricultura biodinâmica e da antroposofia (legados da filosofia do austríaco Rudolf Steiner), no caso, inspirada em seus estudos sobre economia viva, que possui como um dos conceitos base a associação entre agricultora(o) e consumidora(o), quando esses se conectam a partir de um interesse em comum (McFADDEN, 2004).

Quando Steven McFadden nomeia pela primeira vez nos EUA essas experiências como “*Community Supported Agriculture*” (CSA), em 1990, o país já tinha por volta de 60 CSAs em atividade, e 14 anos depois já seriam em torno de 1.700 experiências no país (McFADDEN, 2004).

Inspirados pelas experiências norte-americanas, um casal de produtores levou para a França esse modelo de parceria; e em 2000 é criada a primeira AMAP (Associação para a Manutenção de uma Agricultura Camponesa)/(*Association pour le Mainien d'une Agriculture Paysane*), que possui como principais características fortalecer a autonomia dos produtores rurais, desenvolver a soberania alimentar e o consumo responsável. Em 2011, a França já contava com mais de 2.000 grupos AMAP (URGENCI, 2019).

Desde que a experiência foi tomando corpo no continente europeu, a rede URGENCI foi criada com o objetivo de promover essas parcerias solidárias, facilitar o compartilhamento de informações entre os membros de diferentes países e divulgar a CSA pelo mundo:

A CSA vem se desenvolvendo mundo afora atingindo quase todos os continentes, Estados Unidos, Canadá, na Europa as principais iniciativas encontram-se no Reino Unido, França, República Tcheca, Alemanha, Romênia, Eslováquia, Grécia, Hungria, Suíça, Bélgica, Itália, Áustria e Espanha. Na Ásia, é possível encontrar CSAs na China, Índia, Paquistão, Japão e Taiwan. Também há várias iniciativas no continente africano, como na Argélia, Benin, Marrocos e Mali. Na Oceania, é possível encontrar iniciativas na Austrália. Por fim, na América Latina há CSAs no Brasil, Chile, Argentina e Equador. (URGENCI, 2019).

É interessante notar que não existe um histórico linear dentro da articulação e estruturação das CSAs pelo mundo – o estabelecimento das experiências ocorre por influências de outras experiências e pensamentos que se harmonizam com a proposta. Uma constante nas experiências que se frutificam pelo mundo afora é o interesse e a preocupação em se repensar o sistema econômico a partir de outros paradigmas e de sua relação com a agricultura, buscando outras possibilidades à agricultura industrial. Logo, podemos perceber

que não existe um interesse em confinar a CSA a um modelo único a ser replicado, e, sim, possibilitar sua compreensão de forma relocalizada, como experiências que prosperam paralelamente e que se inspiram na parceria solidária entre agricultora(o) e consumidora(o) (LAGANE, 2011).

Enquanto entendia mais sobre o movimento da CSA pelo mundo, fui construindo um mapeamento dos trabalhos científicos dedicados a estudar experiências de CSA, pela base de dados da Biblioteca Central da UnB. Utilizei como palavras-chave “Comunidade que Sustenta a Agricultura”, ou “*Community Supported Agriculture*”, e encontrei 12.097 resultados entre publicações em revistas acadêmicas, teses e dissertações.

Quando observei mais de perto a produção na base de dados primárias de teses e dissertações norte-americana ProQuest, encontrei 1.624 trabalhos produzidos sobre as CSAs; as outras publicações foram feitas na China, no Japão e na Europa. Ao me debruçar sobre as publicações nacionais disponíveis no banco de teses e dissertações da CAPES, encontrei, até junho de 2020, 12 (doze) trabalhos dedicados a estudar experiências de CSA brasileiras, somando a mais um trabalho divulgado pelo grupo de WhatsApp da rede de CSAs, um total de 13 trabalhos, entre dissertações (10) e teses (3).

Esses resultados me fizeram entender que a produção acadêmica voltada para a CSA era extensa e concentrada em alguns países, e no Brasil era recente e tímida, pela razão do movimento brasileiro ser recente. As produções acadêmicas brasileiras foram publicadas entre 2016 a 2019 e investigaram experiências situadas em: São Paulo (ROTOLI, 2016; ORTEGA, 2018; BENINI, 2018; TORUNSKY, 2019); Minas Gerais (ECKERT, 2016; OLIVEIRA, 2018; AGUIAR, 2018; NEVES, 2017); Rio de Janeiro (MARTINS, 2017; XAVIER, 2019); e apenas uma das pesquisas (PAIVA, 2019) se debruçou sobre experiências de CSA em diferentes estados brasileiros (São Paulo, Amazonas e Rio de Janeiro). Dentre essas autoras(es), apenas duas(dois) se dedicaram a experiências no DF (TORRES, 2017; SANTANA, 2018).

As contribuições vieram destes diferentes campos de conhecimento: Design (TORRES, 2017; NEVES, 2017); Ciências Agrárias (SANTANA, 2018; ROTOLI, 2016; ORTEGA, 2018); Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (BENINI, 2018); Administração (ECKERT, 2016; OLIVEIRA, 2018; AGUIAR, 2018; OLIVEIRA, 2018; PAIVA, 2019); Geografia (MARTINS, 2017); Ecologia Aplicada (TORUNSKY, 2019); e Gastronomia

(XAVIER, 2019). Essa diversidade temática me mostrou a permeabilidade de campos desde onde a CSA poderia ser pensada e reflexionada.

Dos estudos com os quais tive contato, apenas o de Paiva (2019) considerou uma perspectiva de análise das relações entre CSAs de diferentes estados brasileiros. A maioria dos trabalhos buscou analisar e refletir relações de dentro de uma mesma comunidade, por exemplo, relação agricultora(o)-coagricultora(o), apareceram outras categorias, tais como bolsista, voluntário e membros da gestão da CSA. Com essa reflexão, entendi a importância de visibilizar e estudar sobre essas relações entre comunidades que vêm se construindo dentro de movimentos em Rede.

Ao investigar mais detalhadamente os trabalhos citados acima, notei que apenas Benini (2018) e Oliveira (2018) trouxeram breves reflexões sobre a dimensão do potencial educativo das CSAs, apontando-as como potentes espaços de formação que acontecem tanto para as(os) coagricultoras(es) quanto para as(os) agricultoras(es) a partir do compartilhamento mútuo de experiências e aprendizados, porém só sendo possível “quando um grupo de consumidores juntamente com os agricultores estão *dispostos* a formar a comunidade”. (BENINI, 2018, p. 159, grifo nosso).

Da forma como compreendo, o campo de estudo da educação permeia inevitavelmente todos esses trabalhos, porém se torna uma lacuna quando pensamos na visibilidade dos processos educativos que acontecem dentro da CSA. Com esse olhar, ainda pouco elaborado pelas pesquisas até agora realizadas, pensar a CSA como uma experiência de comunidade de aprendizagem é talvez pensar uma educação na qual o ser humano não esteja desligado do mundo/natureza, tal como sugere Paulo Freire (1987), quando podemos ter de fato a realidade como mediadora da aprendizagem.

A primeira experiência brasileira inspirada na CSA aconteceu em 1997, em Fortaleza-Ceará, em um assentamento de produtores rurais, por meio da ADAO (Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica). Essa primeira experiência, denominada como Agricultura Motivada pela Comunidade, teve um forte crescimento em seus primeiros anos, como relata Yamamoto (2006). Em seu primeiro ano, chegou a contar com 120 associados, porém, devido uma crise de excesso de produção, a ADAO passou a se distanciar dos princípios que sustentam as CSAs, tornando-se uma feira orgânica aberta (TORUNSKY, 2019).

Foi somente em 2011 que outra experiência aconteceu no contexto brasileiro, agora no estado de São Paulo, onde surgiu a CSA Demétria. O alemão Hermann Pohlmann foi um dos articuladores da CSA Demétria, e trouxe suas contribuições para a experiência brasileira como artista plástico, bem como as influências do artista alemão Joseph Beuys, que traz o conceito de “escultura social”. Para Pohlmann, a CSA se constitui como um lugar de treinamento, onde o ser humano esculpe a escultura social a partir de uma experiência alternativa e de uma economia associativa (KINCELER, 2013), inspirada também pelo pensamento econômico do filósofo austríaco Rudolf Steiner.

Steiner criou teorias sobre a configuração econômica mundial, no sentido de reorganizá-la a partir de outros paradigmas. Ao observar o caráter orgânico da economia, o filósofo apresenta as associações como espaços comunitários que envolvem produtores, consumidores e comerciantes, configurando-se como *economia associativa* (FERREIRA NETO; TORUNSKY, 2014).

Em 2011, o conceito de CSA foi apresentado no Fórum Mundial Social, em Porto Alegre, como uma tecnologia social potente para o futuro do Brasil (CSA BRASÍLIA, 2019). Em 2013, com a criação de outras CSAs, iniciou-se uma série de encontros com pessoas interessadas, dos quais nasceu a Associação Comunitária CSA Brasil (TURUNSKY, 2019), com a missão de:

Promover o desenvolvimento da economia associativa por meio da agricultura comunitária entre agricultores e consumidores, em âmbito nacional, para se chegar a uma Escultura Social (Arte Social), com ações de apoio e educativas para que o agricultor deixe de vender seus produtos por meio de intermediários e conte, para organização e financiamento de sua produção, com a participação dos membros consumidores, colaborando para o desenvolvimento sustentável, comércio justo e fraterno, assegurando a oferta de produtos orgânicos/biodinâmicos, sem prejuízo ao meio ambiente (utilização do solo e recursos naturais), proporcionando, por fim, uma alimentação saudável para todos os envolvidos na comunidade. (CSA BRASIL, 2019)

A Associação passa a realizar oficinas e palestras no sentido de expandir o conceito de CSA país adentro. O primeiro curso de formação para agricultoras(es) e coagricultoras(es) aconteceu em Botucatu, São Paulo, na CSA Demétria. Desde as primeiras experiências desenvolvidas em 2011 no Brasil, a CSA vem se expandindo pelo Brasil, que hoje está em praticamente todos os estados brasileiros.

A CSA chega a Brasília através de um grupo de permacultoras<sup>3</sup> interessadas em implementar a experiência como forma de escoar os produtos do Sítio da Toca da Coruja. Renata, que é coagricultora, articuladora do movimento em Brasília, explica que os primeiros contatos com experiências de CSA, agricultura urbana e com novos arranjos de distribuição organizada de alimentos, deram-se em 2008 durante sua participação num congresso latino-americano de permacultura ocorrido em Cuba. Ainda na época, “as ideias ficaram gravitando no campo dos sonhos”; e foi somente em 2012 que participou junto à agricultora Andrea de uma experiência piloto no sítio Toca da Coruja, quando

Começamos a pensar em planejamentos de canteiros juntos, pensar no que a gente queria plantar e nessa lógica de atender as famílias e não entregar pra feira. A Andréia, minha sócia, já produzia alimentos para a família, o pai era agricultor e ela toda semana chegava lá em casa com uma cesta de alimentos, então começamos a perceber que tinha uma dinâmica que já era uma CSA acontecendo. E eu comecei a perceber que outras pessoas também gostariam de ter essa experiência. (Renata, prosa durante café, 2019).

No ano de 2014, em um evento sobre tecnologia realizado na UnB, foi apresentada uma palestra com a temática “Exemplos de CSA na Europa: para além da lógica de mercado”, sendo organizada pela ONG Mutirão Agroflorestal. Cathy Boufartique e Phillipp Weckenbrock apresentaram casos de CSA na França e na Alemanha (TORRES, 2017).

Quatro meses após a palestra, Fabiana Peneireiro (produtora e membro da ONG Mutirão Agroflorestal), Andrea Zimmermann (Produtora e residente no Sítio da Toca da Coruja) e Renata Navega (entusiasta que também usufruiu do experimento entre amigos no Sítio) participaram do “I Curso de Formação em CSA: de uma cultura do preço para uma cultura do apreço”, promovido pela CSA Deméria, em São Paulo, com a intenção de trazer o movimento da CSA para Brasília (TORRES, 2017).

A fim de divulgar os aprendizados e a fortalecer a organização de CSAs no DF, Renata, Andrea e Fabiana realizam, em dezembro de 2014, a “Roda de Conversa sobre CSA: Partilha do Curso no CSA Deméria”, no Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB. Em 2015, nasceram as três primeiras comunidades de Brasília: CSA Barbeta, CSA Toca da Coruja e CSA Aldeia do Altiplano (TORRES, 2017).

---

<sup>3</sup> Segundo Bill Morison, um dos criadores do termo “Permacultura” nos anos de 1970 (que é entendido como “Cultura permanente”), este se baseia na “elaboração, implantação e manutenção de ecossistemas produtivos que mantenham a diversidade, a resiliência e a estabilidade dos ecossistemas naturais, promovendo energia, moradia e alimentação humana de forma harmoniosa com o ambiente”.

Com a crescente procura de produtores e consumidores para a formação de CSAs no DF, em 2016 nasce a Rede CSA Brasília, que tem como princípio orientador “Ser o elo de integração e fortalecimento do movimento social de Comunidades que Sustentam a Agricultura no DF, para promover uma cultura solidária, saudável e sustentável de produção e consumo de alimentos”. (CSA BRASÍLIA, 2019).

A Rede CSA Brasília, em parceria com a empresa MATRES Socioambiental, realizou em Brasília, no ano de 2016, o primeiro curso de formação de CSAs. Com o apoio do SEBRAE-DF e do ISPN (Instituto Sociedade, População e Natureza), foi desenvolvido um trabalho de consultoria voltado à formação de CSAs para a sustentabilidade da produção agroecológica da Aprospera (Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu), localizada na Bacia do Pípiripau, em Planaltina-DF (TORRES, 2017).

Hoje, a Rede é formada por mais de 35 CSAs pelo DF e, com esse aumento crescente das comunidades (Figura 7), a Rede CSA Brasília conta com um grupo voluntário de coagricultoras(es) de diferentes CSAs do DF que formam o grupo de gestão da Rede CSA Brasília e nasce como um espaço onde convergem trocas de experiências e discussões de demandas relacionadas à comunicação, ao financeiro, cursos de formação, pesquisas, entre outros temas. Renata exemplifica a Rede nesta metáfora: “como um líquido amniótico que fomenta as experiências que possuem dinâmicas próprias.”

**Figura 7:** Formação temporal das CSAs brasileiras



Fonte: <https://csabrasilia.wordpress.com>.

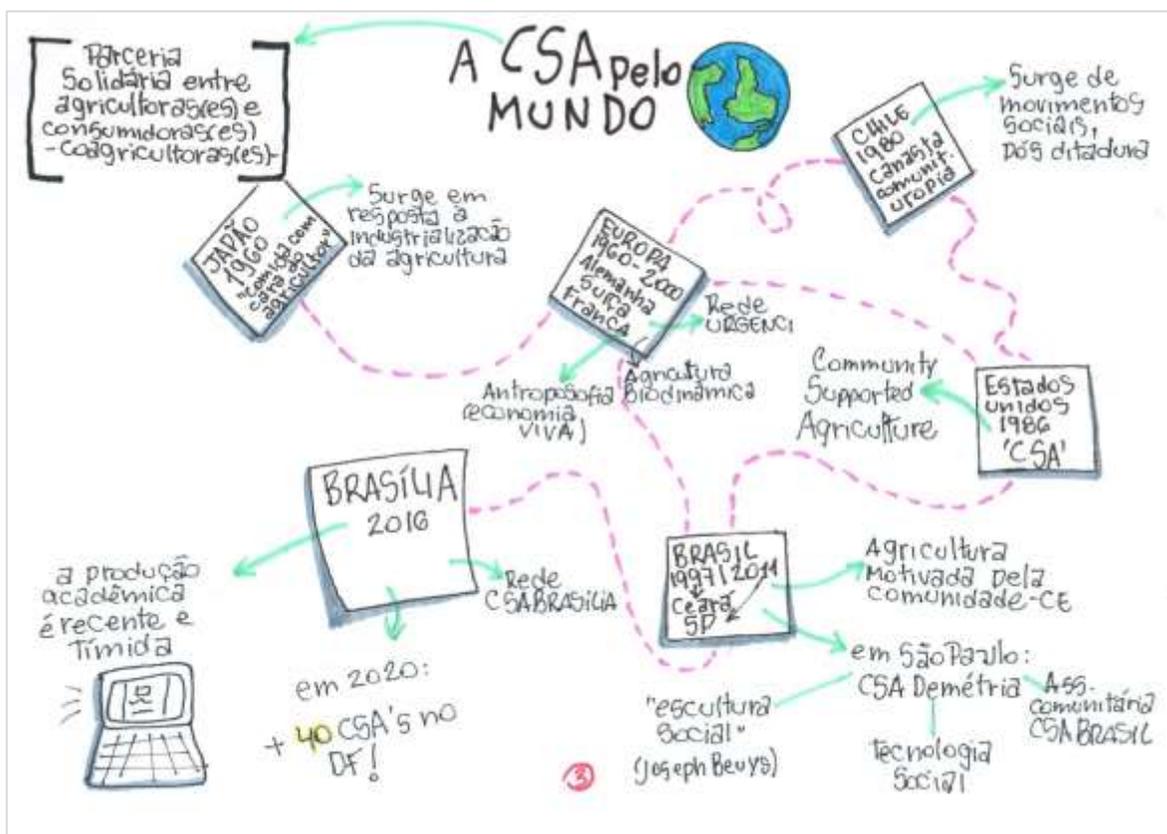
A partir da análise e reflexões sobre as CSAs brasileiras estudadas até o momento, entendo que as CSAs mostram características operacionais parecidas; porém, muito mais que padrões a serem construídos sobre as comunidades, é importante que se ressalte as diversidades encontradas dentro de cada experiência (TORRES, 2017). Os desafios e tensões vividos pelas comunidades possibilitam criar estratégias muito próprias que surgem dentro da comunidade, e no caso de Brasília, acontecem também em rede.

Alguns pesquisadores brasileiros nos ajudam a ampliar um pouco mais nosso entendimento sobre a dinâmica da concepção de CSA: para Torres (2017), CSA é uma tecnologia social; já Santana (2018), a considera como um tipo de ativismo que se inspira no conceito de “economia associativa”; Ortega (2018) a entende como uma ideia de parceria entre membros e agricultoras(es); Eckert (2016) a explica como uma nova forma de lidar com sistemas alimentares, quando o consumidor consciente concorda em compartilhar os riscos e benefícios com os produtores rurais. Para Oliveira (2018), trata-se de um modelo de organização sem fins lucrativos que propõe uma produção voltada para a valorização de pequenos empreendimentos agrícolas e a agricultura familiar. Neves (2017) a considera

como um sistema de distribuição de alimentos, em que os consumidores pré-financiam a produção de uma ou mais agricultoras(es) locais; e Rotoli (2016) a considera como um mercado alternativo de incentivo à produção de alimentos locais. A forma de funcionamento dessas experiências se torna aqui indissociável de seu conceito. Para este estudo, a CSA se apresenta como uma comunidade de aprendizagem viva.

Assim, o movimento da CSA representa uma abertura de outros caminhos possíveis. E, justamente por suas características transgressoras e insurgentes, vem se tornando uma temática de grande interesse para a academia. O movimento da CSA, como caminho que vem sendo trilhado, sofre com as alterações do tempo e com as dinâmicas naturais, o que o faz com que não seja o mesmo caminho, como o da primeira vez. Essas transformações possibilitam a contemplação de novas paisagens, novos ares e sensações, mas também suscitam novos desafios, questionamentos e limitações, o que é característico daquilo que é novo. Portanto, é preciso reinventar-se para seguir caminhando, estranhando o conhecido para contemplar o caminho com novos olhares.

**Figura 8:** Esquema resumo da CSA pelo mundo



Fonte: Esquema da autora.

### 2.3 De que mirada vamos viver a realidade?

A partir da caminhada empreendida até aqui, já sabemos um pouco mais sobre como eu me situo nesta pesquisa, sabemos um pouco mais sobre o movimento que inspira toda a pesquisa e sobre algumas pesquisas desenvolvidas com interesse na CSA. É interessante notar a diversidade de dimensões que permeiam a CSA e como podemos pensá-la a partir de diferentes perspectivas. Desta forma, a Figura 9 foi desenhada a partir dos paradigmas apresentados pelas pesquisas dos autores citados na seção anterior e outros, identificados nas falas dos participantes de CSA com os quais fui me encontrando durante a pesquisa de campo:

**Figura 9:** Paradigmas que perpassam a experiência da CSA



Fonte: foto e esquema da autora.

Esses grandes temas englobam uma parte relativamente recente da vida humana no planeta, alguns apontando para as possibilidades de transformar a realidade, as quais se

mostram cada vez mais insustentáveis. É a partir da experiência com o mundo que viemos aprendendo, desaprendendo e esquecendo muitas coisas. Um exemplo interessante dessa realidade é questionarmos do que é feita a cidade? De filhos e netos de camponeses. Não podemos (ou não deveríamos) esquecer disso. Podemos assim dizer que tudo o que vivemos faz parte da nossa práxis, e vem moldando nossos processos educativos coletivos e individuais. Dessa maneira, entendo que não há diferença entre viver e aprender.

Para além de ser tecida desde perspectivas ambientais, sociais e políticas, aqui considero especialmente que o movimento da CSA está profundamente imerso em uma perspectiva educacional (com toda a amplitude que esse termo representa). E para situar-nos em largos horizontes, antes de avançar rumo ao plantio em questão, começo uma caminhada que passa por três grandes temas que mais à frente vão nos ajudar a orientar nossos olhares sobre a experiência: *Culturezas*, *Comunidade* e *(Re)pensando Economias*.

Esses passos se iniciam em reflexões sobre os desdobramentos da dualidade *cultura* e *natureza* (*Culturezas*) a partir de nossas maneiras de vivenciar o mundo; logo em seguida, iremos passar por reflexões sobre *Comunidade*, e daí rumaremos para algumas importantes considerações sobre sistemas econômicos/culturais.

Neste momento de preparo ante o caminho, preciso deixar claro que não foi meu objetivo delongar acerca dos diversos temas que irão surgir a seguir, afinal, muitos pesquisadores já o fizeram de forma exitosa. Por isso, meu objetivo aqui é encaminhar nosso olhar criticamente e de forma a nos contextualizar desde a prática, nos preparando para o momento do plantio, onde já poderemos (se este capítulo cumprir a sua função) nos situar melhor diante das reflexões que serão colhidas (sim: a hora da mão na terra).

### **2.3.1 Culturezas**

Por que e como se constroem movimentos como a CSA, que propõem uma reconexão com o alimento que se come e entre quem o produz e quem financia a produção de alimentos, aproximando pessoas, o urbano e o rural, numa perspectiva de reciprocidade que realociza e comunitariza as relações? Para compreender a emergência de movimentos como esse, é preciso dar alguns passos atrás e pensar em como as naturezas-culturas vieram desconectando-se no sistema-mundo moderno-colonial. Dessa forma, a CSA nos permitirá refletir sobre a potência transgressora e os desafios que se colocam frente os projetos contra-

hegemônicos, assim como sobre quais outros mundos e modos de vida eles ajudam a construir.

Escobar (2005) nos explica que a modernidade é um período histórico que surge principalmente no norte da Europa, no final do século 17, e tem seu auge no século 18. Porém esse período representa muito mais que uma condição temporal. Para Quijano (2013), representa o surgimento de toda uma categoria filosófica e o imaginário de um projeto sociocultural que pretende construir uma visão única e geral do mundo. Desta forma, as sociedades modernas caracterizam-se pelos domínios: econômico (no caso capitalista); da autoridade; dos corpos (que foram racializados, escravizados e subalternizados); e do conhecimento (científico), por gerarem desigualdade, às custas de relações de exploração. A seguir, entenderemos o que significou a centralidade das sociedades modernas diante da pluralidade cultural que existia.

Antes de a Europa se afirmar como o novo centro de poder, muitos povos e suas civilizações construía suas próprias memórias históricas e culturais. Existiam vários entendimentos sobre cultura, natureza, ciências e desenvolvimentos. Com as conquistas europeias sobre diferentes países e civilizações, na Ásia, África e América Latina, iniciou-se a formação de uma nova ordem mundial e a Europa passou a concentrar não somente recursos, mas com a lógica da colonização passou a concentrar também o poder (QUIJANO, 1992). E dessa relação de dominação política, social e cultural europeia sobre os colonizados surge o que Casanova (2006) reconhece como colonialismo. Porém, o fim das relações coloniais não significou o fim das estruturas de poder. Nasce a partir daí o que Quijano (1992) nomeou de colonialidades.

Dessa forma, o colonialismo existiu como mais que um sistema de dominação de uma sociedade sobre outras, tratou-se principalmente da colonização do imaginário dos dominados:

Então a cultura europeia se tornou uma sedução: dava acesso ao poder. Afinal, além da repressão, o instrumento principal de todo o poder é a sua sedução. A europeização cultural tornou-se uma aspiração. Era uma forma de participar do poder colonial, mas também poderia servir para destruí-lo e, mais tarde, para alcançar os mesmos benefícios materiais e o mesmo poder que os europeus; para conquistar a natureza. De qualquer forma, para o “desenvolvimento”. A cultura europeia passou a ser um modelo de cultura universal. O imaginário nas culturas

não europeias, hoje, dificilmente poderia existir e, acima de tudo, reproduzir-se fora dessas relações<sup>4</sup>. (ESCOBAR, 2014, p. 13, tradução nossa).

Mesmo com o fim da relação entre colônia e colonizador, que aconteceu com a independência ou “descolonização” (a exemplo do Brasil em relação a colônia portuguesa) e que produziu o extermínio e a desumanização de diferentes civilizações, povos e seus saberes, as colonialidades se constituem como formas de dominação que persistem até hoje. Essas colonialidades se legitimaram a partir do paradigma europeu de modernidade, sobre o qual a Europa situa-se como centro de poder, de conhecimento, de superioridade racial. Todas as outras culturas tornaram-se “as outras”.

Podemos compreender as colonialidades como marcas, rastros profundos que foram deixados em nossa sociedade, e inevitavelmente, dentro de nós. Esses desdobramentos sociopolíticos são evidentes em nossa sociedade, a exemplo: questão racial (reprodução das desigualdades sociais de formas racializadas e subalternizadas); a própria relação entre a cidade – como principal centro reprodutor da vida moderno-colonial – que prevalece política, cultural, educacional e economicamente sobre o campo; e a questão agrária que reproduz até hoje a lógica dos latifúndios: concentração de terras conquistadas a partir da desapropriação de seus legítimos moradores, baseada na exploração dos humanos quanto na dos não humanos.

É nesse contexto que essas formas de dominação incutiram o “desenvolvimento” como trilha comum a ser caminhada por todas as sociedades, porém, “ao percorrer esse caminho negamos inclusive nossas raízes históricas culturais para modernizar-nos, imitando os países centrais, negando as possibilidades de uma modernização própria” (ACOSTA, 2016). O desenvolvimento legitimou o colonialismo (CASANOVA, 2006) e faz com que neguemos as diversas possibilidades outras de se relacionar com as naturezas: culturais, econômicas, espirituais, ambientais e políticas. Perdemos, inclusive, a capacidade de representar a natureza como um todo (DESCOLA, 2016).

---

<sup>4</sup> “Entonces, la cultura europea se convirtió, además, en una seducción: daba acceso al poder. Después de todo, mas allá de la represión, el instrumento principal de todo poder es su seducción. La europeización cultural se convirtió en una aspiración. Era un modo de participar en el poder colonial pero también podía servir para destruirlo y, después, para alcanzar los mismos beneficios materiales y el mismo poder que los europeos; para conquistar la naturaleza. En fin, para el ‘desarrollo’. La cultura europea pasó a ser un modelo cultural universal. El imaginario en las culturas no-europeas, hoy difícilmente podría existir y, sobre todo, reproducirse, fuera de esas relaciones.” (ESCOBAR, 2014, p. 13).

Um exemplo que nos interessa neste estudo é o tema agrário brasileiro, em que o inculcamento do desenvolvimento foi evidenciado pela “Revolução Verde”, que ocorreu durante os anos de 1960 e 1970. Essa “Revolução”, que pretendia aumentar a produção agrícola em escala industrial, aconteceu a partir da transferência tecnológica (no caso dos países/continente ditos desenvolvidos: Europa e Estados Unidos para países ditos subdesenvolvidos, como exemplo o Brasil), no formato de pacotes tecnológicos padronizados: sementes modificadas geneticamente, espécies exóticas, fertilizantes e agrotóxicos. A proposta era “simplificar” e criar, independentemente da diferença geográfica e cultural, um modelo de agricultura comum, ou seja, colonizar agriculturas.

Dessa maneira, “o objetivo primordial da agricultura não era mais produzir alimento para alimentar as pessoas: a agricultura se tornou agronegócio”. (KUMAR, 2017, p.110). A modernização da agricultura brasileira, que foi predominantemente conduzida pelo Estado, é marcada pela mecanização, motorização e uso de químicos, também por favorecer a agricultura empresarial/industrial, como define Vandana Shiva<sup>5</sup>: uma agricultura sem agricultoras(es), uma agricultura digital.

A ligação do sucesso do campo à agricultura industrial – a vida urbana/moderna no campo – sem um projeto de reforma agrária gerou sérios impactos para a agricultura familiar, tais como: aumento da concentração de terras, piora da qualidade de vida no campo, dificuldade de subsídios para pequenas(os) agricultoras(es); aumento da degradação ambiental e diminuição da diversidade agrária, aumentando as desigualdades sociais, e como consequência, houve um aumento na exploração (e autoexploração) da força de trabalho rural; e tudo isso contribuindo, junto ao êxodo urbano (que já vinha ocorrendo), para um esvaziamento ainda maior do espaço rural (PALMEIRA, 1898; MARTINE, 1991). Podemos constatar ainda que:

O desenvolvimento tecnológico e suas aplicações na economia das sociedades avançadas manifestam um novo tipo de racionalidade: a racionalidade técnico-científica, e, com ela, *a cientifização do homem e da natureza*. Significa que a *agricultura industrializada* pode artificializar a natureza, reproduzindo-a através da ciência, aportando algo decisivo na configuração da estrutura social do mundo rural e das sociedades pós-industriais: o homem pode, através da tecnologia, separar-se da natureza, dominá-la e, finalmente, ser o rei de sua criação<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.navdanya.org/bija-reflections/2020/07/05/world-simplicity-day-12th-july-202/>.

<sup>6</sup> “*El desarrollo tecnológico y sus aplicaciones en la economía de las sociedades avanzadas pone manifiesto un nuevo tipo de racionalidad: la racionalidad científico-técnica y, con ella, la cientifización del hombre y la*

(GUZMAN CASADO; GONZÁLEZ de MOLINA; SEVILLA GUZMÁN, 2000, p. 35, grifo dos autores, tradução nossa).

Como podemos perceber, a colonialidade se expressa de várias maneiras e impacta de forma direta na criação e na visão de mundo. No caso da “Revolução Verde”, ocorreu uma apropriação da natureza: o uso da terra apenas como recurso para se chegar a um fim nada diverso e harmônico: um “milagre econômico” que aconteceu para poucos.

Sob essa perspectiva, essas negações de se viver em diversidade acabaram acontecendo pela distância abissal em que a modernidade se colocou em relação ao passado, e é o que fundamenta a divisão binária natureza/cultura, em que o homem moderno passa a não se ver como parte da natureza, mas como uma força externa a ela, destinada a dominá-la e conquistá-la. Essa visão de mundo arrogante, ou seja, o ser humano assumindo uma posição de domínio, “nos levou à derrocada dos relacionamentos recíprocos, mútuos, respeitosos, reverentes e espirituais entre seres humanos e natureza. De fato, os humanos acabaram por acreditar que estão separados da natureza e acima dela. A natureza está lá fora.” (KUMAR, 2017, p. 21-22).

É preciso entender até que ponto a nossa visão sobre a natureza regula nossos comportamentos (LARRÈRE; LARRÈRE, 1998), ou seja, as concepções que viemos construindo até hoje sobre o que é natureza – natureza-recurso, natureza-casa, natureza-espiritualidade – orientam nossas ações diante dela. Sob outra perspectiva, as estruturas nas quais vivemos acabam moldando nossos comportamentos. Essa afirmação me faz pensar em quais mudanças nas estruturas são necessárias para favorecerem comportamentos mais justos, afetuosos e reconectados com a natureza.

Afinal, o que é a natureza? Nossos processos históricos socioambientais têm tudo a ver com esse questionamento. Ao longo do período de colonização, modernização e industrialização, nossas experiências de relação com a natureza se transformaram completamente. Se nossas avós ou bisavós viviam e compreendiam essa interdependência com a terra, com as plantas, bichos e com as pessoas, nós, em sua maioria filhas das cidades, passamos a ignorar quase ou completamente essa relação e alimentamos a ideia de não

---

naturaleza. Ello significa que la agricultura industrializada *puede artificializar la naturaleza reproduciéndola a través de la ciencia y, por tanto, aportar algo decisivo en la configuración de la estructura social del mundo rural de las sociedades post-industriales: el hombre puede, a través de la tecnología, separarse de la naturaleza, dominarla y, finalmente, ser el rey de la creación.*” (GUZMAN CASADO; GONZÁLEZ de MOLINA; SEVILLA GUZMÁN, 2000, p. 35).

dependência da natureza. Nesse sentido, buscar por outras possibilidades de se relacionar com a natureza se torna uma tarefa urgente.

Da forma como compreendo a CSA, o movimento tem como uma de suas potências a possibilidade de proporcionar o encontro entre diferentes percepções de culturas-naturezas, de ressignificar essas relações por meio de uma noção complexa de natureza que envolve, para além do biofísico: dimensões culturais, sociais, políticas e espirituais. Pode, como experiência contra-hegemônica, promover o encontro entre diferentes representações de natureza que atravessam os mundos rurais e urbanos.

Nessa perspectiva, a Agricultura enquanto campo de disputas, de onde a CSA pulsa, já provoca diversos desafios a serem enfrentados por ser esse tipo de experiência que vislumbra trilhar caminhos contra-hegemônicos, para além de lidar com suas próprias contradições internas.

Para Toledo e Barrera-Bassols (2015), a sociedade moderna vem sofrendo de “amnésia”, e isso acontece de forma mais perceptível dentro dos meios urbanos e industriais que vêm perdendo a sua capacidade de recordar:

O primeiro sinal de esquecimento é o fato de os indivíduos modernos não se considerarem como mais uma espécie biológica do planeta, ignorando que existe mais de uma forma de se relacionar com a natureza – ou com o que não é humano –, assim como há diversas maneiras de se organizar como coletivos sociais a partir de outros sistemas de valores, de outro *ethos*. Igualmente, desconhecem que as sociedades humanas conseguiram persistir ao longo do tempo ao estabelecer uma certa aliança com a natureza – ou poderíamos dizer, com as naturezas – através de um processo recíproco, de um fenômeno de coevolução. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 17).

Sob esse aspecto, a perda da capacidade de recordar outras possibilidades de existir no mundo, logo, de se relacionar com a natureza, é sobretudo a perda da capacidade de se viver em diversidade. Para Shiva (2003), a uniformidade e a diversidade não são somente maneiras de usar a terra, mas formas de se pensar e viver; e na perspectiva aqui abordada, também são possibilidades de se relacionar com diferentes naturezas ou existências.

Para pensar a CSA como uma experiência que busca aproximar seus participantes de suas memórias da terra, alimentares, culturais, biológicas e cognitivas (conhecimentos e sabedorias ancestralmente adquiridos), é importante para este projeto olhar também para os desafios envolvidos nesse processo de recuperação que Toledo e Barrera-Bassols (2015) chamam de “memória biocultural”. No caso específico da experiência da CSA, esse processo

se dá desde a cidade, mas que não se limita a ela, já que propõe essa aproximação com a vida rural e suas memórias.

Essas memórias estão guardadas, sobretudo, nas diferentes formas que o ser humano foi encontrando para manejar e adaptar-se às condições da terra, ou seja, nas relações tecidas com as naturezas existentes, que são principalmente encontradas nos saberes ancestrais de comunidades originárias e tradicionais. Tais relações evocam a ideia de natureza trazida por Descola (2016) como sendo exercício de uma construção social em um constante vir-a-ser.

### **2.3.2 Comunidade**

A CSA pode ser caracterizada ainda como um movimento que pretende aproximar consumidores e produtores e proporcionar uma alimentação orgânica e de qualidade, mas, acima de tudo, também é um movimento que possibilita a criação e sustentação de relações comunitárias solidárias. Desta forma, a categoria “comunidade” ganha centralidade nesta pesquisa, pois lança luzes sobre o caráter comunitário dessa experiência, que compreende uma das bases fundamentais para que a CSA aconteça e se mantenha.

O caráter comunitário é fundamental para compreendermos como a CSA emerge, desenvolve-se e se mantém. *Comunidade* é um conceito que nos dicionários é compreendido como um conjunto de pessoas que vivem em uma mesma região, compartilhando algo em comum, seja uma língua, um governo, um território ou cultura.

Porém, a noção de comunidade vem se expandindo, se reterritorializando, tomando outros formatos e se aplicando a pessoas que compartilham coisas para além do espaço geográfico, por exemplo: histórias comuns, ideias/ideais em comum ou ações em comum. Dessa forma, a CSA também pode ser compreendida como comunidades que transcendem os limites geográficos e se formam a partir da busca por ideais em comum.

Outra forma pela qual podemos tomar o conceito comunidade é de “comunidade de aprendizagem”, termo que surge desde experiências educativas na Espanha. Ferrada e Flecha (2008) consideram como “comunidades de aprendizagem” projetos educativos que compartilham uma nova concepção de educação e novas pedagogias, onde se considera o engajamento de toda a comunidade escolar, e isso inclui a comunidade “de fora” da escola

também, onde todos colaboram solidariamente para uma aprendizagem de qualidade aos estudantes. Esse conceito pode ser ampliado tanto para projetos educativos não escolarizados como para as comunidades que se formam a partir da experiência da CSA, de onde potencialmente podem emergir pedagogias muito próprias.

Ampliando um pouco mais as dimensões de Comunidade, outro autor que contribui para ampliar a discussão é Escobar (2014), que discute a lógica dos sistemas comunais e das ontologias<sup>7</sup> simétricas como diferentes formas de se ver e de organizar a vida. É importante considerar, desde já, que essas racionalidades outras vêm sendo mantidas principalmente por lutas populares de povos de diferentes culturas, que mantêm vivas práticas comunitárias ao longo do tempo (ESCOBAR, 2014).

A lógica do sistema comunal ou comunitário faz referência à propriedade coletiva dos bens naturais que acontece por meio da autogestão que desloca a economia capitalista e a democracia liberal representativa rumo a formas comunais de economia e autogoverno (ESCOBAR, 2014). Segundo Escobar (2014), a realidade é radicalmente recíproca e as ontologias simétricas são aquelas em que os mundos biofísicos, humanos e supranaturais não são considerados como entidades isoladas, mas, sim, como dimensões conectadas por vínculos de continuidade. Tudo *inter existe*, não somente indivíduos, mas há uma constante relação entre os mundos humano e não humano.

Essas lógicas se apresentam igualmente como perspectivas críticas sobre o capitalismo, desenvolvimento e modernidade na América Latina. Podem ser entendidas também como respostas às formas modernas – ontologias modernas – de liberalismo estatal e capitalista de organização social, movidos pelo paradigma da individualidade, do interesse próprio.

Nesse sentido, um aspecto importante a ser considerado é o fato de a ontologia moderna internalizar o individualismo como mentalidade dominante, que passa também a definir nossas estruturas sociais e formas de organização (ALVARADO, 2015). A individualidade passou a limitar e dificultar nossas experiências comunitárias, como, por exemplo, ao observar o sistema econômico dominante, que se baseia exclusivamente na propriedade privada dos meios de produção, e tem por objetivo a acumulação do capital que

---

<sup>7</sup> Ontologia (vem do grego *ontos*, “ser”, “ente”; e *logos*, “saber”, “doutrina”) é uma palavra que designa o “estudo do ser”, em outras palavras: designa a forma de como esse ser compreende e vive no mundo.

acontece de maneira ilimitada e competitiva. A economia de mercado atual é marcada e dirigida pelo interesse individual, e nesta relação prevalece a busca do bem-estar próprio em relação ao outro, na crença de que esse caminho levará a sociedade como um todo à prosperidade (FERREIRA NETO; TORUNSKY, 2014).

Um exemplo que elucida essas diferentes formas de se viver no mundo é a diferença radical entre as relações tecidas no meio rural e no urbano. Ibáñez (2016) nos explica um pouco mais sobre a cidade como o “coração da reprodução dos modos de vida dominantes, coloniais, modernos, capitalistas”:

A cidade elevou-se, no simbólico dominante, ao lugar privilegiado de distanciamento da Natureza, ao lugar da civilização, ao lugar do sucesso moderno, à materialização do progresso e do desenvolvimento. A cidade identificou-se como distanciamento do camponês, e em nosso continente invadido isso significa, também, distanciamento do indígena, em oposição ao rural, relacionado com a “dependência” dos ciclos da Natureza. A cidade se fez, assim, o lugar privilegiado para não sermos nós mesmos, para deixarmos de nos olhar no espelho, e, ao contrário, para tentarmos viver uma farsa de imitações do que é externo, do “civilizado”, do “desenvolvido”, do moderno-colonial. (IBÁÑEZ, 2016, p. 297).

Sob essa perspectiva, o desafio está colocado: a coexistência no tempo/espaço de ontologias modernas e ontologias relacionais e comunitárias – desafio que também perpassa a CSA enquanto projeto contra-hegemônico. Compreender as perspectivas ontológicas que atravessam a CSA pode lançar luzes sobre os desafios e as formas como a reorganização social é vivida dentro dessa experiência, tal como sugere Escobar:

É importante, portanto, começar a pensar seriamente sobre como reconstituímos a reciprocidade e a comunalidade nos ambientes urbanos e nos espaços mais marcados pela modernidade, inclusive entre aqueles grupos em que o regime cultural do indivíduo e o mercado penetraram mais profundamente no âmbito dos imaginários e das práticas<sup>8</sup>. (ESCOBAR, 2014, p. 60, tradução nossa).

Com efeito, pensar a CSA como um movimento que pode reconstituir o que o autor chama de “*la relacionalidad y la comunalidad*” em espaços urbanos amplia o debate sobre os desafios de *refletir-e-viver* a cidade como lugar de desconstrução e reconstrução dos espaços e imaginários predominantemente modernos, contribuindo com outras possibilidades

---

<sup>8</sup> “*Es importante, por esto, empezar a pensar seriamente en cómo reconstituimos la relacionalidad y la comunalidad em ambientes urbanos y en los espacios más marcados por la modernidad, inclusive entre aquellos grupos donde el régimen cultural del individuo y el mercado han calado más profundamente a nivel de los imaginarios y las prácticas.*” (ESCOBAR, 2014, p. 60).

que reconfigurem nossas vidas e convivências. Ibáñez (2016, p. 329) acredita que as alternativas que surgem dentro dos espaços urbanos,

Ainda que não alterem a economia capitalista dominante, eles ressignificam as relações econômicas. Ao mesmo tempo, propõem que caso se conectem com outros aspectos dos modos de vida diversos e plurais que coexistem nas cidades, podem contribuir para desgastar o imaginário dominante e globalizado, e permitir a busca real de alternativas.

Ou seja, amplia o nosso debate sobre as possibilidades de reabitar a cidade com outros modos de vida e que coexistam no sentido do pluriverso.

### 2.3.3 (Re)pensando economias

“A Economia deriva da palavra grega *lar*, *Oikos*, e significa cuidar e administrar nosso lar [...] um processo que priva pessoas e espécies de nossa casa comum não é ‘economia’. É uma guerra contra a Terra e seus seres.” (Vandana Shiva).

A CSA, como movimento, pretende de muitas formas refundar a relação entre natureza e cultura por outros caminhos, como o da Economia Solidária, buscando garantir os meios materiais necessários para que a(o) agricultora(o) continue produzindo não somente alimentos, mas justiça social, sua permanência no campo, comida de qualidade sem veneno, soberania e segurança alimentar, muitas vezes apostando em outras lógicas produtivas como a agroecológica, além da construção de uma relação mais íntima entre o meio urbano e o rural, baseada na solidariedade e não na negação ou oposição entre esses mundos.

No entanto, o ideal hegemônico de desenvolvimento sempre buscou um progresso tecnológico associado à acumulação de riqueza e a um crescimento econômico. Dessa maneira, a ideia de desenvolvimento e economia fazem parte de um projeto de modernização de culturas consideradas “primitivas” e se apresentam como um padrão de progresso e de poder dominante que vem associado a um tipo econômico particular: o do capital, que funciona a partir de uma racionalidade econômica imperativa da gestão do mundo, e que compreende a submissão da vida às leis de mercado, quando o ser humano é motivado pelo lucro, pela ganância, fazendo com que tudo seja passível de compra e venda, isto é, mercantilização da vida (QUIJANO, 2013).

Antes do surgimento da economia de capital, podemos dizer que todas as sociedades praticavam seus mercados de forma muito particular, ou seja, contavam com uma vida econômica que “desde o final da Idade da Pedra, seu papel na vida humana sempre foi secundário, porque embora essas sociedades incluíssem a economia não era de forma alguma determinada por ela”<sup>9</sup>. (GIRALDO, 2018, p. 45, tradução nossa). Então, essa diversidade de realidades econômicas foi sendo “ignorada ou tratada como imatura, inferior, subordinada, residual, subdesenvolvida e separada das tendências econômicas de desenvolvimento e *capitalocêntricas* modernas”<sup>10</sup>. (QUIJANO, 2013, p. 106, tradução nossa).

Harguindeguy (2019, p. 18, tradução nossa) exemplifica as diferenças nas lógicas de produção:

O capitalismo, ao mudar o objetivo da produção, mudou a maneira de ver o produto. Se uma pessoa produz para o consumo de sua família, por exemplo, uma comida, ela seleciona bons ingredientes, o melhor, não será muito rigoroso nas medidas, nem nos tempos, nem nas quantidades. Importa que dê certo e que seja apreciado; a recompensa pelo esforço será o próprio consumo. Pelo contrário, se o objetivo é ganhar dinheiro com a venda do produto, ou seja, deixar uma margem de lucro, a visão e, portanto, a lógica da produção é alterada. Se produzem mercadorias – produtos à venda –, deve-se tomar cuidado para que o custo e a quantidade dos insumos, bem como o tempo investido nos processos, sejam inferiores ao preço de mercado. Se o custo de produção for superior ao preço, o produtor acabará perdendo<sup>11</sup>.

A autora nos explica ainda que

[...] a difusão do individualismo e do consumismo como estilo de vida não valora – e considera como tempo perdido – o deixar espaços para afetos, esparecimento criativo, pensamento e filosofia, em que as atividades reflexivas são consideradas

---

<sup>9</sup> “*fnales de la Edad de Piedra, su papel en la vida humana había sido siempre secundario, pues aunque en estas sociedades se incluía la economía, de ninguna manera se determinaban por ella.*” (GIRALDO, 2018, p. 45).

<sup>10</sup> “*otras realidades económicas han sido soslayadas o tratadas como inmaduras, inferiores, subordinadas, residuales, subdesarrolladas y al margen de las tendencias económico/desarrollistas y capitalocentristas, modernas.*” (QUIJANO, 2013, p. 106).

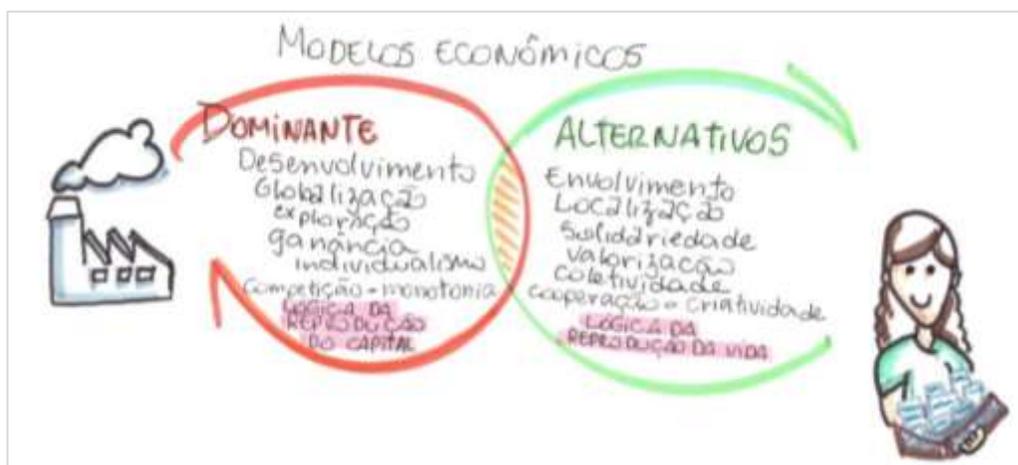
<sup>11</sup> “*El capitalismo, al cambiar el objetivo de la producción, cambió la forma de mirarla. Si una persona produce para el consumo de su familia, por ejemplo, una comida, seleccionará buenos ingredientes, los mejores, no será muy estricto en las medidas, ni en los tiempos, ni en las cantidades. Importa que salga bien y que se disfrute; el premio del esfuerzo será el propio consumo. Por el contrario, si el objetivo es ganar dinero con la venta del producto, es decir, que deje un margen de ganancia, se cambia la mirada y, por tanto, la lógica de la producción. Si se producen mercancías – productos para la venta –, se requiere cuidar que el costo y la cantidad de los insumos, así como del tiempo invertido en los procesos, sean menores al precio del mercado. Si el costo de producción es superior al precio, el productor terminará perdiendo.*” (HARGUINDEGUY, 2019, p. 18).

tão irrelevantes que são excluídas até mesmo dos currículos acadêmicos. Por não dar dinheiro!<sup>12</sup> (HARGUINDEGUY, 2019, p. 19, tradução nossa).

Entretanto, a mudança na racionalidade econômica não só transformou a lógica da produção, mas também representou mudanças profundas nos valores sociais e na construção de uma nova lógica que foi incorporada pelas pessoas. Dessa maneira, um sistema econômico deve ser entendido como um sistema cultural, afinal “[...] a economia, política e cultura não estão separadas entre si. As economias as quais produzimos e trocamos bens e serviços estão influenciadas por valores culturais e pela maneira em que está disposto o poder na sociedade”<sup>13</sup>. (SHIVA *at al.*, 2006, p. 13, tradução nossa).

Podemos observar algumas características que marcam essas formas econômicas que estamos tentando diferenciar aqui (Figura 10). A lógica da reprodução da vida assegura a continuidade dos ciclos naturais, utilizando os recursos necessários para produzir o suficiente, o que é o oposto da lógica de reprodução do capital (HARGUINDEGUY, 2019). Portanto, resta-nos saber de que maneira essas naturezas têm sido transformadas e compreendidas a partir de diferentes lógicas econômicas.

**Figura 10:** Esquema dos modelos econômicos



Fonte: Foto e esquema da Autora.

<sup>12</sup> “[...] la difusión del individualismo y del consumismo como estilo de vida, no valora –es más, considera tiempo perdido– el dejar espacio para los afectos, el esparcimiento creativo, el pensamiento y la filosofía, actividades reflexivas consideradas tan irrelevantes que se les excluye de la currícula académica. ¡Por no dejar dinero!” (HARGUINDEGUY, 2019, p. 19).

<sup>13</sup> “[...] la economía, la política y la cultura no están aisladas entre si. Las economías mediante las que producimos e intercambiamos bienes y servicios están influenciadas por los valores culturales y por la manera en la que está dispuesto el poder en la sociedad.” (SHIVA *at al.*, 2006, p. 13).

Giraldo (2018) nos ajuda a pensar que o capitalismo se desliga completamente da natureza numa lógica de devastação socioambiental, simplificando seus processos ecológicos, e transformando, por exemplo, a agricultura em produtora de mercadorias, a natureza em recursos a serem extraídos de forma ilimitada. Então, falar de outras economias é necessariamente falar de outros sistemas produtivos que se organizam e produzem em consonância com a regeneração e cuidados com a terra e todos os seres (humanos e não humanos), como nos relembra Vandana Shiva (2006, p. 14, tradução nossa):

A segurança ecológica é nossa segurança mais básica; as identidades ecológicas são nossas identidades mais fundamentais. Somos o alimento que comemos, a água que bebemos, o ar que respiramos. E reivindicar o controle democrático de nossa comida e de nossa água, assim como de nossa sobrevivência ecológica é um projeto indispensável para nossa liberdade<sup>14</sup>.

Esse posicionamento vem ao encontro de algumas correntes teóricas nas quais acredito e que assumo nessa dissertação. Para tanto, precisamos *pensar/experimentar* éticas de cuidado que nutram a harmonia entre economia e ecologia.

Nesse sentido, a Agroecologia como campo de estudos e de práticas se apresenta como uma alternativa real à crise ecológica vivida na cidade e no campo, propondo um novo paradigma produtivo, compreendido desde suas inter-relações com processos econômicos, políticos, culturais e educativos. A Agroecologia bebe de fontes de saberes tradicionais ancestrais:

A Agroecologia é terra, instrumento e alma da produção, onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra; é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo. (LEFF, 2002, p. 37).

A Agroecologia de muitas maneiras reivindica um vínculo essencial entre a terra, vegetais, animais e ser humano, sendo nutrida necessariamente por éticas de cuidado e harmonia entre diferentes naturezas.

Por outro lado, a cultura gerada pelo desenvolvimento produziu ao longo do tempo “pedagogias desenvolvimentistas” que se ancoram na produção de uma cultura eurocentrada

---

<sup>14</sup> “La seguridad ecológica es nuestra seguridad más básica; las identidades ecológicas son nuestra identidad más fundamental. Somos el alimento que comemos, el agua que bebemos, el aire que respiramos. Y reivindicar el control democrático de nuestra comida y de nuestra agua, así como de nuestra supervivencia ecológica, es un proyecto indispensable para nuestra libertad.” (SHIVA, 2006, p. 14).

e monocultural completamente globalizada, des-localizada e individualista, o que dificulta a criação de laços comunitários e relacionais, fazendo prevalecer relações/ações de consumo predatórias e distanciando fatalmente a economia da ecologia.

Diante dessa realidade, o modelo econômico do capital vem sendo questionado nos últimos séculos, principalmente por não ter cumprido suas promessas, como pontua Acosta (2016, p. 50) “vivemos um mau desenvolvimento”. Desenvolvimento esse no qual tudo se tolera afim de alcançar o progresso, quando inclusive “aceitamos a devastação ambiental e social em troca de alcançar o desenvolvimento”. (ACOSTA, 2016, p. 51). Para Escobar esses questionamentos sobre o modelo econômico atual têm levado

[...] muitos pensadores/as e movimentos enfatizam a re-localização da alimentação, da economia e muitos outros aspectos da vida social como contraproposta à globalização baseada em mercados dominados por conglomerados corporativos<sup>15</sup>. (ESCOBAR, 2014, p. 15, tradução nossa).

Essa ideia confirma que a resposta que aparece frente ao *economicídio* e a todo o domínio de saberes e práticas é o surgimento da ativação de novas forças criativas, de novos sujeitos de experimentação econômica (QUIJANO, 2013). E é a partir daí que surgem propostas de mudanças alternativas rumo a caminhos que nos ajudem a organizar a vida fora da lógica do desenvolvimento.

As alternativas ao desenvolvimento, que surgem como estudos críticos ao desenvolvimento, propõem um questionamento radical às ideias associadas ao desenvolvimento, dando ênfase à relação entre discussão teórica e a prática social, ou seja, as alternativas devem contribuir para dar respostas aos problemas urgentes, as quais o desenvolvimentismo não resolveu (ESCOBAR, 2014). Inspirada no Bem Viver como modo de vida ancestral, e a partir dessa linha de estudos, surgem como propostas alternativas ao desenvolvimento o Bem Viver e debates sobre os Direitos da Natureza.

Nesses movimentos, emerge a necessidade de se pensar para além dos saberes ocidentais e essas propostas de mudanças se inspiram principalmente no mundo indígena boliviano e equatoriano do que conhecemos por Bem Viver ou *Kawsay* (Kíchwa), *suma qamaña* (Aymara) ou *Nhandereko* (Guarani), o que Acosta (2016, p. 24) considera

---

<sup>15</sup> “[...] muchos/as pensadores/as y movimientos a enfatizar la re-localización de la alimentación, la economía, y muchos otros aspectos de la vida social como contra-propuesta a la globalización basada en los mercados dominados por grandes conglomerados corporativos.” (ESCOBAR, 2014, p. 15).

essencialmente como “um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza”, questionando e superando o conceito de desenvolvimento. Acosta (2016, p. 33) aponta ainda que o Bem Viver “com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua” seja uma ideia/filosofia em construção que suscita novas visões alternativas para a vida. Pensar a CSA a partir da ótica desses movimentos amplia as análises e reflexões sobre alternativas que vêm surgindo.

No Brasil, a Economia Solidária assumiu a forma de cooperativas de consumo em meios urbanos e cooperativas agrícolas no campo, geralmente sendo associadas à economia popular (SINGER, 2005). Desta forma, a força do movimento das economias alternativas surgiu vigorosamente no contexto de projetos nas periferias das cidades e em zonas rurais do país (associado a movimentos de luta pela terra) e como possibilidade de enfrentamento às demandas e necessidades sociais. Fato esse que associou a Economia Solidária à ajuda caritativa ou assistência social. Ela possui função social, porém não é seu objetivo principal. Ao pensar a Economia Solidária como

Um conjunto de atividades que contribuem para democratizar a economia, o que pretende a economia solidária vai além de um gesto filantrópico, ela pretende gerar autonomia comunitária, baseada na emancipação e na desalienação, desde uma lógica de engajamento social, mostrando finalmente sua vocação para reconfigurar relações entre o social, ambiental, político e econômico. (FRANÇA FILHO, 2004, p. 3).

Essa lógica faz com que a Economia Solidária se apresente como “um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática”. (SINGER, 2005, p. 9).

Porém, as economias que chamamos de “alternativas” ou “solidárias”, efetivamente, não existem fora do sistema capitalista e muitas vezes nascem desde dentro dele, o que torna muitas vezes os limites entre ambos os modelos econômicos não muito evidentes. Por isso, a importância de se refletir as contradições e entender quais elementos permitem sair ou não do modelo hegemônico do capital (AGUILAR, 2019). E a partir desse aspecto, torna-se importante, então, visibilizar que economias “outras” são essas? Como acontecem? Quais suas limitações, potencialidades e que mundos criam? O movimento das CSAs contribui de forma genuína para essas reflexões.

Sob essa perspectiva, este estudo é um convite para pensarmos modelos econômicos a partir de seus processos educativos, afinal, o que temos aprendido com os sistemas econômicos nos quais estamos imersos na vida cotidiana? Esse é um dos questionamentos que orientam esta pesquisa juntamente com muito outros que surgiram de meu encontro com as CSAs. Nesse sentido, Gadotti (2009, grifo nosso, p. 36) nos sugere:

Temos necessidade de construir uma pedagogia da economia solidária. As pedagogias clássicas não dão conta da riqueza dessa nova realidade econômico-política que está se constituindo hoje. O ensino da autogestão é um exemplo prático. Como ensinar a autogestão? Só pelo exemplo. Não dá para ensinar a autogestão com “lições de autogestão”, como não dá para ensinar democracia com “lições de democracia”. *Essa é uma pedagogia a ser construída com a prática.* Aqui vale a advertência de Paulo Freire: “ninguém ensina nada a ninguém. Aprendemos juntos, em comunhão.” Não se trata apenas de oferecer cursos. Trata-se de construir valores, uma cultura, juntos.

Certamente que para construir essas pedagogias precisamos nos perguntar sobre quais são nossas concepções preestabelecidas de educação? E então, de que mirada vamos (vi)ver a realidade? Desta forma, as economias devem ser estudadas em seus contextos e singularidades. No nosso caso, o estudo acontece a partir da experiência das CSAs que acontecem em Brasília.

Finalmente, (re)pensar sobre economias é dar espaço à diversidade de experiências econômico/culturais, o que não deixa de ser:

Desafiar a ideia de um mundo único e dar espaço ao pluriverso complexo de mundos socioeconômicos e naturais sem dúvida contribui para sermos menos cegos e menos cúmplices do automatismo acadêmico, da injustiça social e cognitiva que nos habita. É um desafio que nos convida a apreciar e não desapreciar ou depreciar o potencial da diversidade, como desafiar as certezas disciplinares, científicas e políticas enquanto horizonte para fortalecer a aprendizagem e intensificar os processos de conversação intercultural e Interepistêmica<sup>16</sup>. (VALÊNCIA, 2016a, p. 30, tradução nossa).

Repensar é pensar novamente, e como coloca o autor, desafiando nossas próprias verdades e abrindo espaço para enxergar a mesma paisagem, agora com outros olhos.

---

<sup>16</sup> “Desafiar entonces la idea de Um Mundo único y dar espacio al pluriverso complejo de mundos socio-económicos y naturales, sin duda contribuye a hacernos menos ciegos y menos cómplices del automatismo académico como de la injusticia social y cognitiva que nos habita, desafío que nos invita a apreciar u no despreciar el potencial de la diversidad como a desafiar las certezas disciplinares, científicas y políticas em tanto horizonte para afianzar el aprendizaje e intensificar los procesos de conversación intercultural e interepistémica” (VALÊNCIA, 2016A, p. 30).

Figura 11: Esquema resumo das miradas que vamos viver



Fonte: Esquema da autora.

## CAPÍTULO 3 – Semeando sementes e mudas

**Figura 12:** Agricultor Edson e seu filho Mikael se semeando canteiro durante plantio na roça, 2019.



Fonte: acervo da autora.

“Todo mundo é bom de plantar alguma coisa.”  
(Edson, agricultor da CSA Doce Vida, 2019).

Refletindo sobre os caminhos percorridos durante o plantio e a partir de meus encontros com as pessoas, lugares e coisas, surgiram questões importantes e novas ideias. À medida que a pesquisa tomava forma, encontrando caminhos, abertos e fechados, eu dava forma a essa Rede de CSAs, e compreendia, passo a passo, suas singularidades e potências. Divido esta sementeira em três principais etapas: a primeira etapa considero a parte exploratória desse caminhar, onde aconteceram minhas primeiras aproximações; já a segunda etapa de plantio, foi o momento em que comecei a enxergar alguns horizontes deste caminhar; e a terceira etapa, considero como o momento em que os passos foram se consolidando.

### **3.1 Primeira etapa do plantio**

Partindo de meu interesse pelo campo da Educação Ambiental, a oportunidade de realizar reflexões sobre as relações que constituem o grupo de gestão da CSA Brasília trazia a possibilidade de ampliar meu olhar sobre a construção de processos de aprendizagem em rede. De meu encontro curioso com a experiência, naturalmente, vim me transformando (como gente e como pesquisadora) no que constituiu um *caminhar vivo*, sempre atenta ao que o ambiente me oferecia de paisagens, passagens, climas e dos encontros possíveis acontecerem.

A Rede CSA Brasília, nessa primeira etapa, era composta por 31 CSAs. Suas áreas produtivas eram distribuídas nas áreas rurais próximas à cidade de Brasília: em Planaltina (Núcleo Rural Taquara, Pípiripau e Assentamento Oziel Alves III); Brazlândia (Assentamento Canaã e área rural de Brazlândia); Santa Maria, Jardim Botânico (região do Tororó, Altiplano Leste); Paranoá (região do Café sem Troco); Sobradinho (Região rural do Lago Oeste); e na área rural da cidade de Luziânia, situada no estado do Goiás. Apenas uma das CSAs possui sua área produtiva dentro de área urbana, localizada em São Sebastião-DF. Já o número de cotas das coprodutoras(es) varia bastante dentro das comunidades, podendo começar com seis cotas (ou menos) e chegar até 80 (ou mais), dependendo da capacidade produtiva da família agricultora. Os PCs das CSAs brasileiras estão principalmente

concentrados no Plano Piloto, Região Central da cidade de Brasília, mas também em outras cidades e regiões administrativas do DF, como no Lago Norte, Sudoeste, Cruzeiro, Águas Claras, Guará e Jardim Botânico (Figura 13).

Em Brasília, as CSAs geralmente são formadas pelas famílias das(os) agricultoras(es), as famílias das(dos) coagricultoras(es) e por trabalhadoras(es) que apoiam as(os) agricultoras(es) nos trabalhos da roça. Já o grupo que se ocupa de articular a Rede CSA Brasília é formado em média de 10 a 15 coagricultoras(es) de diferentes CSAs brasilienses que atuam em diferentes níveis de engajamento. Desse encontro com o grupo de gestão, pude sair da dimensão comunitária e aos poucos compreender os nós que dão forma a essa Rede.

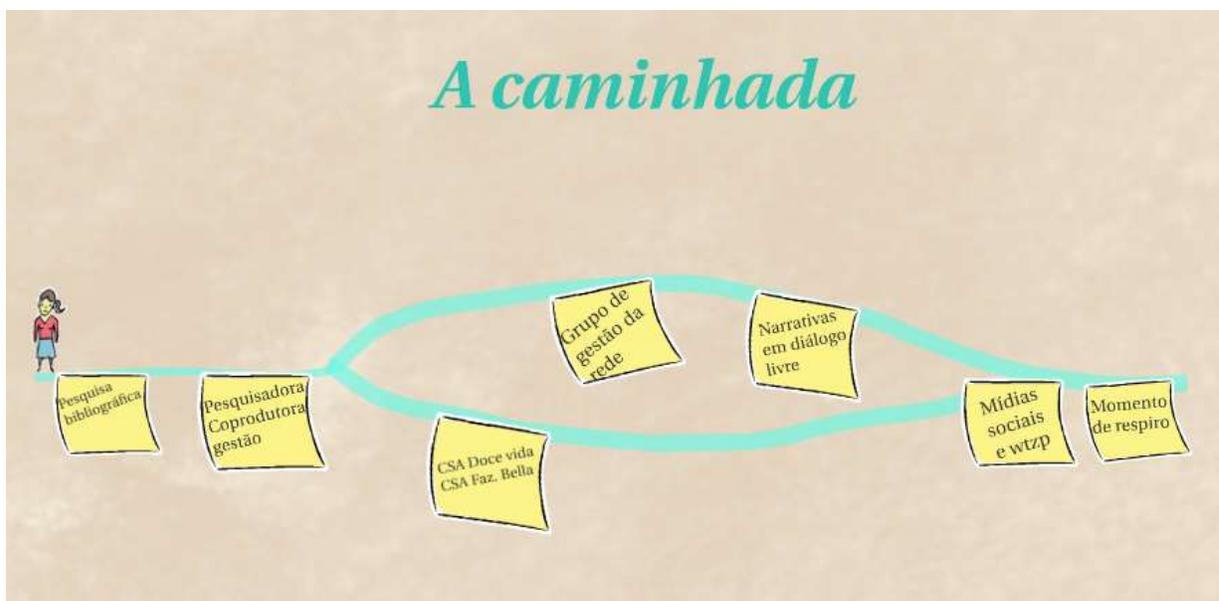
Figura 13: Mapa com a distribuição dos pontos de convivência das CSAs de Brasília



Fonte: Rede CSA Brasília (2019).

Esse primeiro momento compreendeu minha imersão na experiência comunitária e em rede, desde as primeiras conversas, acompanhando e participando de reuniões e encontros, tanto das CSAs quanto do Grupo de Gestão da Rede (Figura 14).

**Figura 14:** Primeiro esquema apresentado na apresentação do pré-projeto, apresentando os dois momentos simultâneos propostos para a pesquisa: acompanhar e participar do grupo de gestão da rede e acompanhar duas CSAs



Fonte: esquema elaborado pela autora.

Em uma das reuniões do Grupo de Gestão da Rede, percebi esse espaço de troca como um momento dedicado principalmente para falar de ações operacionais ligadas à gestão da Rede e de onde surgiam também reflexões profundas sobre a experiência da CSA. As pautas eram diversas e incluíam temas como: a gestão de convites para falas e apresentação da CSA em eventos e outros locais; avaliações de participação em eventos, movimentos do financeiro da Rede, projetos de realização de pequenos vídeos sobre a CSA e boas práticas. Naquele momento, o Grupo de Gestão se apresentava como um espaço de exercício das relações em rede a todo tempo.

E em um dos relatos de participação em um evento, uma coagricultora considerou que “houve pouca adesão ao evento, eu fiquei sobrecarregada. Houveram [*sic*] momentos que nosso espaço ficou sem ninguém”; e a partir dessa fala emergiram várias ideias de estratégias de como chamar as pessoas para essa reunião da gestão da rede, para se envolverem nas atividades que surgem para o grupo; “será que tem que fazer mais material

de divulgação?”, alguém falou do outro lado, “será que temos que rever o uso do grupo de WhatsApp e nossas outras plataformas de comunicação?”; “E aí como vamos nos comunicar em rede?”; “será que estamos em rede?”; “O que a gente faz, enquanto rede? O que a gente é?”

Afinal, o que nos faz *estar/sentir* pertencentes a uma rede? Essa discussão me deixou curiosa e instigada. E foi a partir daí que compreendi a importância de visibilizar e acionar essa dimensão Rede – pouco evidenciada dentro das comunidades – para além de conectá-la com a dimensão comunitária. Emergiam as primeiras ideias e traçados de onde poderia chegar essa contribuição da pesquisa com a reflexão do movimento da CSA em Brasília, que passa necessariamente pela dimensão da Rede.

De minhas primeiras vivências com a experiência da CSA como coagricultora, o sentimento inicial que me marcou foi o de frustração. Como já havia lido bastante sobre as ideologias que a CSA propõe, bem como depoimentos das dinâmicas de outras comunidades, me frustrei quando comecei a perceber que existia um caminho largo entre a ideologia e a prática. E dessa frustração nasceu uma vontade imensa de transformar aquela comunidade da qual eu participava, afinal queria vivenciar as potências comunitárias, e só havia um caminho: se eu queria viver a experiência em seu potencial, não bastava financiar a produção, eu precisava me engajar e ajudar a construir esse elo comunitário. Passei a “agitar” um grupo que vinha morno, mobilizando visitas, encontros e conversas com todo mundo, inclusive me aproximei da realidade da família agricultora.

**Figura 15:** “Não há nada mais subversivo que o encontro”. Grafite na Universidade de Brasília, durante um dos encontros



Fonte: foto da autora.

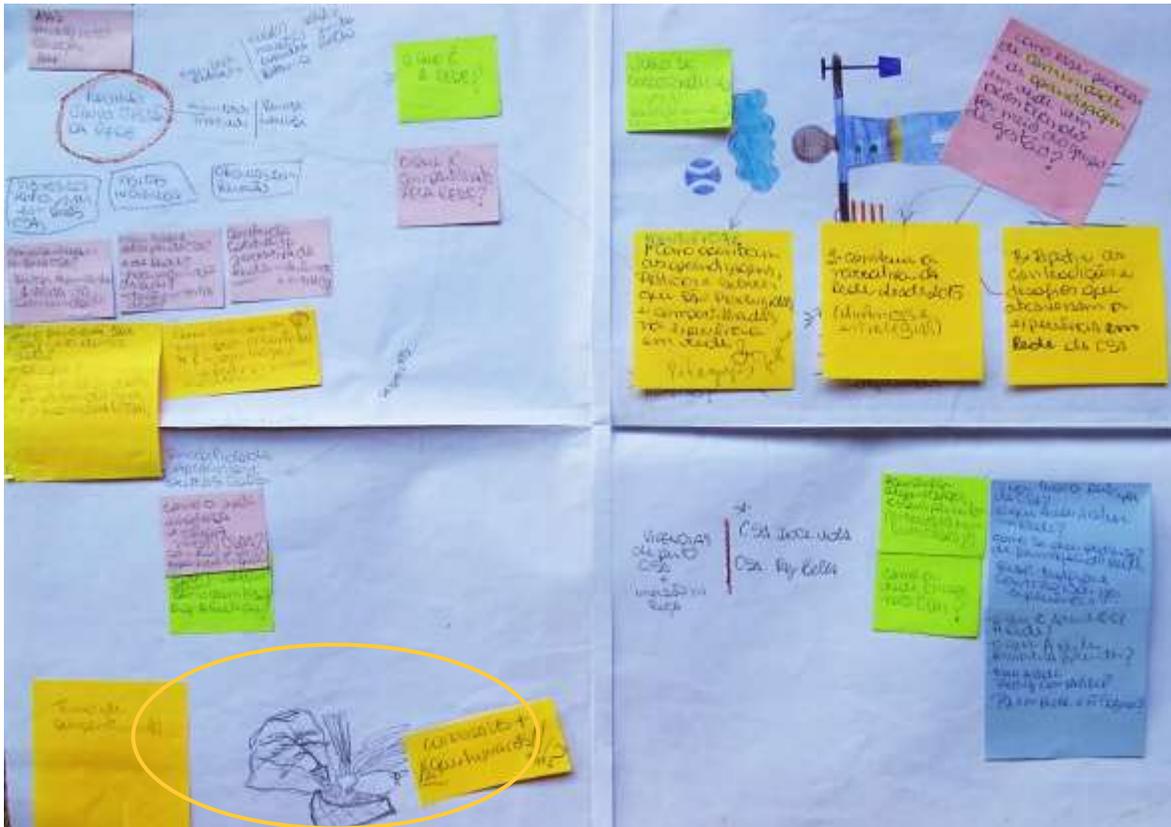
### 3.2 Segunda etapa do plantio

As possibilidades de olhares para a experiência da CSA já se mostravam diversas, o que particularmente era um desafio para mim. Assim, como reflexionou Renata (2019) em uma de nossas prosas,

a CSA é um tema tão transdisciplinar que dá abertura pra pensar em diferentes recortes. Nunca esgotou. Saia de um espaço que tinha gente falando de gastronomia, alimentação saudável e entrava no da discussão sobre reforma agrária popular. Pra cada público tinha uma maneira diferente de apresentar essa história, tinha uma forma de fazer. Nunca se esgotou. E ao mesmo tempo eu vivia com isso, comia isso, trabalhava com isso, não sendo só um discurso. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bellam prosa durante café, 2019).

Desta maneira, ao ampliar minha vivência na CSA, começo a notar que a relação entre humanos e não humanos se torna relevante, e a ideia dessa comunidade-mais-que-humana foi aparecendo principalmente dentro de minha experiência pessoal, mas sem muita centralidade inicialmente. Nos esquemas que ia criando na forma de exercícios visuais para me ajudar a desenhar as ideias, os alimentos foram posicionados à margem, descolados do esquema central, onde aparecem as pessoas envolvidas na experiência (alimentos circulados em laranja na Figura 16).

Figura 16: Esquema da caminhada 2



Fonte: Foto e esquema da autora.

Fui percebendo que, de muitas maneiras, fui educada para dominar e domesticar – inclusive os vegetais. Anne Tsing (2015), pesquisadora que estuda os cogumelos como espécies companheiras, explica que a *domesticação* pode ser entendida como o controle humano sobre outras espécies. Ou seja, na prática, eu enxergava essa interdependência entre as espécies, mas não a vivia de fato. Usando a metáfora de Tsing (2015), eu estava enredada nas teias da domesticação. E começava a perceber que para além de nós humanos, que transformamos esses alimentos, naquela experiência o alimento me transformava, e ia além, ele passava a me ensinar coisas. Isso seria possível? A CSA me convidava a borrar essas fronteiras entre o natural e o humano e certamente essas relações aconteciam dentro da pedagogia própria que imaginava.

Mas de onde vinham esses alimentos? Quais eram as histórias de vida deles? Essas foram algumas das perguntas que me fizeram ir para a roça, ir ao encontro com os espaços e tempos produtivos de onde nasciam esses vegetais e outras espécies que regeneravam aquele

território. A experiência da CSA pode até “terminar” na cidade, porém ela necessariamente passa pela roça, assim como a pedagogia própria deveria passar.

Minha primeira ida à parcela das(dos) agricultoras(es) da CSA da qual participei aconteceu em uma visita onde pudemos, os novatos na CSA, conhecer ou reencontrar (no caso de coagricultoras(es) mais antigas(os)) a terra que produzia nosso alimento diário. Nessa visita, participaram seis famílias coagricultoras e muitas crianças. Andamos pelo plantio, conversamos entre coagricultoras(es) e com a família agricultora. Na andança pela agrofloresta, fiquei impressionada com a surpresa das crianças e adultos ao ver espigas de milho no pé, cacho de banana, muda de morango e carrapato (que ganhou muitas fotos). Algumas famílias que estavam há mais tempo na CSA lembravam dos primeiros canteiros e de como a área havia crescido nos últimos dois anos. Ali eu vi a força da comunidade acontecer.

Na minha segunda ida para a roça, fui para ficar quatro dias. Edson me levou para conhecer alguma das(os) outras(os) agricultoras(es) de CSA do assentamento. Ali, com todo o tempo, ele me apresentou de uma forma diferente da primeira vez aquele espaço de plantio. As plantas eram apresentadas por seus nomes, às vezes por sua procedência (se foi presente de alguém ou trazida de outro lugar), desde suas árvores favoritas, até as bananeiras que deram os maiores cachos até hoje e por vezes “essa aqui a coagricultora fulana adora”; “essa aqui sempre levo pro bebê de fulana”. A paisagem ao redor da agrofloresta – barquearia – ajudava Edson a me contar como a paisagem havia mudado em três anos. Foi uma visita profunda à área produtiva, em que Edson me apresentava seus afetos à medida que conhecia as espécies que compunham a nossa agrofloresta. Sabendo que meu alimento vem dali, ousei sentir que de alguma maneira eu também passei a participar disso, então era “minha” Agrofloresta também.

Essa visita me fez refletir sobre a questão da visibilidade (e invisibilidades) daquelas histórias e tempos/espacos da vida rural no meu trabalho e na experiência da CSA. Por ter vivenciado até agora somente a dinâmica da CSA na cidade, não me havia surgido como uma dimensão importante. Certamente a dinâmica na roça constitui uma parte importante dessa Rede e também faz parte das aprendizagens que emergem da CSA. Havia uma riqueza de sentidos, sentires e cores que não poderia ser ignorada ali. A distância física entre cidade e campo acaba inviabilizando a participação das(dos) agricultoras(es) nas reuniões da gestão e

em tomadas de decisões, o que dificulta a tessitura de uma rede integrada, como percebe Edson (Agricultor da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019): “a rede é a rede de lá, não é a rede daqui (da área rural).” Portanto, essa Rede se desenhava para mim como uma rede cheias de redes dentro: as(os) agricultoras(es) que produzem suas redes no espaço rural, as(os) coagricultoras(es) produzindo suas redes na cidade e as relações na comunidade que medeiam o entrelaçamento desses espaços.

Algo seguia me angustiando e me inquietava: o que é afinal essa rede que estou me propondo a estudar? Por que estar em rede e não sozinho? Como essa rede chega na CSA? Como se entrecruzam esses caminhos? O que ela possibilita aprender-ensinar? E a partir daí passo a olhar para a pedagogia própria que poderia emergir também desses questionamentos. Com o caminhar, ia ficando mais nítido que a pedagogia não emergiria somente do Grupo de Gestão em si. Ela poderia nascer em sua potência com a experiência que acontece em comunidade, porque o Grupo de Gestão da Rede nasce desse encontro intercomunitário e é um dos pontos de onde a experiência em Rede é tecida. Em outras palavras, o Grupo de Gestão seria uma “consequência” da experiência comunitária vivida por cada participante, que quando compartilhada, se transforma na Rede.

No caso da Rede, esses espaços-vivos de construção já haviam acontecido no formato de encontros e partilhas em abril de 2017, no I Encontro da Rede CSA Brasília – Primavera Agroecológica (onde surge a Rede CSA Brasília e seus valores e princípios criados coletivamente) e no Festival do Apreço, que aconteceu no final do mesmo ano. O festival foi potencializado justamente pelo encontro anterior. Dessa maneira, fica claro que a Rede é construída no encontro, onde as pessoas se reconhecem, se escutam, trocam, aprendem e tecem a identidade em rede, afinal

Temos essa carência de identidade de rede que não vai se resolver com reuniões de gestão, que não vai se resolver com uma prestação de serviços pras CSAs. Nós vamos aumentando a nossa identidade à medida que a gente celebra o encontro, as trocas e pensamos juntos. Aí a gente se vê. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante café, 2019).

Então, como criar esses espaços/caminhos que buscam compreender algo tão subjetivo que é uma Rede? Renata (2019), em uma de nossas prosas, me ajuda a pensar nessa dimensão da Rede: “é desconfortável falar da rede porque rede não é algo explícito. É uma escultura social, é invisível e aí você vira para as pessoas que estão imersas numa cultura

materialista pedindo para elas te dizerem o que elas acham do invisível”. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante café, 2019). Mais alguns questionamentos surgiam do nosso encontro, no caso da experiência da CSA em Rede, como *falar/construir*; essa noção de identidade sem reproduzir esse formato hierárquico, onde existem pessoas “centrais”, “que são a cara da Rede” na experiência? Ao invés de partir do “todos formam a rede”.

Ou seja, mais do que descobrir o que é essa Rede, como contribuir para sua transformação? Sabendo que é diferente quando você pede para alguém falar o que é a Rede, de quando você chama para viver a Rede e senti-la e a partir daí ela falar dela. “A potência de chamar as pessoas para um espaço onde vão ser geradas reflexões sobre é diferente de produzir espaços pra vivenciar, e na vivência você como pesquisadora observar e se possível provocar reflexão”. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante café, 2019). E com esses passos-prosas, saía do “eu fui ver” o que era a Rede, para “eu fui viver” a Rede e ver o que emerge daí.

**Figura 17** Ida na roça para trabalhar na colheita da semana: os caminhos se abrem adiante, sempre atenta ao que já passou. O caminho vive na gente.



Fonte: Foto da autora.

### 3.3 Terceira etapa do plantio

Minha experiência de viver as dimensões da comunidade e da Rede, desde reuniões até minha aproximação com os coprodutores que participavam do Grupo de Gestão e de suas CSAs, acabou confirmando alguns traços característicos ou singularidades do movimento brasileiro. Primeiramente, o movimento em Rede nasce da experiência empírica da CSA Toca da Coruja e de seu encontro com a teoria/ideais da CSA, que vão se misturando, dando liga para se pensar em novas maneiras de se relacionar e de se viver. A coagricultora Renata (2019) explica que uma dimensão importante, assimilada no movimento brasileiro, foi a *dimensão espiritual*, marcada pela busca por sentidos e sentires de vida:

Tem muito do despertar de uma consciência mais profunda na troca com as pessoas. Essa coisa de conseguir trazer uma pausa para um olhar mais apreciativo do que é o alimento, do que é o papel do agricultor, do que é a mão do agricultor, que ao mesmo tempo enaltece essa mão pra dizer que “eu sinto ela nos alimentos”. E isso é algo que talvez ele nunca tenha sentido esse apreço por ele ser agricultor e alguém reconhecer ele nesse lugar. Então tem essa poesia que é a arte contemplativa, uma visão mais poética da natureza, que está na minha formação da ecologia profunda, o que me conecta com a CSA da boca pra dentro, mostrando que o que tá acontecendo muda a gente pra dentro também, e não só o que a gente quer ver de mudanças pra fora. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante café, 2019).

Outra importante característica na formação de CSAs do DF é a *dimensão organizativa*, de onde surgem ferramentas coletivas importantes e que são compartilhadas para facilitar e inspirar a autogestão nas comunidades, tais como: documentos de orientação para acolher novas(os) coagricultoras(es); exemplos de organização de comissões; ideias para eventos da comunidade; planilhas para organização do financeiro e documentos para ajudar no planejamento agroecológico de acordo com calendário sazonal de Brasília (CSA BRASILIA, 2019). As ferramentas que são compartilhadas pelo site da CSA Brasília são um apoio para a organização das comunidades que podem ou não ser utilizadas afinal, a comunidade tem autonomia para inventar outras ferramentas mais adequadas para sua realidade.

A expansão da CSA pelo DF certamente é influenciada pelo formato em Rede que o movimento vem se estabelecendo (Renata, coagricultora CSA Fazenda Bella, prosa durante café, 2019). Com a expansão crescente das comunidades no DF, as CSAs passaram a nascer não somente do curso formativo para agricultoras(es) e coagricultoras(es). Alguns dos frutos

colhidos da construção do movimento em Rede em Brasília é poder notar que já existem CSAs que nasceram apadrinhadas por outras CSAs, onde agricultoras(es) e coagricultoras(es) apoiam o processo de formação de novas CSAs. É uma Rede que vem compartilhando seus saberes e se apoiando mutuamente.

Outra característica marcante do movimento brasileiro é o protagonismo feminino. Seja nas reuniões em rede ou em comunidade, presenciais ou virtuais, ou mesmo na atuação em frentes de ação, as mulheres predominam, o que demonstra o papel essencial que elas têm desempenhado no tecer dessa rede e para a construção de economias solidárias. Embora “a economia solidária levante em seus princípios o estabelecimento de relações horizontais e a equidade como horizonte, a partir de relações de solidariedade e apoio mútuo, ela não escapa de um sistema patriarcal que também passa pela lógica coletiva de transformação”<sup>17</sup>. (OSORIO-CABRERA, 2019, p. 97, tradução nossa).

De acordo com Dorneles e Reis da Silva (2020, p. 7):

Evidenciar esse protagonismo é uma forma de reconhecer a importância do trabalho das mulheres, muitas vezes invisibilizado, na construção de outros mundos possíveis; seja na lida direta com a terra, seja na gestão dos cuidados e dos afetos dentro das comunidades, no cozinhar os alimentos para nutrir os corpos, na produção de remédios caseiros, nas bênçãos, rezas e partos, nas articulações políticas, seja, ainda, no imaginar e agir desde a dimensão em rede, que é sempre inclusiva e generosa.

Apesar das invisibilidades que atravessam os trabalhos que se ocupam das dinâmicas organizativas, seja em rede ou nas comunidades, na experiência da CSA, as mulheres não são vistas como “ajudantes” dos homens no campo, visto que são mães, companheiras, agricultoras, e são remuneradas pelo seu trabalho. Seja na lida direta com a terra, na articulação e organização dos coletivos, por vezes acumulam essas funções, são geralmente as mulheres que realizam os trabalhos que sustentam a vida do coletivo.

Em Brasília a experiência da CSA toma um formato particular quanto aos seus princípios orientadores, sendo eles: da cultura do preço pelo apreço; confiança entre agricultoras(es) e coagricultoras(es); ponto de convivência (PC); redução do desperdício; respeito a sazonalidade de produção e fundo de reserva (CSA BRASÍLIA, 2019).

---

<sup>17</sup> “*Si bien la economía solidaria se plantea en sus principios el establecimiento de relaciones horizontales y la equidad como horizonte, a partir de relaciones de solidaridad y apoyo mutuo, no escapa a un sistema patriarcal que también atraviesa las lógicas colectivas de transformación.*” (OSORIO-CABRERA, 2019, p. 97).

Apresentarei os seis princípios da CSA Brasília, conectados a quatro princípios fundamentais que também orientam a CSA, segundo a autora Bashford (2013): *parceria, localidade, solidariedade e o conjunto produtor/consumidor*.

O princípio de *parceria* se inicia por meio da formação de um grupo de coprodutoras(es) que se comprometem a apoiar a produção de uma família agricultora – ou mais de uma. Esse grupo de agricultoras(es) e coagricultoras(es) montam um planejamento de produção e o orçamento anual (ou do ciclo pretendido pelo grupo) para a produção; geralmente são inclusos os gastos da produção agrícola (maquinário, insumos, sementes etc.); custos operacionais, remuneração do produtor e familiares, a fim de que possam viver dignamente; além de um fundo de reserva, que representa um valor a ser utilizado em situações de emergência que podem vir acontecer durante o processo produtivo. Dessa maneira, passamos a ver o sistema agrícola como um todo: como um organismo agrícola.

O princípio de *parceria* permite, ainda, uma experiência de outro tipo de agricultura. É muito natural no nosso dia a dia reproduzirmos relações de comercialização. Por exemplo, passeando numa feira, o consumidor geralmente para e olha primeiro para o produto, analisa e só depois olha e se dirige à(ao) agricultora(o); outro exemplo que evidencia esse tipo de comportamento é quando as(os) agricultoras(es) olham para seus canteiros e contabilizam o quanto de renda elas podem tirar ou o quanto ganharam de prejuízo (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019).

Essa relação de comercialização transforma o alimento em um produto que custa certo valor, o que fortalece diretamente uma agricultura voltada para o produto e não para a relação entre as pessoas. Qual seria o preço da rúcula? Nesse sistema, o preço deixa de existir, pois já não estamos nos relacionando com o preço do mercado que estipula o valor do produto de acordo com a oferta e demanda. Na proposta da CSA, a(o) agricultora(o) olha para as famílias da comunidade e pensa: “o que eu consigo plantar para que essas pessoas se alimentem da melhor forma possível?” (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019).

Desta forma, a CSA proporciona uma primeira transformação: sair de uma agricultura voltada para os produtos e chegar a uma agricultura voltada para as pessoas. Esse caminho na CSA ocorre a partir de uma transição em que os(as) consumidores(as) são convidados, a

partir de uma relação de confiança, a se tornarem coagricultoras(es) (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019).

No movimento brasileiro, a parceria pode ser exemplificada pelo princípio de sair da cultura do preço pelo apreço, que diz respeito ao exercício de sair do lugar de precificação, ou seja, deixar de ver o valor da cota como o preço que você paga pelas cestas, pelo produto. Como foi explicado acima, o valor pago envolve a manutenção de todo o organismo agrícola. Desta forma, os produtos passam a não serem precificados pelos valores determinados pelo preço do mercado. No mercado, observamos bancadas de alimentos, e por trás delas, somos convidados por Renata (2019) a refletir “quantas mãos estão por detrás daqueles alimentos enfileirados? Não vemos nem a cara e nem as mãos daqueles agricultores”. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019).

O princípio do *conjunto produtor/consumidor* pode ser percebido a partir da construção de vínculos de confiança entre agricultoras(es) e coagricultoras(es). Por exemplo, o orçamento total da CSA é pensado a partir do funcionamento do organismo agrícola, que é dividido em cotas a serem pagas por cada família da comunidade, sendo a soma total dessas cotas o financiamento do ciclo de produção. Esse valor pode ser pago de forma integral ou de acordo com o combinado dentro da comunidade, por exemplo, podendo ser pago mensalmente. Nota-se aqui que o valor é pago de forma antecipada, o que demonstra a importância de se estabelecerem relações de confiança nesse processo, pois o formulário para adesão e declaração de compromisso é feito de forma oral ou escrita, sendo seu lastro a palavra daqueles que desejam viver a experiência.

Essa relação de confiança se estabelece a partir do momento em que a(o) agricultora(o) pode contar com o compromisso financeiro das(as) coagricultoras(es), e estes confiam que a(o) agricultora(o) vai fazer seu melhor trabalho na produção em diversidade que ele vai oferecer. Renata (2019) explica que

A confiança é a coisa mais difícil no mundo de hoje. As pessoas vivem adoecidas, estressadas, com medo e inseguranças, quando falamos de cultivar relações de confiança é algo revolucionário na CSA, afinal são pessoas que geralmente não se conhecem e entram na comunidade fazendo a coisa mais difícil, que é confiar um no outro. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, durante primeira roda de conversa da CSA, 2019).

Já o princípio da *localidade* representa a construção do compromisso mútuo entre coagricultoras(es) e a família agricultora. Esse princípio faz com que as(os)

coagricultoras(es) recebam uma cesta de alimentos semanal com os itens produzidos pela(o) agricultora(o). Geralmente um mix de alimentos frescos, sazonais, locais e orgânicos, como: vegetais, raízes, temperos frescos, raízes, folhas, flores, frutas; e em algumas experiências podem ser disponibilizados outros produtos, como ovos e queijo. Na CSA, evitamos o uso de embalagens e os alimentos duram mais tempo por serem recém-colhidos. Outro ponto importante é a corresponsabilidade pelos alimentos de cada família de coagricultoras(es), o que implica a organização e gerenciamento do uso dos alimentos em casa (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, fala durante primeira roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019).

Para um consumidor que está de costas para o meio rural e não conhece a realidade da agricultora(o), ele não entende as diferenças entre produzir um ou outro produto, “nós queremos comer banana todos os dias”; e “buscamos por um supermercado que supra nossos padrões de alimentação”. (Renata, fala durante roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019). Aqui, a sazonalidade nos fala do que a terra está produzindo em cada estação, ou seja, a CSA não funciona como pedido de encomendas, sendo um convite para experimentar novos sabores e experimentar se alimentar nessa sazonalidade (Renata, durante roda de conversa CSA Fazenda Bella, 2019). A sazonalidade também nos faz recordar que os processos produtivos que nutrem esses alimentos sem veneno devem respeitar e contribuir para a regeneração do meio ambiente.

Na CSA, a entrega das cestas geralmente é feita num PC, a ser definido pela comunidade. Em geral, eles ficam próximos às residências dos coprodutores, porém em algumas CSAs em Brasília, e a entrega acontece no local de produção. Desta forma, a CSA proporciona não só uma realocação da economia, mas das relações, o que pretende beneficiar não só a(o) agricultora(o) e coagricultoras(es), mas também toda região em na qual se insere a comunidade.

Um exemplo interessante para compreender a dinâmica do PC é pensar no ambiente de uma feira, onde a agricultora(o) fica atrás do balcão esperando o consumidor chegar para vender seus produtos e no final ele geralmente organiza o local sozinho. O PC a organizar-se de forma circular e participativa, o que favorece o convívio e os encontros. Com o escoamento certo de sua produção, as(os) agricultoras(es) não assumem sozinhas os riscos da produção, transporte e mudanças de mercado. O princípio da *solidariedade* entre

coprodutoras(es) e agricultoras(es) oferece para as(os) agricultoras(es) um retorno mais justo e mais autonomia no processo de produção e comercialização, uma vez que no sistema convencional de comércio, é o produtor que arca com todos os riscos de produção: trabalho, investimento e as incertezas do mercado. Dentro do sistema convencional, as dificuldades enfrentadas por pequenas(os) agricultoras(es) são muitas:

O escoamento dentro de um sistema capitalista de um pequeno produtor é muito complicado, a gente tem uma concorrência, que são os mercados. Eles dominam desde a logística de entrega, de compra, faz com que o preço se reduza e o produtor acaba tendo uma dificuldade maior de chegar naquele preço do mercado, seja ele orgânico ou não. A galera fala que o orgânico é muito caro. O orgânico é caro quando ele tá no mercado, o mercado sabe aproveitar as tendências e vende caro. E o pequeno produtor que planta com veneno ele já tem tanta dívida com compra de insumo, uso de maquinário que ele é obrigado a vender pelo preço que der, acaba que o supermercado tá sempre vendendo caro e comprando barato. (Osmany, agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019).

Desta forma, o princípio da *solidariedade* permite o compartilhamento dos riscos e benefícios da agricultura orgânica/agroecológica. Assim, com o estreitamento da cadeia de produção e a diminuição de intermediários no processo, a CSA também possibilita uma maior conexão entre moradores urbanos e rurais. Cada vez menos pessoas sabem de onde vêm seus alimentos e a forma como eles foram cultivados; então, a CSA oferece aos coprodutores a possibilidade de participar do processo de planejamento e acompanhar o plantio dos alimentos que vão consumir.

Podemos entender o fundo de reserva como um dos exemplos de ação do princípio da *solidariedade*, que é um valor para ser usado em casos de emergência e que deve ser gerenciado em comunidade. Dessa maneira, o fundo de reserva abre espaço para falar da gestão da comunidade. A ideia de uma CSA é proporcionar a participação ativa na construção da comunidade e da produção alimentar, baseada no contato direto entre coagricultoras(es) e agricultora(o). Na experiência, as coagricultoras(es) são convidados a contribuir na gestão e integração da comunidade, participando, voluntariamente, em diferentes comissões para apoiar a(o) agricultora(o) e manter as dinâmicas da comunidade: acolhimento, comunicação, financeiro, divulgação e organização das visitas e encontros em comunidade.

Diante dessas largas paisagens e contornos que a CSA me apresentava como horizonte de contemplação, definitivamente comecei a me dar conta de que não fazia sentido separar a experiência da comunidade CSA e a da Rede, pois uma dava sentido à outra. O desenho que surgia da compreensão dessa experiência era um caminho só, cheio de paradas,

voltas, reflexões e ideias. Percebi, como registrei na Figura 18, que “a cada passo eu me transformo e o caminho já não é mais o mesmo, ele se transforma também”.

**Figura 18:** Esquema do caminhar 3



Fonte: Foto e esquema da autora.

Figura 19: Esquema resumo das etapas do plantio de sementes e mudas



Fonte: Esquema da autora.

## CAPÍTULO 4 – Cuidados

**Figura 20:** Levi (filho dos Agricultores da CSA Fazenda Bella) brincando na agrofloresta



Fonte: Foto de Ana Júlia.

“Evidentemente, não basta colocar uma semente na terra: é preciso cuidar dela, alimentá-la. Mas sem plantar a semente, não teremos algo para cultivar.”

(Satish Kumar, 2017).

Os cuidados diários são imprescindíveis para se conseguir colher. Um exemplo que encontrei para compreender de fato o significado desses cuidados foi pensar no plantio de um pé de alface: seu ciclo de vida – desde quando brota até a colheita – dura em média de 30 a 45 dias. Durante 45 dias alguém vai se ocupar de regar duas vezes por dia aquele canteiro, se necessário adubar, retirar os matinhos que crescem em volta, observar para ver se não tem algum inseto impedindo o desenvolvimento do vegetal. Resumindo, até que eu possa desfrutar desse pé de alface, muito tempo de vida é direcionado para fazer com que a colheita seja possível. Desta maneira, antes de iniciarmos nossa colheita, em modos de cuidar desses alimentos que serão colhidos, dedico este capítulo para contar as histórias do grupo de gestão da Rede CSA Brasília e das duas CSAs as quais estive acompanhando de perto e participando de suas atividades semanais – cuidando, regando, limpando e observando-.

#### **4.1 Grupo de gestão da Rede CSA Brasília**

Como mencionado nos capítulos anteriores, o movimento da CSA em Brasília já nasceu em rede. Desde a criação das primeiras três CSAs em Brasília, as outras comunidades que surgiram depois visitavam as CSAs mais estabelecidas, concretizando essa interação e vínculo dos nós da Rede. O primeiro curso de CSA realizado em Brasília aconteceu no ano de 2016. E foi a partir desse momento formativo que se aproximaram agricultoras(es) e coagricultoras(es) de diferentes regiões do DF, e foi de onde saiu um grupo mais engajado de coagricultoras(es) que participaram em diferentes momentos da construção do Grupo de Gestão da Rede CSA Brasília.

Nos primeiros encontros, com a intenção de unir agricultoras(es) e coagricultoras(es) de diferentes CSAs, uma das primeiras atividades da CSA Brasília aconteceu no início de 2017 no espaço da FEPECS (Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde) quando a partir desse primeiro encontro, coagricultoras(es) e agricultoras(es) idealizaram o I Encontro da Rede CSA Brasília. Esse I Encontro, que aconteceu em abril do mesmo ano e

reuniu diferentes agricultoras(es) e coagricultoras(es) brasileiras com os seguintes objetivos: integrar e fortalecer a mobilização das(os) agricultoras(es) e coagricultoras(es) da CSA no DF e definir a identidade do coletivo como Rede de CSA (Anexo A). Podemos considerar que foi a partir desse encontro que nasce a Rede CSA Brasília com missão de “ser o elo de integração e fortalecimento do movimento social de CSAs do DF para promover uma cultura solidária, saudável e sustentável de produção e consumo” (CSA BRASÍLIA, 2019).

No encontro, foram definidos coletivamente também os valores que sustentariam a Rede: *Apoio mútuo, Confiança, Transparência, Corresponsabilidade, Solidariedade, Integração, Criatividade, Diálogo*; e os princípios dessa Rede são:

- *Produção* orgânica e local, sem intermediários (inclusive para os produtos complementares), valorização da agricultura familiar, fortalecimento da agroecologia;
- *Gestão* participativa, democrática e rotativa;
- *Convivência*: postura de corresponsabilidade, cultivar interações harmônicas nas relações, promover o contato dos coagricultores com a terra;
- *Economia associativa*: incentivar a prática da economia associativa nos pontos de convivência;
- *Atuação em rede*; (Ana Thereza, Relato do I Encontro da Rede CSA Brasília, 2017).

Nos diálogos travados durante o encontro sobre a governança e gestão da Rede, foi decidido por todos um modelo de gestão democrática e participativa que se daria a partir do engajamento voluntário em grupos de trabalho. O ano de 2017 foi marcado por reuniões do Grupo de Gestão da Rede com um grande número de pessoas envolvidas nas CSAs. E dessas reuniões surgiu a ideia de realização de um festival, onde seria possível vivenciar essa Rede de CSAs. Em novembro de 2017, aconteceu o Festival do Apreço: I Encontro das CSAs do DF.

Durante o festival, Marly (coagricultora da CSA Barbeta, prosa durante café, 2019) me relatou que trabalhou na cozinha do evento e se surpreendeu com a quantidade de alimentos doados por diversas CSAs para produção de refeições para toda a equipe que participou nos bastidores do festival. O evento contou com uma larga e diversa programação colaborativa construída por coagricultoras(es) e agricultoras(es), que mostraram a “cara” e os potenciais dessa grande Rede a partir da realização de oficinas culinárias, aquários, vivências, rodas de conversa, sessões de cinema, trocas de saberes e plantios no local do

festival, (que ocorreu na faculdade de Saúde dentro do campus da UnB), espaço mirim para receber as crianças, praça de alimentação e programação musical.

[...] naquele momento tínhamos essa coisa de se ver enquanto foto coletiva. É a coisa de ver quem somos. A gente queria acionar essa noção de pertencimento. Quando as pessoas estão na CSA e lidam com a sazonalidade, com o agricultor, elas fortalecem outras CSAs e muitas vezes não conseguem perceber isso: o fato dela estar em CSA possibilita fortalecer a rede. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa no café, 2019).

**Figura 21:** Foto coletiva do Festival do Apreço: I encontro de CSAs do DF (2017)



Fonte: Acervo de fotos da Rede CSA Brasília (2019).

O Festival do Apreço foi um acontecimento que, ao mostrar a cara da Rede, acabou convidando outras(os) coagricultoras(es) a se engajarem para pensar nessas articulações em Rede. Como me contou Leandra (2019), quando decidiu começar a participar do Grupo de Gestão:

Foi a partir dali que pensei que não fazia mais sentido só contribuir financeiramente, eu entendo que é super importante, porém a CSA não vai continuar existindo se não houver pessoas que estão sensibilizadas pelo menos pra poder fazer essa opção. (Leandra, coagricultora da CSA Esperança, Prosa durante café, 2019).

Em 2018, alguns dos participantes ativos na construção do Grupo de Gestão da Rede visitaram a comunidade de Piracanga (Bahia) e se inspiraram na ideia da organização de projetos que acontecia a partir de uma “floresta de projetos”. Partindo dessa inspiração, a ideia foi levada ao Grupo de Gestão e foi feito um convite a toda a Rede para que os participantes colaborassem nessa “floresta”, se engajando em uma das cinco árvores (ou núcleos de gestão da Rede): comunicação, financeiro, articulação, agroecologia, convívio e ciência, educação e saúde – o engajamento se daria de acordo com a sua possibilidade de dedicação às atividades seja com maior tempo disponível ou esporadicamente.

Pelos relatos que fui escutando ao longo de minha caminhada, percebi que o formato dos “projetos em árvores” acabou separando muito os grupos que não conseguiram se desenvolver, no caso, realizando os projetos e dando continuidade na tessitura do Grupo de Gestão. Outra questão que dificultou o avanço dos projetos foi o compromisso voluntário, que muitas vezes dificultou o andamento dos projetos do Grupo de Gestão.

Sob esse aspecto, entendo o engajamento voluntário como uma forma de trabalho quase indissociável da prática comunitária da experiência, e, conseqüentemente, da sua forma de gestão. A colaboração voluntária se mostrou desafiadora, justamente pela dificuldade de acertar os tempos dos trabalhos coletivos ao tempo disponível dos envolvidos, o que pode vir a enfraquecer os processos de gestão. Porém, essa contribuição também abre portas para construção de redes de ajuda mútua, bem como para um estreitamento das relações, além de abrir diferentes possibilidades de engajamento e colaboração.

Percebemos aqui que várias lógicas de trabalho acontecem dentro da experiência da CSA. A tendência à burocratização do movimento (o que se entende como sinônimo de organização) e a conseqüente burocratização das relações foi algo que escutei muitas vezes como sendo uma necessidade importante e urgente ao movimento. Desta forma, talvez seja um dos grandes desafios do movimento em Rede manter-se coeso, sem a necessidade de burocratização ou burocratizar-se sem engessar as relações. Será possível?

Seguindo a história do Grupo de Gestão, este acabou tomando outro formato no ano de 2019. Como não houve andamento dos projetos em árvore, a proposta que surgiu foi de juntar as cinco raízes (que eram as pessoas centrais de cada frente ou árvore); e a partir da possibilidade de cada pessoa conseguir dar segmento às demandas que iam aparecendo, as atividades do Grupo de Gestão eram divididas; “e aí é esse novo ciclo, que foi justamente em janeiro de 2019, onde temos as ata desde janeiro, que foi quando começou esse grupinho do coração que faz tudo o que dá conta”. (Maurício, coagricultor da CSA Cultivada, durante café, 2019).

Outro evento mobilizado pelo o Grupo de Gestão da Rede foi o CSE encontro (Comunidade que Sustenta o Encontro). O objetivo principal desse encontro girou em torno de fazer essa Rede se reencontrar, sendo acionados vários talentos e sonhos na construção do evento. O evento nasceu e aconteceu durante o andamento desta pesquisa, o que será visto em mais detalhes no capítulo da colheita de aprendizagens.

Refletir sobre a trajetória do Grupo de Gestão da Rede me permitiu observar que a chegada de novos membros – ou antigos – para o grupo acontece a partir desses eventos, que são organizados de forma coletiva e acabam chamando pessoas, de acordo com sua disponibilidade e interesses de cada um, para pensar e organizar a dimensão da Rede, o que pode ser entendido como “elementos ativadores da rede” (Ana Thereza, coagricultora da CSA Renascer, prosa na cozinha, 2019). Durante a prosa com a coagricultora, esta relatou que foi justamente em um dos chamados da Rede que ela retomou às reuniões do grupo de gestão

O que eu senti foi que a proposta do banquete era uma forma da gente investir nossos esforços como rede, então eu falei ‘deixa eu somar’. O banquete aconteceu contra a extinção do conselho de segurança alimentar e nutricional, que defende a nossa alimentação. Foi um grande banquete pra as pessoas que passavam na rua onde servimos mais de mil refeições pra quem passava. Foram montadas cozinhas e aqui em Brasília as doações foram feitas principalmente pelas CSAs. (Ana Thereza, coagricultora da CSA Renascer, prosa na cozinha, 2019).

Desta forma, foi nesse formato de reuniões mensais do Grupo de Gestão que pude acompanhar um pequeno grupo de coagricultoras(es) durante o campo da pesquisa. Como analisa Fernanda (Coagricultora da CSA Batata Doce, 2019) “com o tempo, o número de CSAs foi crescendo e o número de pessoas do Grupo de Gestão foi diminuindo”. A partir desse grupo resumido, algumas ideias, projetos e questões são discutidos nas reuniões

mensais, e as demandas de participação em eventos e palestras são divididas de acordo com a disponibilidade dos presentes na reunião. Betânia (2019) me relatou sobre seu entendimento sobre o Grupo de Gestão:

Quando eu entrei, via a rede como um ambiente de troca. O que a CSA esperança tem que poderia compartilhar com as CSAs pra ajudar e o que existe nas outras CSAs que poderia ajudar a gente a resolver coisas em áreas que a gente não consegue? E trocar com outros agricultores e coagricultores de outras CSAs pra ver que às vezes os problemas são os mesmos. Tipo assim “não vai entrar em crise porque você não consegue envolver os coagricultores, pois isso acontece em qualquer CSA, é assim mesmo”. Outra situação foi dos produtos complementares. O fato de eu ter já ter ido nas reuniões da rede e ter conhecido o Mau (Coagri da CSA Cultivada) eu perguntei pra ele “como que você faz os complementares na sua CSA?”, e ele me enviou várias planilhas. A nossa planilha foi baseada na dele. (Betânia, Coagri da CSA Esperança, encontro no ponto de convivência, 2019).

Para além de um espaço de trocas entre CSAs, Leandra (2019), em um de nossos encontros, explicou-me que era necessário refletir sobre o que queremos enquanto Rede/Grupo de Gestão:

Eu acho que o papel da rede a gente não tem ainda muito claro qual que é o nosso papel real ali? Como eu venho dessa área de redes, de análise de redes, eu fico muito pirando nessas coisas. A rede pode ter diferentes configurações: pode favorecer horizontalidade das relações e potencializar uma troca entre núcleos mais conectados com os que são mais marginalizados e como pode ter uma função hierarquizadora. Não é por que é uma rede que ela tem função horizontal, então acho que ter esse processo reflexivo de “qual é nosso papel?”, “Quais são os valores que a gente precisa fortalecer?” “Como que a gente vai fazer isso?” acho que esse processo reflexivo é também importante, além dos encontros. (Leandra, Coagri da CSA Esperança, prosa durante café, 2019).

A partir desse olhar, a Rede só existe, pois existem as comunidades que geram inquietações, buscam por estratégias, querem resolver questões: são comunidades vivas. Dessa maneira, percebo que a Rede em si compreende tanto laços e alianças que se constroem em torno de questões e que não necessariamente compartilhem de uma presença física (no caso da CSA Brasília, os diálogos acontecem principalmente via WhatsApp); como construir uma rede local e que carece de interação, com a promoção desses encontros (reuniões) físicos entre pessoas que trocam suas experiências e de onde nascem ideias e reflexões que acabam tecendo essa rede. Concordo com a reflexão que faz Leandra (2019) sobre o grande potencial dessa rede:

A gente tá num processo de reaprendizagem empírica, na tentativa e erro. De certa forma a rede tem esse potencial de tentar ser o facilitador dessas experiências ou de trocas de experiências pra gente facilitar esse caminho, e não é fácil. Você tem que estar mesmo disposto a participar de um projeto que é incrível, mas que tem vários desafios. Eu acho que a rede como esse catalisador de trocas é essencial pra facilitar esse *processo de reaprendizagem colaborativa*. Acho que seria o grande potencial da rede. (Leandra, Coagri da CSA Esperança, prosa durante café, 2019).

Com essas ideias, nada estáticas, ainda em movimento de *vir a ser*, compreendo esse grupo do coração da Rede como um espaço criativo-pedagógico, desde onde surgem processos de aprendizagem colaborativa.

## 4.2 CSA Doce Vida

Vamos iniciar a história dessa CSA com a história dos agricultores Edson e Vanessa; e como eles chegaram até a CSA, e a CSA até eles). Pois bem, a relação de Edson com a terra se deu desde suas origens; ele nasceu na roça, no interior de Minas Gerais e foi morar na cidade de Uberlândia aos 6 anos de idade, junto com a mãe e os cinco irmãos com objetivo de iniciar seus estudos. Mesmo na cidade, a família, liderada pela mãe, produzia seu alimento num pequeno quintal, plantavam repolho, cenoura e coisas que hoje nem Edson produz mais, como o almeirão. Era sua mãe quem “tirava” (reproduzia) as sementes que plantava de um ano para o outro. O período de plantio acontecia durante as chuvas e a produção alimentava toda a família, sendo que os excedentes eram vendidos para a vizinhança.

Logo após servir o Exército, Edson iniciou seus estudos para seminarista, em filosofia e teologia. Durante 12 anos percorreu uma longa trajetória que incluiu viver e trabalhar na Amazônia e no Pará, onde começou a se aproximar e se inserir nas pautas e lutas dos movimentos sociais, trabalhando e lutando junto à Comissão Pastoral da Terra (CPT), para além do trabalho como seminarista. Ao retornar para Goiás, viveu em um seminário na cidade de Ipameri-GO, onde a afinidade e o gosto pelo trabalho com a terra o fizeram se ocupar da produção da horta.

Edson veio para em Brasília para cuidar do pai e foi seguindo sua trajetória de luta pela terra, se afiliando ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ainda em Brasília, trabalhou em diversos lugares e na época que trabalhou em um bingo conheceu Vanessa. Após se casarem, a primeira moradia da família foi garantida através da luta dentro

de movimentos de moradia que Edson participava e que proporcionaram a redistribuição dos lotes no bairro do Varjão-DF. E foi a partir de programas habitacionais promovidos na época, pelo governo do DF que conseguiram o apartamento próprio.

A família morava na cidade pela necessidade de trabalho e por terem recursos escassos. Edson conta que não perdia oportunidade de ir para sua terra no acampamento, para cuidar de alguns poucos canteiros que conseguia manter, sempre ajeitando uma coisa e outra, e sonhando no dia em que poderia trazer toda a família e poder viver do trabalho na terra. Como relatou Edson “quem é da terra que gosta de trabalhar a terra, de plantar. O sonho dele é voltar pra terra”. Na época, sua moradia era um simples barraco de chão batido, e muitas histórias viveram naqueles momentos iniciais no acampamento. Com a impossibilidade de ir de uma vez para o assentamento, viveram no bairro do Varjão por um tempo. Com o crescimento dos três filhos Mateus, Mikael e Cauã, o casal se preocupava com a violência crescente no bairro, nesse mesmo período, conseguiram terminar de construir a casa e toda a família foi morar no assentamento.

Já assentados, as dificuldades eram grandes para comercializar a produção: “toda vez que nós ia pra feira voltava com tudo e jogava para as galinhas.” (Vanessa, Agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019). Edson me contou que existia ainda a relação com alguns atravessadores que buscavam sua produção para ser vendida em feiras orgânicas, o acordo firmado era de que repassariam o dinheiro após as vendas. O agricultor me relatou mais sobre como funcionava essa relação: “ele levava 90, 100 pés de alface e vendia três, quatro e o resto falava que jogava pras cabras dele. Pensa, você pode falar isso pra um produtor?!” (Vanessa, Agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Nesse momento anterior à CSA, a agricultora Vanessa conta que no assentamento “cada um se virava como dava, aí nós ia nos mutirões e a Fátima [presidenta da Associação Aprospera] sempre ia buscando recurso pra nos ajudar”. (Vanessa, Agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019). A Aprospera surgiu após implementação de 10 unidades demonstrativas de boas práticas agropecuárias, a partir do projeto produtor de águas (WWF, 2018), que contava com 45 associados que produziam de forma agroecológica, em sua maioria assentados do Assentamento Oziel Alves III, que se localiza na região do núcleo rural do Pipiripau, no Distrito Federal. Desta forma, a primeira empolgação do agricultor surgiu com a implementação da Agrofloresta em sua parcela:

O jeito de plantar consorciado, eu queria ter mais conhecimento. Eu nunca gostei de trabalhar com veneno, e a ideia de Agrofloresta é outra mentalidade. Eu gosto de ver árvore crescer, de plantar semente. Depois da implementação das agroflorestas é que veio a ideia da gente vender a produção através da CSA, porque até ali não tinha pra onde escoar a produção. (Edson, agricultor da CSA Doce vida, prosa na roça, 2019).

No início houve muita dúvida e desconfiança ao modelo da CSA, pois as(os) agricultoras(es) tinham uma ideia de como funcionaria, mas sem saber se realmente seria possível colocar em prática aquele modelo; e a expressão constante entre as(os) agricultoras(es) era “se for verdade é bom demais”, como me contou Vinícius (coagricultor da CSA Esperança, prosa durante café, 2019). Esse movimento de desconfiança evidencia que as dificuldades encontradas no caminho da transição ocorrem tanto para consumidoras(es) que transitam para serem coagricultoras(es) e que também acontecem nos processos de transição de agricultoras(es), que sempre produziram para feiras e intermediários, ou seja, de sair desse lugar de competição, de sofrer trapagens e ver seu produto/trabalho muitas vezes desvalorizado para se tornar uma(um) agricultora(o) que pode acreditar e contar com o apoio de uma comunidade que o valoriza e confia em seu trabalho. Vanessa conta ainda que

No primeiro dia do curso de CSA eu não fui. E o Edson me perguntava “você tem certeza de que não quer ir?”, e eu, “eu não vou”. E voltou mais empolgado ainda e marcou o segundo dia do curso aqui em casa. Aí eu ficava ali na porta olhando, aí a Renata falou “pode vir Vanessa, senta aí, você pode assistir”, e eu olhando pensava, “não sei se isso vai dar muito certo não”. (Vanessa, agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Ao final do curso, Edson e Vanessa foram um dos primeiros agricultores aptos a começar a CSA no assentamento. Eles cumpriam alguns requisitos importantes e básicos para que a CSA pudesse iniciar, tais como: possuir uma pequena produção, ter carro, ser habilitado e ter água. A mobilização foi feita por Renata (coagricultora da CSA Fazenda Bella, 2019) em uma escola situada no centro de Brasília. A ideia inicial foi de ter duas famílias agricultoras para atender as famílias do turno da manhã e outras(os) agricultoras(es) para o turno da tarde. A expectativa era grande. Vanessa conta sobre o primeiro encontro que aconteceu com as mães e pais da escola no final do ano de 2016:

Chegamos lá empolgados, chega chegamos cedo. Não deu oito pessoas, foi frustrante. Acabou a reunião e nós veio tão desanimado. E o Edson disse “vamos caçar outra coisa pra fazer”. E a gente tava esperando aquele monte de gente. E

nisso a gente fez o curso já desconfiado. Depois da reunião a gente falou “não isso não dá certo não, aonde que a pessoa vai lá pra pegar os alimentos, isso não vai dar certo não”. (Vanessa, agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Ao final da primeira reunião da comunidade, ficou acertada uma visita das(os) coagricultoras(es) à terra da família agricultora (Figura 22). Na perspectiva da coagricultora Nara Riela (2019) que participou da CSA desde a primeira reunião:

A gente acompanhou essa história do começo, com a expectativa de que tinha que dar certo, porque quando a gente entrou na CSA não era um caso de sucesso. Era uma família de agricultores, produzindo numa terra viável, mais que não tinha como escoar esse alimento. Então a gente fazia parte desse processo pra dar certo. Quero dizer, nós não entramos depois que tava acontecendo, a gente não sabia se ia ter coagricultor suficiente. (Nara Riela, coagricultora da CSA Doce Vida, prosa no ponto de convivência, 2019).

**Figura 22:** Primeira visita das(os) coagricultoras(es) ao local de produção da CSA Doce Vida em 2016



Fonte: Acervo de fotos da Rede CSA Brasília (2019).

Os depoimentos que escutei do momento de aproximação inicial entre coagricultoras(es) e agricultoras(es) explicitam o princípio da parceria, que foi experimentar sair da cultura do preço para uma cultura do apreço. Os vínculos de confiança precisam de uma faísca inicial de sonhos – sonhar que é possível criar novas realidades e relações baseadas na transparência, sinceridade e confiança entre as pessoas. Vanessa (2019) relata como aconteceu esse primeiro voto de confiança entre agricultoras(es) e coagricultoras(es)

Os que vieram aqui em casa olharam a horta e perguntaram – “você já topam começar de imediato?”, e nós topamos. A primeira entrega ia ser na terça-feira seguinte. Nós falamos – “mas a gente só tem esses canteiros”, e eles disseram “não tem problema vocês vão levando o que tem” [...] E depois com o dinheiro a gente foi aumentando a horta. A gente contou com o apoio do pessoal que já produzia aqui no assentamento e pegava legumes com eles também. E assim fizemos a primeira entrega com oito itens. (Vanessa, agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Esses novos vínculos que começavam a se formar na comunidade se reafirmaram durante a primeira entrega da cesta de alimentos da CSA, onde foi combinado o primeiro pagamento do financiamento da produção a ser pago as(os) agricultoras(es) “Ficamos admirados com todo mundo já pagando. Fizemos a entrega e eles elogiaram e viemos embora felizes da vida, nunca nós tinha recebido tanto dinheiro assim de uma vez” (Vanessa, agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Com esse primeiro dinheiro em mãos, os agricultores conseguiram implementar um sistema de irrigação na horta e contaram com um mutirão de plantio com outras(os) agricultoras(es) da associação, visto que todo mundo queria ver dar certo essa experiência. “Nesse dia, a gente ficou conversando até na hora de dormir, os meninos não acreditavam ‘nossa mãe esse negócio é bom mesmo’; aí eu: ‘é, mais é um compromisso’ ”. (Vanessa, agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

No relato acima da agricultora, evidencia-se o princípio do *compromisso mútuo*. Porém, a CSA não iniciou com o número ideal de cotas para fechar o balanço do orçamento produtivo. Durante as entregas nas semanas seguintes, muitas pessoas se acercavam e se interessavam em aderir a CSA, o que permitiu um aumento crescente do número de coagricultoras(es). Yasmin (2019), coagricultora que acompanhou e apoiou de perto o nascimento da CSA, me relatou sobre alguns dos desafios e estratégias praticadas pela comunidade durante o primeiro ciclo da CSA:

O primeiro ciclo foi mais complicado porque nós começamos sem ainda ter as pessoas. Aí a gente foi divulgando nas salas de aula mesmo, a maioria dos pais da sala do meu filho eram da CSA. Foi legal que a gente foi conhecer lá o local de produção, a casa do Edson e da Vanessa. Foi uma experiência muito nova, eu nunca tinha conhecido produtor de nenhum alimento meu [...] A gente superou essa dificuldade inicial de conseguir um número tal de membros, mais ainda tivemos algumas dificuldades de algumas pessoas que foram chegando depois sem entender esse compromisso, de que não é como ir na feira, é como um casamento, você assume um compromisso. (Yasmin, coagricultora da CSA Doce Vida, prosa no ponto de convivência, 2019).

A grande rotatividade de coagricultoras(es) – ou seriam consumidores? – marcou o primeiro e o segundo ciclo da CSA. Essa situação transparece a dificuldade de equilibrar e de entender do que se trata esse compromisso mútuo. Compartilhar os riscos e benefícios da agricultura não é evidente, principalmente quando se trata de pessoas que estão distantes da realidade rural. Já o terceiro ano foi marcado por coagricultoras(es) mais assíduos e pelos relatos de pessoas que entendiam um pouco melhor o funcionamento e a ideologia da proposta da CSA.

Nesse processo de construção da comunidade houve duas flexibilizações, que para Yasmin (Coagricultora da CSA Doce Vida, prosa no PC, 2019) foram importantes para a manutenção da comunidade. Foram estratégias que buscaram principalmente manter a participação das(os) coagricultoras(es) na CSA. A primeira estratégia/flexibilização foi a abertura de um segundo ponto da CSA, como neste relato: “A gente criou esse segundo ponto, pois uma das questões foi que muitas crianças saíram da Vivendo [nome da escola] e aí corria o risco de sair mais gente se não ficasse conveniente e acabou que deu certo com o segundo ponto.” (Coagricultora Yasmin, prosa no ponto de convivência, 2019).

Na segunda flexibilização, foi aberta a possibilidade de participar da CSA com “meia cota”, que representa a metade do preço da cota inteira e vem com uma quantidade suficiente de alimentos para uma família pequena. As dinâmicas das(os) coagricultoras(es) que dividiam as cestas entre si geraram conflitos e, por vezes, desencontros. Hoje, os PC acontecem em duas escolas diferentes, sendo que em uma delas, onde a agricultora Vanessa aguarda as(os) coagricultoras(es) do lado de fora da escola, na outra, Edson fica dentro da área recreativa da escola (Figura 23).

**Figura 23:** Pontos de convivência da CSA Doce Vida. À esquerda: agricultora Vanessa; à direita: agricultor Edson



Fonte: fotos da autora.

No ano de 2019, aconteceram três dinâmicas que marcaram o encontro da comunidade “fora do ponto de convivência”. A primeira foi a visita de nós coagricultoras(es) à terra das agricultoras(es) (minha primeira visita como coagricultora), quando fizemos uma caminhada pela área produtiva, proseamos muito entre coagricultoras(es) e família agricultora. Ao longo da caminhada da CSA, a área produtiva foi crescendo em volta da casa e, desde então, Edson contava com Seu Pedro, trabalhador que o apoia nos serviços de produção. Seus filhos maiores, Mikaell e Matheus, ajudam também durante a colheita e no preparo dos alimentos para levar para a cidade.

Nesse mesmo ano também comemoramos os três anos da CSA na casa de uma das coagricultoras da nossa CSA. Foi um momento especial e celebrativo, em que, além de cantar os parabéns, tivemos vários pratos compartilhados, preparados com os ingredientes da cesta semanal. Nesse momento, pudemos conhecer mais da história das(os) nossas(os) agricultoras(es) e saber mais sobre a organização (financeiro, comunicação e acolhimento) da nossa comunidade, além de estreitarmos laços entre nós.

Outro importante momento comunitário aconteceu em um dos PCs (Figura 24). A pauta da reunião incluía a rever os combinados da comunidade, proporcionar uma roda de apreciação do último ciclo e planejar das visitas para o ano de 2020. Esse encontro foi importante, pois propiciou o revezamento em algumas das atividades do Grupo de Gestão da comunidade, além de firmar o compromisso de horário para as(os) coagricultoras(es) buscarem a cesta, para não prejudicar os compromissos das(os) agricultoras(es) que chegam

pontualmente ao PC. Outro aspecto importante foi a definição de duas visitas ao local de produção, além de ser exposta e discutida a necessidade de aumento da cota da CSA para o próximo ciclo.

**Figura 24:** Encontro no PC da comunidade Doce Vida, janeiro 2020



Foto compartilhada via grupo de WhatsApp da comunidade.

Os encontros em comunidade, seja para decisão, reflexão coletiva ou celebração que envolvam a escuta das(os) agricultoras(es) e coagricultoras(es), enriquecem o processo coletivo de aprendizagem, além de visibilizar questões e relações que ajudam a construir a CSA. Os encontros nos alimentam também.

### **4.3 CSA Fazenda Bella**

“Minha caminhada como agricultor é bem aquele clichê e vem acontecendo com frequência que é de uma comunidade com agricultor neorrural. São pessoas que viveram e estudaram na cidade, mas, que por algum motivo, vêm retornando pro campo. Eu vivia na cidade, estudei na cidade, mas frequentava com muita frequência a fazenda do meu avô. Então sempre gostei dessa vivência rural e compreendia um pouco os tramites do que é plantar, o que é cuidar de um animal, conviver com o pessoal que mora na área rural.”

(Osmany, agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019).

A fazenda Bella tem uma longa história, que começa com os bisavós maternos do agricultor Osmany, que vieram da Itália e trabalhavam como cafeicultores de roça em roça em Minas Gerais. Já seu avô veio fugido de Minas para Brasília. O terreno da fazenda foi adquirido pela família em 1967, a partir de uma doação de terras feita pela Fundação Zoobotânica, que na época, era responsável por promover o desenvolvimento da produção rural em volta da recente cidade inaugurada, Brasília. Desde o início, a família produzia para sua subsistência e seu avô criava cabras, galinhas, gado e vendia leite e queijos. Como conta Osmany:

Ainda na minha adolescência, meu vô plantou convencional aqui, mais aí ele começou a ler os rótulos dos produtos que passavam pra ele. Ele chegava na agropecuária e falava que tava com lagarta o pessoal já vendia o kit. Ele começou a ler os rótulos e parou de comer a produção “se eu não tenho coragem de comer eu não vou vender”. (Osmany, agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019)

Anos depois, seu avô veio morar na cidade, e Osmany, junto com sua mãe Dona Leila, sempre imaginavam formas de estar presentes na fazenda e realizar projetos por ali, como ele conta:

E foi a permacultura que me trouxe de volta quase 10 anos depois. Minha ideia era de vir morar no sítio, só não vim porque tava na faculdade, mais aí casei com Naju [Agricultora] e fui morar na cidade. Comecei a plantar e tinha muita produção, então comecei a entregar em restaurante, paralelo com a arquitetura. Antes da CSA eu já sabia que queria viver disso. (Osmany, agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019).

Osmany, jovem agricultor, conheceu a permacultura ainda quando cursava a faculdade de Arquitetura, onde pode conhecer os temas de Agroecologia e Sustentabilidade, que o guiaram na sua formação. A partir do momento que conheceu o agrofloreteiro Ernst Götsch, decidiu plantar agrofloresta:

Já nesse período que eu comecei a plantar, foi quando começou a surgir as primeiras CSAs, e a rede dando curso de capacitação que eu nunca tive tempo de fazer o curso. Sempre tive muitos contatos com algumas pessoas da rede só que como eu tava “sozinho”, porque eu tô num lugar que a maioria das pessoas trabalham com veneno e pouquíssimas trabalham no âmbito agroecológico. Eu acabei tentando meio que me virar, então hoje eu conheço algumas pessoas que trabalham com orgânicos, mais poucas com agrofloresta. (Osmany, agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019).

A agricultora Ana Júlia conta sobre as tentativas de escoamento da produção para restaurantes e feira, que, segundo ela, mal pagavam o combustível:

Quando eu comecei a namorar Osmany, ele já plantava aqui mais não escoava porque não tinha pensado como faria isso ainda. Depois de um tempo ele dava pra família e vendia esporadicamente. Então começou a vender pra restaurante, muitas folhas como rúcula e brócolis. Porém tinha poucos itens e restaurante precisa de uma frequência de alimentos e chegou um momento que ficou difícil. Depois a gente começou com uma feirinha. Nós ajudamos a implementar agroflorestas no Assentamento Canaã, então vendíamos a produção desses outros produtores que também tinham dificuldade pra escoar. E para não ter desperdício, porque feira é assim, você leva e o que não vende você não sabe o que fazer, a gente fazia feira por encomenda a partir de uma lista que divulgávamos pra amigos, onde a pessoa escolhia e ia buscar na feira. (Ana Júlia, agricultora da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019).

No início à ideia de se criar a CSA, a família agricultora se perguntava: “Como que faz?”; “Como que funciona?”; “Qual é a lógica?”; e sem saber por onde começar, adiaram o início da experiência. E foi contando com consultorias de Renata Navega, tirando dúvidas e aprofundando na lógica do movimento que a CSA Fazenda Bella foi tomando forma. Assim, como relata Ana Júlia: “tem os vícios de feira do produtor e não é só o consumidor que tá viciado em várias facilidades. É outro esquema tanto pra galera que consome quanto pra galera que produz. Como valorar seu trabalho? Qual salário você quer receber?”. O agricultor me contou que no início do processo de montar a CSA a dificuldade passava por:

Como que eu vou juntar um grupo de pessoas que eu vou ter certeza que vão entender meu propósito e me apoiar? Eu só consegui fazer isso quando eu casei e minha mulher falou “vamos fazer isso, a gente consegue esse público, a gente vai chegar lá”. Ela tem um conhecimento para realizar projetos, comunicação e está nesse meio de muitas pessoas que tão preocupadas justamente com a proposta e não só com a alimentação. E aí facilitou muito ter o apoio dela na parte de divulgação, tesouraria e planejamento de plantio. E aí eu não tô mais sozinho nisso, porque antes era eu, minha mãe, o caseiro, minha tia, trabalhando juntos mais sem saber o que fazer, mesmo eu tendo compreensão do que era a CSA eu não sabia como criar essa rede. (Osmany, Agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa na roça, 2019).

Em relação à área produtiva, a família agricultora já contava com uma área de produção estabelecida e com a mão de obra e saberes de Balbino (Caseiro da fazenda há sete anos), que acompanhou todo o processo desde o início da implementação da Agrofloresta. Com o crescimento da CSA, Rhuan, amigo das(os) agricultoras(es), foi contratado para ajudar no processo produtivo e, mais tarde, se ocuparia do terceiro PC da CSA.

A agricultora Ana Júlia, que é cientista ambiental, me revelou que seu sonho passava por trabalhar com processos educativos na natureza, dar aulas de Permacultura, realizar encontros com crianças, e não só plantar, mas realizar cursos, palestras e vivências na terra.

E foi pensando a partir da potencialidade da família agricultora que a comunidade nasce como CSA Escola, com intento de ser propulsora de outras experiências de CSA, oferecendo formações e visitas. Essa ideia tomou a dimensão de uma proposta de organizar oficinas, contando, inclusive, com os talentos da comunidade, não somente na fazenda, mas também na cidade (Figura 25). Assim, a CSA Fazenda Bella surge no início de 2019 como este elo duplo: da produção de alimentos agroecológicos e de compartilhar saberes (o que acontece naturalmente nas experiências da CSA, mas nessa experiência a proposta era estruturar esses espaços de aprendizagem).

**Figura 25:** Proposta de oficinas apresentada na primeira reunião da CSA Fazenda Bella, 2019



Fonte: divulgada no WhatsApp pela Agricultora Ana Júlia.

Essa proposta de oficinas foi construída após a primeira roda de conversa da comunidade, quando a família agricultora apresentou a história da fazenda e suas propostas, a tabela de custos da produção e uma declaração de compromisso (com o ciclo de seis meses), foi definida a quantidade média de itens a serem entregues. O momento proporcionou a consolidação dos combinados em comunidade, tais como horários e locais de entrega, que iniciaram em uma casa, onde aconteciam atividades de contraturno. Durante a primeira roda de conversa da comunidade, foi possível acompanhar a materialização do princípio da

*parceria*, que é tecida com essa troca e tornando possível sair de uma cultura voltada para os produtos a uma agricultura voltada para as pessoas.

Nesse primeiro encontro, Renata contribuiu apresentando a CSA e seus princípios. Foram surgindo muitas dúvidas, o que tornou o espaço fértil para ideias e compreensões mais aprofundadas sobre os paradigmas da CSA. A comunidade iniciou com 16 famílias coagricultoras o que, segundo a coagricultora Renata, torna possível o estreitamento dos laços:

Não é muito bom iniciar uma CSA com mais de 20 ou 30 famílias, pois entender o compromisso que a gente tá fazendo já é um esforço, e ter um grupo grande onde você nem sabe o nome de todo mundo faz com que o vínculo seja pequeno. E volta pro que falamos: a gente tende continuar como consumidor, fazendo uma troca financeira. Então é importante começar pequeno e aumentar progressivamente. (Renata Navega, Primeira reunião da CSA Fazenda Bella, 2019).

Uma característica importante dessa comunidade é o grupo de coagricultoras(es) que integravam a CSA Fazenda Bella. Em grande parte, era formada por amigos e pessoas próximas da família, ou seja, as relações vinham da época em que a família vendia os produtos na feira ou de outros encontros. Mel (2019), coagricultora que chegou a participar de cinco diferentes CSAs brasileiras, faz uma análise sobre a questão dos vínculos na CSA Fazenda Bella:

Como o Osmany fazia feira, uma coisa que eu percebi foi que muitas das pessoas que estão na CSA já são do ciclo de amizades, então essa origem das pessoas, da gente por exemplo já se conhecer de antes da CSA, isso já facilita muito essas relações, porque você não fala com um estranho, a gente tem algo em comum, mesmo só se viu uma vez ou outra, isso só fortalece. (Mel, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa no ponto de convivência, 2019).

Esses vínculos prévios à CSA proporcionaram certamente o estabelecimento de relações de confiança consolidadas desde o início, o que facilitou no processo da construção das relações comunitárias e no estabelecimento do compromisso mútuo. Mas isso não torna o caminho da construção da comunidade simples, o caminho a ser percorrido para estabelecer os vínculos comunitários é contínuo.

Durante minha caminhada, acompanhei a reunião de fechamento do primeiro ciclo da comunidade, de onde surgiram importantes considerações que ajudaram a reorganizar alguns aspectos da comunidade e fortalecer outros (figura 26). Da parte das(os) agricultoras(es), para além da felicidade de ver a comunidade se vinculando e a produção dando conta do

compromisso, os retornos que me chamaram a atenção foram: relato da pouca participação das(os) coagricultoras(es) nas vivências em comunidade; chamamento das(os) coagricultoras(es) para movimentar as comissões da CSA; e relato da dificuldade de cumprir os horários do PC. Buscando sanar essa dificuldade, no segundo ciclo da CSA, foi sendo criado um segundo PC próximo à casa das(os) agricultoras(es) para possibilitar o arranjo nos horários das(os) coagricultoras(es). Para esse segundo ciclo, Dona Leila, mãe do Agricultor Osmany, iniciou o beneficiamento de alguns dos produtos da fazenda para oferecer como produtos complementares à comunidade.

Dos relatos e reflexões das famílias coagricultoras, surgiu a ideia de criar escalas entre as famílias para auxiliar na montagem do PC. Essa troca foi importante também para uma avaliação geral da cesta: todos relataram satisfação imensa, surgindo comentários sobre a possibilidade de diversificar a produção de raízes, legumes e frutas. Durante a roda surgiram falas como: “tenho vontade de participar mais”; “o que tem sido mais transformador é encontrar vocês”. O maior desafio apontado pelas(os) coagricultoras(es) foi a dificuldade de gerir os alimentos em casa; outro coagricultor expôs a seguinte situação: “me incomoda a mensagem no grupo de que: faltaram oito cotas a ser pagas... é importante combinarmos o agendamento bancário, isso me apontou a vulnerabilidade dos agricultores.” Esse encontro foi um espaço de trocas de experiências entre famílias sobre a experiência cotidiana da CSA e refletir sobre as alegrias e desafios desse movimento. Esse encontro proporcionou um momento de escuta coletiva profundo, assim como o acolhimento das dificuldades e busca de soluções em coletivo.

**Figura 26:** Reunião de fechamento do primeiro ciclo da CSA Fazenda Bella, 2019



Fonte: Foto da autora.

Já o segundo ciclo da CSA foi marcado pela abertura de mais dois PCs. O segundo acontecia ao ar livre, ocupando uma área verde de quadra residencial. O que fez alguns dos vizinhos do prédio mais próximo aderirem à comunidade. Nesse segundo ciclo o número de cotas também dobrou (como esperado inicialmente). Já o terceiro PC foi aberto em Taguatinga-DF e depois passou a ser no Guará-DF, contando com um menor número de coagricultoras(es). Ainda nesse ciclo foram realizadas algumas visitas em comunidade à fazenda. Em apenas um ano de CSA, muitas foram as aprendizagens e as trocas nessa comunidade.

Figura 27: Esquema resumo das histórias das experiências



Fonte: Esquema da autora.

## CAPÍTULO 5 – Colheita das aprendizagens

**Figura 28:** Colhendo limões com Seu Edson para a cesta da semana, 2019



Fonte: Foto da autora.

“Nessa andança para ver o que se colhe – e um dos motivos do porquê não sabemos com muita antecedência o que vem na cesta, fui percebendo que os alimentos estão vivos. Vai depender se o maracujá já caiu em quantidade suficiente, se a mosca branca pegou a abobrinha, se a última chuva não acabou com os canteiros de alface – aliás, produzir folhagens na chuva é um desafio – qual bananeira botou com o cacho bom de tirar, enfim, a coisa toda TA VIVA, ensinando pra mim sobre delicadeza, maciez, paciência, força, resiliência e abundância. E falando em abundância, nunca tinha parado pra contar limão do pé, afinal sempre tiramos alguns poucos. Desta vez, quanto limão: colhemos 250! E fiquei pensando que esse limoeiro estava produzindo pra tantas famílias.”  
(Caderno de campo, Ana Braga, 2019).

Depois de todas essas etapas, seguindo uma cadência única encontrada nos ciclos naturais da vida, a etapa que se abre agora para nós, após todo o esforço e dedicação: a colheita. Nesse momento, te convido a colocar a mão na terra e colher esses frutos, vegetais, raízes, flores e folhas, que no nosso caso foram plantadas a muitas mãos.

Muitos legumes têm que ser colhidos no dia para chegarem fresquinhos e bonitos pra gente. Ali, no processo da colheita, vi que colher não significa o simples ato de tirar a folha ou a raiz da terra ou de pegar os ovos das galinhas. É um trabalho que exige muita delicadeza e precisão. A colheita dos alimentos é como produzir um artesanato: assim que são colhidos, são separados, lavados, cortados, amarrados, armazenados. Cada alimento da nossa cesta, sem deixar nenhum de fora, passa pelas mãos e cuidados da família dos agricultores. (Ana Braga, Caderno de campo, durante colheita da CSA Doce Vida, 2019).

Como uma curiosa agricultora do aprender, tratei aqui de realizar e organizar esta colheita. Todos os alimentos passaram pelos meus cuidados, pelas minhas mãos. Esta etapa envolveu um preparo artesanal desses alimentos: a colheita em si, limpeza, seleção, corte, amarrações e armazenamento dos alimentos. Neste capítulo, trataremos de colher e preparar esses alimentos para chegarem até a sua casa.

O trabalho é intenso, o sol vem subindo e já começamos a separar nas caixas os alimentos que vão para cada ponto de entrega. Eu, sinceramente, não consegui seguir o raciocínio matemático das contagens e organizações das cestas; o raciocínio já é treinado e anda rápido. Até comentei que se eu fosse agricultora, coitado dos meus coagricultores! É preciso estar num estado de alegria e atenção nesse momento de organizar os alimentos. (Ana Braga, Caderno de campo, durante colheita da CSA Doce Vida, 2019).

Nesta colheita-de-pesquisa, nos encontraremos com alimentos que deram em abundância; com alguns alimentos que foram plantados, mas que não se desenvolveram; com outros alimentos que possuem um ciclo maior que o tempo desta pesquisa-plantio; alimentos

que surgiram espontaneamente nos canteiros férteis – mesmo sem serem semeados por nós; e do encontro com alimentos invisíveis que também foram colhidos. Desta maneira, pretendo, neste capítulo, ir organizando as ideias e apresentar os contornos da pedagogia própria que surgiu com a minha experiência.

## 5.1 Que pedagogia é essa?

No senso comum, a pedagogia é associada geralmente ao campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, de suas metodologias, teorias e práticas, associadas ao “ato educativo”. Libâneo (2001) nos relembra que durante a década de 1930, no Brasil, a pedagogia só podia ser exercida por quem passasse por um processo formativo:

O raciocínio é simples: educação e ensino dizem respeito a crianças (inclusive porque “peda”, do termo pedagogia, é do grego “paidós”, que significa criança). Ora, ensino se dirige a crianças, então quem ensina para crianças é pedagogo. E para ser pedagogo, ensinador de crianças, é preciso fazer um curso de Pedagogia. Foi essa ideia que permaneceu e continua viva na experiência brasileira de formação de professores. (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

Outra relação feita com frequência à pedagogia entre processos pedagógicos e processos educativos formais segundo Saviani (20017, p. 102):

A pedagogia, como teoria da educação, busca equacionar, de alguma maneira, o problema da relação educador-educando, de modo geral, ou, no caso específico da escola, a relação professor-aluno, orientando o processo de ensino e aprendizagem. Assim, não se constituem como pedagogia aquelas teorias que analisam a educação sem ter como objetivo formular diretrizes que orientem a atividade educativa.

O autor nos apresenta uma visão estrita do entendimento da pedagogia, porém a pedagogia é um termo que veio se transformando ao longo de tempos/espacos/culturas, passando a considerar cada vez mais a diversidade de práticas educativas *dentro* e *fora* de ambientes escolarizados, desde onde se constroem pedagogias muito próprias a partir de diferentes contextos sociais, políticos e educativos.

Nesse sentido, um exercício importante no contexto desta pesquisa foi o de deslocar o sentido tradicional do pedagógico. A pedagogia aqui será compreendida como a experiência de *ensinar e aprender*, constituindo formas muito particulares de interagir com o mundo. Dessa forma, não vou falar da pedagogia como um campo formal de conhecimento

*stritu sensu*, como área de formação, mas pensá-la em um sentido mais amplo do termo: o da experiência humana como processo pedagógico, que envolve ensinar, aprender e transmitir conhecimentos em diferentes níveis, inclusive naqueles que nem sequer imaginamos.

Alguns pensadores já vêm ressignificando o campo da Pedagogia, tais como Paulo Freire (1987) e Miguel Arroyo (2012), os quais saem da dimensão mais acadêmica e escolarizada da pedagogia, para evidenciar esses outros sujeitos que resistem a partir de movimentos sociais, como, por exemplo, nos movimentos camponeses, onde se organiza, aprende e ensina de forma muito própria (DORNELES; REIS DA SILVA, 2020)

Assim sendo, a maneira uniforme a que muitas vezes são conduzidos os processos educativos acaba por invisibilizar a autenticidade e a diversidade de formas de aprender e ensinar, como por exemplo de: agricultores, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta, dos campos e inclusive povos das periferias urbanas – todos submetidos a processos de subalternização, sendo excluídos e impedidos de reproduzir suas existências, vendo seus modos de vida tão plurais diluídos em sistemas mono-educacionais (ARROYO, 2012).

Nesse caminho de reconhecer a existência de diferentes pedagogias, Walsh (2013) mapeia as Pedagogias Decoloniais, que são aquelas nascidas nos processos de resistência e de outros espaços transgressores que convocam conhecimentos marginalizados a *pesar-e-fazer* estratégias pedagógicas que provoquem rachaduras nas colonialidades (como vimos no Capítulo 2, são as marcas deixadas pela colonização).

Para a autora, as lutas sociais são cenários pedagógicos importantes onde se exercem pedagogias “de aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem, reflexão e ação” (WALSH, 2013, p. 13). As pedagogias emergem para entender o que vem sendo *feito-vivido*? Quais problemas se enfrentam? E assim proporcionar o avanço de análises e impulsionar processos. A teoria surge a partir das experiências.

Sob a perspectiva de ampliar o olhar sobre pedagogias, o que se pretende neste estudo toca em outra dimensão: a de pedagogias que se produzem, inclusive nas trocas entre humanos e não humanos e que não estão necessariamente marcadas por uma intencionalidade – sem que sejam previamente deliberadas –, mas que ensinam e comunicam coisas. Essas experiências acabam produzindo, inevitavelmente, pedagogias muito próprias. Afinal, se toda experiência ensina, podemos considerá-las como processos de aprendizagem.

Aproximando o processo produtivo alimentar ao processo “produtivo” educativo – e suas pedagogias –, acredito que ampliar os horizontes de entendimento de pedagogias é o mesmo que diversificar ecossistemas, saberes e maneiras de se alimentar.

Senti um pouco na pele essa força de cuidar da terra e de colher. Como que não é só essa comida tem toda essa luta pela terra, luta por uma maneira de produzir mais diversa, para recuperar a água, terra, diversidade. A Agrofloresta ocupa uma antiga área de cultivo de eucalipto e pasto. Essa comida vem carregada por essa luta pela diversidade no Cerrado, pela paciência e muitas outras coisas mais. A agrofloresta é um lugar de encontros. (Ana Braga, Caderno de campo, durante colheita da CSA Fazenda Bella, 2019).

Assim, um dos sentidos que proponho aqui para a educação vem carregado de uma luta pela diversidade de formas de se aprender e ensinar.

### **5.1.2 A pedagogia própria**

A pedagogia própria é o que surge da experiência como ato único e singular. Quando consideramos a CSA, identificamos uma recorrente intersecção entre algumas ideias-chave: alimentação saudável, soberania alimentar, economia solidária, justiça social, agricultura agroecológica, corresponsabilidade, e muitas outras possíveis. Assim, a busca por essa pedagogia própria pode nos ajudar a compreender como se entrelaçam essas ideias que permeiam as trocas, os saberes e as aprendizagens que acontecem na CSA.

Como o plantar, a pedagogia própria existe nas tentativas e nos erros. É a colcha de retalhos de experiências; são canteiros que, mesmo quando planejados, são orientados inclusive por forças para além de humanas:

Percorrendo os canteiros da horta é interessante não só admirar um canteirão cheio e bonito, mas entender que tudo por ali é fruto de muitas experiências e experimentos do agricultor, ou seja, tem fracassos também e, só por causa deles, seus saberes e experiências são construídos. Às vezes, não é por falta de saber, mas quem tá no comando é o tempo, o vento, a chuva, o sol, a natureza que pela chuva que cai raleia o canteiro de beterrabas ou dificulta a acelga a “fechar a cabeça”. (Ana Braga, Caderno de campo, durante colheita da CSA Doce Vida, 2019).

Da mesma maneira que uma horta pode ser entendida como “canteiros de experimentações” – incluindo aí os fracassos, as tensões e as inexperiências – de tudo isso são compostos os canteiros das pedagogias próprias, nas quais podemos encontrar também ideias, reflexões e ações que brotam do cultivo da experiência.

O *próprio* existe em tudo aquilo que é difícil de ser repetido. É o que surge de diverso e espontâneo da experiência, desde onde se aprende ou desaprende algo: sejam palavras, gestos, ações, pensamentos, alimentos, objetos, sensações, receitas, espantos, simpatia. Pensando assim, as pedagogias próprias surgem por si mesmas e já existem antes mesmo de serem nomeadas ou colhidas. Elas estão aqui, por ali, elas *re-existem* com o tempo, o tempo todo. Por isso mesmo, não podem ser comparadas, reduzidas ou encaixotadas, trata-se então de entender o que elas evocam: O que e como se aprende a partir da experiência?

No caso da CSA, a pedagogia própria surgiu de encontros com situações que me chamaram a atenção e que me ajudaram a exemplificar e *sentipensar* alguns dos contornos dessa pedagogia própria. Reconhecer o que existe de “próprio” é reconhecer outras formas de enxergar o mundo, portanto foi importante na descoberta dessa pedagogia própria minha vontade de abrir-se para a experiência.

A pedagogia própria não deixa de – em alguma de suas muitas dimensões – considerar a experiência como processo de aprendizagem que se apresenta como *pedagogia viva*, ou seja, não pretende ser rígida ou criar moldes. A ideia é cultivar, inspirar e visibilizar outros encontros próprios que possam seguir construindo essa pedagogia, desde experiências locais e que potencializam a construção de alternativas também em âmbito global.

Por fim, a proposta de investigar a pedagogia própria não pretende analisar o que existe de certo ou errado nas experiências, e, sim, considerar a grande diversidade de ações e possibilidades que estão situadas entre a noção do certo e errado, o que me permitiu problematizar a experiência e visibilizar novas referências de conhecimentos e caminhos-ideias possíveis de serem trilhados.

### **5.1.3 O Encontro**

Durante o caminhar, foi ficando evidente a centralidade que o encontro ocupa como dimensão pedagógica dentro da experiência da CSA. É a partir do encontro que se aprende e se ensina. Para mim, o encontro é sinônimo de colheita que passou a representar o ato de encontrar-se: é a partir do cultivo de certas coisas, que se colhem Encontros.

À primeira vista parece ser banal evidenciar o encontro como dimensão pedagógica. Mas estou aqui para evidenciar o óbvio também – por que não falar do óbvio?! – e por isso

o encontro que aqui ousou desenhar com palavras se escreve com letra maiúscula: Encontro. Dessa maneira, apresento algumas das dimensões que fui descobrindo ao participar e acompanhar experiências da CSA.

Portanto, o Encontro não acontece “de um lado só”. A essência do Encontro gera uma harmonia entre as partes *encontrantes*, que passam a compartilhar coisas, seja um espaço, palavras, afetos, receitas, sentimentos, olhares, ideologias, cores. Encontro aqui é movimento, sair de um lugar para outro ou de uma ideia ou experiência para outra. As dimensões do Encontro são muitas e, certamente, se dão para além do encontro físico. E isso me faz pensar que muitas dimensões precisam “ganhar vida” aos nossos olhos, certa dignidade, para que passem a ter a possibilidade de *encontramentos*.

No entanto, relacionar o Encontro ao que conseguimos perceber somente pelo sentido da visão é, de certa forma, reduzi-lo:

De todos os sentidos, a visão é, entre nós, aquela mais diretamente associada ao conhecimento – o verbo “ver” é frequentemente usado como sinônimo de conhecer ou saber. Como muitos já notaram, essa associação revela aspectos de nossa cultura. No Ocidente moderno conhecer tornou-se sinônimo de adquirir domínio intelectual sobre um objeto, é atividade da distância e da não participação. Ora a visão, diz-se, é justamente o sentido da apreensão distanciada e não envolvida do mundo. (RABELO, 2015, p. 230).

Inspirada pela discussão que Rabelo (2015) faz ao se debruçar sobre as práticas visuais no Candomblé, acredito que o invisível e o sensível se fazem presentes e atuantes no Encontro, e acabam por articular muitos dos saberes cultivados na experiência da CSA. Porém, para enxergar essas invisibilidades, é preciso ativar todos nossos sentidos para perceber o que nos passa, o que surge, ou seja, é preciso aprender a ouvir nossos corpos, afinal, aprendemos com todos os sentidos. Assim, o Encontro potencializa a ativação de nossos corpos sensíveis.

Entretanto, o simples fato de estar junto não gera o Encontro necessariamente. Por exemplo, num ambiente escolar podemos dizer que diariamente se encontram estudantes, professoras(es) e funcionárias(os) da escola, e isso não significa que o “conteúdo programático” é assimilado diariamente. Ou mesmo na própria experiência da CSA, acredito que não é só porque financio a CSA que experimento de forma ampla seus potenciais de aprendizagem.

É como Paulo Freire (1987, p. 18) refletiu: “o conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo”. O Encontro pede presença, sem reduzi-la a uma dimensão material/física e, quando a tem, acontece em sua potência máxima: quando nos transforma. Não é à toa que Encontro e encanto são palavras bem parecidas. Objetivamente, o que quero dizer é que encantar-se faz parte do Encontrar-se. No Encontro, a presença é encanto. Porém, nem tudo são encantos. De desencantos e desencontros também se constroem os Encontros.

Encontrar-se é expor-se, é um constante situar-se no mundo, por vezes em outros mundos-vidas. Seguindo o fio do pensamento de Ingold (2019, grifo nosso, p. 7):

A vida é uma questão de decidir como viver e envolve, a todo momento, a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra. Como os caminhos se fazem ao andar, devemos continuamente improvisar modos de vida conforme avançamos, abrindo novas trilhas mesmo quando seguimos os rastros de nossos predecessores. Contudo, nós não os fazemos sozinhos, mas em companhia de outros. Como fios de uma corda, vidas se entrelaçam e se sobrepõem. Elas seguem juntas e reagem mutuamente, umas às outras, em ciclos alternados de tensão e resolução. Nenhum fio segue pra sempre; assim como uns se vão, outros se unem. *É por isso que a vida humana é social: é um processo contínuo e coletivo de descobrir como viver.* Todo modo de vida, portanto, representa uma experiência comunitária acerca de como viver.

Tomando o Encontro como forma de se descobrir como viver, e como ato de abrir trilhas e atalhos, o autor enfatiza uma dimensão importante do viver: a coletividade. Desta maneira, as experiências coletivas constituem os Encontros de forma potente.

Além disso, o Encontro em sua utopia acontece quando se celebra a vida. É um desfrutar juntos. O Encontro em sua ontologia<sup>18</sup> é o desdobramento de que há o suficiente para todos – alimentos, afetos, morada, terra. O Encontro, finalmente, é celebração.

Os Encontros acontecem mesmo sem querer, sem saber. Eles nos influenciam mais do que imaginamos, portanto, acredito que tentar organizar, desenhar processos de aprendizagem potencializam nossas experiências cotidianas. A intenção traz vontade de ser pedagógico no Encontro.

Os encontros estão por aí,  
Semeados nos jardins, em frutos pendurados nas árvores  
encontros nos buracos das calçadas, nas paisagens mais distantes  
nos sulcos de nossas mãos.  
Mas há de saber encontra-se, dar tempo para sentir,

---

<sup>18</sup> Estudos sobre reflexões da essência do ser.

saber se vai ou se fica.  
Há também de não saber. Saber que não se sabe.  
E seguir buscando.  
(Ana Braga, Caderno de campo, 2020).

Torna-se cada vez mais urgente a necessidade de se construir alianças – Encontros – comunitários de onde nasçam afetos, contatos de coração a coração, olhar nos olhos, aprender a lidar com silêncios, saber, querer e sentir o falar. Apesar de, por vezes, não ser tão evidente, esses gestos são centrais e tomam – ou deveriam tomar – grande parte da nossa experiência de viver, afinal, experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, o que acontece, o que toca”. (LARROSA, 2002). Dessa maneira, a pedagogia dos Encontros propõe pensar o pedagógico a partir do Encontro, de forma a visibilizar o Encontro como pedagogia, como possibilidade de reencanto pela vida.

Como já contei brevemente, a pedagogia do Encontro surge de minha experiência como pesquisadora-coagricultora: “a partir dos Encontros, trilho meus caminhos do aprender.” (Ana Braga, notas do Caderno de campo, 2019). Durante a caminhada e a partir dos Encontros, pude ir descobrindo no cotidiano da experiência algumas potências-de-Encontros que surgiam *com e entre*: Agricultoras(es), Comunidades, Alimentos e em Rede. O que surge daí? Ou o que pode surgir? O que a gente aprende ou reaprende?

Destaco aqui que os Encontros que tecem a pedagogia desta pesquisa-plantio vieram, em sua maioria, de olhares e vivências das(os) coagricultoras(es). Para cada dez coagricultoras(es), foi o equivalente ao Encontro com uma família agricultora. Assim, não espero que essa proposta pedagógica seja completa. E é afirmando sua incompletude que eu espero que daqui surjam outras ideias, pesquisas (acadêmicas ou não) e reflexões que visibilizem esses Encontros, seja na CSA ou em outros movimentos de nossas vidas, e que tornem cada vez mais visíveis e mais autênticos nossos próprios processos de aprendizagem ou nossos fazeres pedagógicos cotidianos.

A pedagogia do Encontro foi pensada a partir de quatro Encontros que foram se mostrando centrais na experiência: *com e entre* Agricultoras(es), *com e em* Comunidade, *com* os Alimentos e *em* Rede, os quais inevitavelmente se atravessam, se misturam. Por exemplo, como veremos mais à frente, quando falo do Encontro com os alimentos, surge o Encontro com a terra, que se conecta inevitavelmente também com as(os) agricultoras(es). Essa

“separação” vai nos ajudar a aprofundar e organizar as ideias e reflexões, mas saibam que, definitivamente, um não acontece em separado do outro.

Do Encontro com as(os) agricultoras(es), surgiram reflexões a partir do Encontro entre agricultoras(es) e coagricultoras(es) (e vice-versa) e entre agricultoras(es). Essa categoria se ocupou de pensar a(o) agricultora(o) – e tudo o que ele representa – como ente central encontrante, e é de onde cultivo reflexões, análises e *sentires* que brotaram daí. Já o Encontro *com* e *em* comunidade trouxe para o centro os Encontros comunitários da experiência da CSA, retomando os encontros entre agricultoras(es) e coagricultoras(es), mas agora centrando nas relações nos espaços comunitários.

Já o Encontro com os Alimentos se ocupa em reunir reflexões de coagricultoras(es) e agricultoras(es) que foram instigados a refletir sobre o que surge dessa relação, com intenção de expandir nossos horizontes ecológicos imaginativos (STEIL; CARVALHO, 2014), em que

Conhecer é fundamentalmente uma habilidade que adquirimos na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo, e não uma prerrogativa humana que se processaria no espaço restrito da mente como uma operação racional. (STEIL; CARVALHO, 2014, p. 164).

Além disso, nessa experiência os alimentos – entes não humanos – adentram, transformam e participam de maneira significativa e central na realidade dos entes humanos. Finalmente, no último Encontro com a Rede, busquei reunir e refletir sobre algumas das dimensões que constituem a Rede CSA Brasília.

A colheita dos Encontros foi feita através de muitas narrativas: Encontros pluriversos. As falas, as análises e as reflexões que narram a pedagogia foram as das próprias pessoas imersas na experiência, aquelas com que pude me Encontrar. E é a partir de um *pensar-fazer-sentir* pedagógico (WALSH, 2014) que seguimos na colheita das aprendizagens e *ensinagens*.

Figura 29: Esquema resumo da pedagogia própria



Fonte: Esquema da autora.

## 5.2.1 Agricultora(o)

**Figura 23:** Encontro entre as Agricultoras(es) Edson, Dona Zezé e sua filha durante visita, 2019



Fonte: Foto da autora.

O Encontro com a agricultora(o) acontece na possibilidade de convivência junto à família agricultora a partir de uma relação direta, que é o grande diferencial da CSA, diante de outras experiências de economia solidária que envolvem grupos de consumo coletivo, entrega de cestas de alimentos, entre outros arranjos solidários. Na minha experiência, o Encontro com a(o) Agricultora(o) representa para além das famílias que cultivam a terra, mas seus modos de vida, os processos de regeneração e cuidado com a natureza e todo o conjunto de elementos que compõem seus territórios.

Então, vamos entender essa colheita desde o que veio surgindo do Encontro entre coagricultoras(es) e agricultoras(es) – e vice-versa – e entre agricultoras(es). O Encontro entre agricultoras(es) e coagricultoras(es) não deixa de ser um Encontro de mundos radicalmente diferentes. E é justamente dessa diversidade que surge uma colheita farta de afetos-aprendizagens. Aqui, a família agricultora representa a força pedagógica da terra.

Desta forma, esse encontro traduz de muitas formas a realocização do mundo rural e relações de solidariedade e reciprocidade que podem ser estabelecidos entre pessoas de mundos tão diferentes. Dessa maneira, o Encontro com as famílias agricultoras possibilita levar a sério esses outros modos de vida, muitas vezes distantes dos tempos e afazeres urbanos.

Além disso, levar a sério envolve o reconhecimento de outros tipos de inteligências, trabalhos, valores, de saberes tradicionais e outros modos de reprodução da vida. Levar a sério o Encontro com os trabalhadores da terra me levou ainda a redimensionar o trabalho agrícola, a valorização do trabalho rural, especialmente da agricultura familiar. Esse Encontro torna possível uma aproximação que vai contra o modelo econômico do capital, no qual as agricultoras(es) são invisibilizadas(os) e as grandes corporações aparecem: a produção de alimentos não tem lastro.

Porém, aproximar realidades urbanas e rurais não se resume a somente reduzir uma distância física. É um distanciamento de formas de reproduzir a vida em seus princípios e práticas. Então, o Encontro com o rural causa medo aos modos de vida que sustentam a modernidade, pois passa a trazer reflexões que desmontam o imaginário de vida urbano/moderno/capitalista. Salvatore (Coagricultor da CSA Fazenda Bella, prosa durante PC, 2019) refletiu, quando trocávamos nossas experiências sobre a CSA, que me disse: “é uma volta à simplicidade, viver com pouco, mais viver bem”. Em outras palavras isso significa buscar o necessário e não o supérfluo; um viver cooperativo e não competitivo, um viver compartilhado e não individualizado, o que implica pensar na construção coletiva do viver como elemento central da vida.

O Encontro entre agricultoras(es) e coagricultoras(es) acontece semanalmente no PC, como me explicou a coagricultora Vanessa (2019):

É um momento de reforçar laços, encontrar o pessoal e fortalecer as amizades, os encontros, pegar receita e comentar o que fez com o alimento da vez passada, pegando dicas sobre vários usos que a gente pode fazer a partir da cesta, isso é muito rico. É muita pessoalidade, muito mais de qualquer coisa que eu tenha imaginado. Essa questão dos encontros e de você ir construindo uma relação de afeto com a pessoa que está proporcionando seus alimentos, isso é algo muito maravilhoso. (Vanessa, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa em visita à roça, 2019).

Porém, ao mesmo tempo em que esses Encontros reforçam laços e produzem afetos, geram desconfortos. As tensões do Encontro entre os modos de vida urbanos e rurais se

exprimem diferença que tem o peso da palavra, que por vezes não cumpre o que se acordou, diferentemente das relações no meio rural. Pude observar essa diferença em ações que para uns não significam grande coisa na cidade, mas que nas relações rurais podem ser entendidas como gestos indelicados. Um exemplo que vi acontecer algumas vezes é quando as(os) coagricultoras(es) esquecem a cesta no PC, o que escutei algumas vezes de agricultoras(es) como sendo falta de consideração com todo trabalho anterior à cesta montada.

Dessa maneira, é do Encontro das diferenças que surgem as tensões que acabam por ensinar ou desensinar certas coisas. Portanto, é do Encontro *com/entre* famílias agricultoras que surge um importante princípio: princípio da *valorização da diversidade*. Aqui, Gadotti (2009, p. 45, grifo nosso) me inspira quando reflete:

Não se pode pensar numa *cultura para a solidariedade* sem a formação para a sensibilidade. A cultura solidária e a educação estética estão intimamente relacionadas. A educação estética mobiliza para a sensibilidade, abrindo-se para o novo, para o outro, para o diverso. Daí outra dimensão da educação para uma cultura solidária, que é o respeito e a valorização da diversidade cultural. Trata-se de não impor padrões culturais, mas de compartilhá-los, valorizá-los, não estabelecendo uma relação de hierarquia entre eles.

No Encontro, as qualificações acadêmicas ou nível de conhecimento sobre um determinado assunto não é o que deve garantir os vínculos, mas o que importa é conversar, como explica Valência (2016b, p. 38, tradução nossa):

Etimologicamente, “conversa” vem do latim *conversari*, que significa “viver, dar voltas, em companhia”, ou de *conversatio*, formada a partir do prefixo con- (reunião), do verbo *versare* (girar, trocar, dar muitas voltas), e do sufixo *-tio* (ação e efeito). Por esse motivo, a conversação entendida como a ação e o efeito de reunir-se, dar voltas e ruminar o conhecimento, se opõe ao monólogo e ao diálogo direcionado dos discursos magistrais e dos especialistas esclarecidos. Trata-se de con-versação ou de versar-com como um meio para a conversão ou transformação e pelo reconhecimento do outro com capacidade de diálogo e possibilitador de aprendizados<sup>19</sup>.

Em minha experiência, as conversas trocadas com as(os) agricultoras(es), aconteciam para além de dicas alimentares ou produtivas, compartilhávamos nossas histórias de vida. Eu

---

<sup>19</sup> “Etimológicamente *conversación* viene del latín *conversari* que significa ‘vivir, dar vueltas, en compañía’ o de *conversatio* que está formada del prefijo *con-* (reunión), el verbo *versare* (girar, cambiar, dar muchas vueltas) y el sufijo *-tio* (acción y efecto). Por esto, la *conversación* entendida como la acción y el efecto de reunirse, dar vueltas y ruminar el conocimiento, se contraponen al monólogo y al diálogo direccionado de los discursos magistrales y de los expertos iluminados. Se trata de la *con-versación* o del *versar-con* en tanto medio para la *conversión* o la *transformación* y para el *reconocimiento* del otro con capacidad de *interlocución* y *posibilitador* del aprendizaje.” (VALÊNCIA, 2016B, p. 38).

sempre saía conhecendo um pouco mais sobre o Edson e ele saía me conhecendo melhor, o que permitiu fazer nascer uma amizade, uma aproximação que não é possível quando limitada à participação financeira (o que não torna o compromisso financeiro menos importante). Assim, estabelecer essas conversas, para o coagricultor Alex, permitiu a criação de vínculos:

Acho que tem gente que acaba sendo muito modificado pela CSA, acho que isso pra gente nem foi a grande mudança, a grande mudança foi estabelecer o vínculo com uma família agricultora pra gente poder ter esse vínculo, comer coisas que a gente não come, que acaba chegando coisas que a gente não compraria no supermercado. (Alex, Coagricultor da CSA Doce Vida, Prosa durante PC, 2019).

A partir do acercamento afetivo (VALÊNCIA, 2016b), surge o apreço, a empatia, o reconhecimento, a amizade, que passam a nutrir as relações comunitárias da experiência.

Para Vinícius (Coagricultor da CSA Esperança, 2019), do Encontro com as(os) agricultoras(es), surge uma confiança muito grande: “a gente fala que o selo da CSA é a confiança”. A confiança reforça o princípio da valorização da diversidade, que acontece quando existe interesse na construção de vínculos junto à família agricultora.

Para além das trocas visíveis com as(os) agricultoras(es), Leandra (Coagricultora da CSA Esperança e integrante do grupo de gestão da rede, 2019) nos chama a atenção para os processos invisíveis que surgem nessa aproximação, que, segundo ela, além de gerar empatia que surge por quem produz seu alimento, gera também a visibilização de processos invisíveis:

O que a gente não consegue ver, não consegue concretizar. É muito difícil você comprar uma alface no mercado e tentar imaginar tudo o que aconteceu pra aquela alface chegar até a sua mão. E na CSA você consegue concretizar esses passos. Mas pra quem vem de uma vida urbana, é difícil. Desde “ah! a bomba de água quebrou”, “a chuva acabou com canteiro” ou “o agricultor ficou doente” [...] De poder se encontrar todo final de semana e falar “e aí como que tá?”, “ah! tudo bem, final de semana que vem a gente vai pra casa do meu pai lá em Minas Gerais e a gente vai pescar e vai ter festa de não sei o que” é outra relação. Você vai na casa deles um ano, a casa tá de um jeito, no outro ano eles têm a extensão da casa pronta. Você vê concretizar todo esse esforço, todo processo. E você pensa: é realmente dá certo, faz diferença. (Leandra, coagricultora da CSA Esperança, prosa no café, 2019).

Assim, do Encontro com a(o) agricultora(o) surge a possibilidade de se Encontrar com invisibilidades, dentre elas o trabalho na produção alimentar, o que acaba transformando os significados daqueles alimentos da vida cotidiana:

É muito menor o risco de desperdiçar isso, desperdiçar o trabalho que tá depositado ali. Você associa um rosto ao alimento: de alguém conhecido, que inclusive você já visitou a casa e teve todo trabalho de plantar, colher, limpar, trazer. A gente consegue enxergar realmente as pessoas e o trabalho delas. O que não acontece quando você vai ao mercado, ali só enxerga o preço. (Yasmin, coagricultora da CSA Doce Vida, prosa durante PC, 2019).

“O mais bonito é a história de vocês. Quem tá financiando a CSA, tá comprando [no sentido de acreditar] a história de vocês, que vem em formato de alimento invisível, e isso é o mais bonito pra mim” (Ana Braga, coagricultora da CSA Doce Vida, prosa com agricultoras(es), 2019). Dessa maneira, quando o Encontro com as histórias e realidades das famílias agricultoras acontecem, estreita-se os laços entre aqueles que cultivam a terra e produzem alimentos e aqueles que financiam e cooperam. Essas relações solidárias garantem ainda a permanência das famílias agricultoras em suas terras e fortalece suas lutas por justiça socioambiental e territorial. Isso é visível principalmente nas experiências de famílias agricultoras assentadas da reforma agrária e vinculadas ao MST, que tem suas vidas intimamente conectadas à luta pelo direito de permanecerem em seus territórios (DORNELES; REIS DA SILVA, 2020).

Ao tomar contato direto com as histórias de famílias agricultoras, não foram poucos os relatos de importantes transformações ocorridas, como por exemplo, o retorno à área rural de agricultoras(es), seus filhos e netos, trazendo de volta o trabalho da família na produção agrícola; casas que ganharam varandas e quartos; compras e financiamento de carros e carretas para transporte da produção. É como refletiu Renata (2019) em um de nossas prosas:

Agricultor é o ser mais generoso que eu conheço, eles são muito agradecidos pela oportunidade de a gente ter feito esse processo de articulação com eles e eles atestam a qualidade da experiência da CSA na vida deles. Quando eles falam, falam de um lugar de onde a transformação foi acontecendo [...] Quando é filho de agricultor que traz depoimento de transformação na sua vida, aí o negócio é mais forte ainda, pois já nasceu em outra condição, já vai ter outra relação com o pai, com a mãe. O pai já mudou, já entendeu que o que ele faz é digno, prospero, valorizado, reconhecido e isso nunca mais tinha acontecido há alguns séculos. A gente não tinha agricultores sendo valorizados com tanto reconhecimento, eu nem sei dizer o tanto que é profundo esse encontro com esses agricultores. (Renata Navega, prosa no café, 2019).

Reconhecer as histórias de vida dessas(es) agricultoras(es), os grandes desafios implicados no trabalho rural, que passa por criar estratégias de se manter no campo, são uma forma de valorizar, visibilizar e evidenciar a diversidade cultural dentro da experiência da CSA.

Reconhecer essa relação estreita permite ainda acompanhar as transformações nas relações familiares e financeiras, como escutei do casal de agricultores:

Ana – E o que significa essa comunidade hoje pra vocês?

Edson – Tudo né, hoje a gente tem mais segurança. Pra tudo, pros meninos, pra família.

Vanessa – Dá onde que a gente ia tá fazendo isso aqui? Dá onde que a gente ia comprar um carro? A vida da gente melhorou, parece que até a união da família vive melhor, desenvolve tudo melhor.

Edson – Hoje a gente fala da família, mais a gente não pode ficar em função de financeiro, mais sabemos que se faltar, desestrutura a questão psicológica, a preocupação com as contas pra pagar.

Vanessa – Antes da CSA, o Edson ele tinha essa coisa, botava uma coisa na cabeça, “e amanhã o que nós vamos comer?” o Edson não dorme dá insônia nele, antigamente era assim. Recorria ao mundo da família, minha mãe, a irmã dele. O CSA dá um envolvimento na vida da gente muito grande, é uma relação muito forte. (Vanessa e Edson, agricultores da CSA Doce Vida e eu, coagricultora, prosa durante visita na roça, 2019).

Conhecer a realidade da(o) agricultora(o) abre espaços ainda para seguir ressignificando o lugar da agricultura e, conseqüentemente, de quem trabalha a terra, assim como escutei de uma coagricultora:

E eu fico pensando no William [agricultor da CSA Renascer] como *centro que move tudo*. Olha que figura humana maravilhosa que as pessoas não conhecem. A gente tá tão distanciado do mundo rural, das fontes de produção, do ser. Eu acho que a gente não se dá conta disso, de como o agricultor move o mundo. (Ana Thereza, coagricultora da CSA Renascer, prosa na cozinha, 2019).

Puxando o fio do pensamento de Ana Thereza (2019), reposicionar a família de agricultores como *centro que move tudo*, certamente nos permite revisitar o que entendemos como mundo, como me contou a coagricultora:

A CSA me abriu tantos caminhos do ponto de vista de áreas de conhecimento que eu não tinha acesso antes, que eu poderia ter sido qualquer coisa na vida entendeu? Uma coisa vai puxando a outra. Tudo perpassa a experiência, então eu poderia ter sido agricultora, administradora, várias coisas. (Ana Thereza, coagricultora da CSA Renascer, prosa na cozinha, 2019).

Logo, a CSA nos abre espaços para exercitar outras formas de *ser e estar* no mundo. Outro importante Encontro que acontece e é fortalecido também pelo movimento em Rede da CSA Brasília é o Encontro entre agricultoras(es), que para o agricultor Edson:

É muito enriquecedor. Acontece mais troca de experiências, de conhecimento, um vai passando informação pro outro, por exemplo, se trabalhou com o adubo lá e viu que deu resultado. Isso é um enriquecimento pro agricultor ao mesmo tempo em

que eu posso passar outras experiências dos cultivos que eu tive. (Edson, agricultor da CSA Doce Vida, prosa durante campo na roça, 2019).

O agricultor Osmany (2019) reforça ainda que esses encontros com agricultoras(es) podem ser novos para quem vive na cidade:

Mas pro produtor já aconteceu. O produtor rural sempre dependeu de outros produtores rurais, isso não é uma coisa que veio da CSA, é uma coisa que na verdade tava até se perdendo pela questão da competitividade do mercado. Na verdade, a competitividade só acontece da porta do CEASA pra dentro, porque quando a gente tá na área rural, o que um puder ajudar o outro eles se ajudam. Aqui na área rural eles se ajudam porque se não fosse isso já tinha acabado. A área rural é um lugar esquecido, é onde o vento faz a curva. Quando a gente fala de periferia, marginalidade, a área rural sempre foi esse lugar, mais do que a favela. O lugar esquecido é a área rural, onde tá o pequeno produtor. (Osmany, Agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa durante PC, 2019).

Assim como colocado pelo agricultor Osmany, a força do rural está nos vínculos que são fortalecidos constantemente nos Encontros, o que acontece de forma corriqueira entre as(os) agricultoras(es). Me dei conta disso durante uma das idas à roça:

De noitinha, Dona Deusa, Agricultora da CSA, Deusa da abundância, fez uma visita. Ela e Vanessa trocam suas experiências sobre suas CSA. Percebi que isso acontece sempre que agricultores e agricultoras se encontram. A CSA é um fio conector entre agricultores, são conexões que acontecem sempre de forma muito particular e espontânea. Então me dei conta que existe essa rede de agricultores. Esses apoios sejam físicos, materiais, familiares, emocionais e espirituais, são o que nutre a experiência da Agricultura familiar e é o que vem de nutrientes para nós na cesta, o que já escutei como “alimentos invisíveis”. (Ana Braga, Caderno de campo, 2019).

Dessas idas à roça, fui constatando que as relações pretendidas pela CSA não deixam de se inspirar nas relações que são construídas no meio rural já há muitos séculos – aquelas baseadas na reciprocidade, na confiança, na força da palavra e na solidariedade.

Além dos Encontros presenciais, as(os) agricultoras(es) interagem também por um grupo de WhatsApp. Esse canal virtual vem encurtando as distâncias e favorecendo, inclusive, a troca de alimentos excedentes, assim como articulações de Encontros entre agricultoras(es) de diferentes CSAs. Dessa maneira, as distâncias são aproximadas, permitindo abertura de outros mundos e de diferentes possibilidades de gestão da vida. “Ainda que reunir pessoas seja um dos grandes desafios do movimento, é exatamente o Encontro que viabiliza a abertura. Mesmo quando esse Encontro acontece virtualmente.” (DORNELES; REIS DA SILVA, 2020, p. 7).

Em uma prosa com Osmany (2019), conversamos sobre um desses Encontros presenciais entre agricultoras(es) em que ele havia participado pela primeira vez. Durante seu relato, ele me apresentou dois principais fatores que, segundo ele, influenciam a dinâmica da CSA:

*Características do agricultor:* se ele é extrovertido e consegue se agilizar, mexer em internet, no celular, isso já é um diferencial que facilita. É importante também ter facilidade de comunicação, porque o CSA é uma coisa de comunidade, então a comunicação é prioritária, é mais importante do que a produção em si. E aí a gente viu que tem agricultores que tem um pouco mais de dificuldade de comunicação; e o outro diferencial são *os coagricultores*: É a sorte de criar uma comunidade num local onde os coagricultores estão dispostos a ajudar. Isso faz muita diferença. Principalmente quando o agricultor precisa de pessoas que conseguem ajudar, por exemplo, pra fazer um orçamento do seu planejamento sem se esquecer de coisas muito caras e que, às vezes, não são levadas em consideração. E se existem coagricultores pra auxiliar os agricultores, aí funciona. Mas o que a gente vê, como existe um desespero na produção pra se ter uma segurança financeira. A galera tenta abrir CSA na tora, sem uma visão prévia. (Osmany, Agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa durante PC, 2019).

Dessa fala, ficou evidente que não podemos ignorar o fato da existência de uma diversidade de realidades de famílias agricultoras que participam da CSA em Brasília, diferentemente da maioria das experiências que acontecem norte global, onde essa diversidade de realidades agrícolas não aparece de forma evidente (ao menos nos trabalhos acadêmicos aos quais tive acesso durante minhas buscas).

Devido a todas as condições históricas da América Latina, atravessadas por invasões, escravidões, extrativismos e colonialismos, o que ainda hoje reforçam desigualdades e racismos estruturais, essa homogeneidade de trajetórias no mundo rural passa longe de nossa realidade agrária. Assim, não podemos tratar desse Encontro com as(os) agricultoras(es) dentro da experiência da CSA no contexto brasileiro sem evidenciar as diferentes lutas por justiça socioambiental e pela terra. Nossos alimentos são nutridos por essas lutas também.

Justamente pelo movimento da CSA ser atravessado pela questão agrária, não podemos ignorar que no cenário brasileiro, seja para agricultoras(es) ou para coagricultoras(es), participar de uma CSA seja um privilégio. Afinal, para muitas famílias agricultoras, mesmo que desejem constituir uma CSA em busca de uma melhora de vida, muitas vezes não conseguem, por não ter acesso à terra, à água, a insumos ou a uma rede urbana.

A partir das duas experiências que pude acompanhar, conheci de perto a realidade de uma família agricultora neorrural e de outra família vinculada ao MST. E esse encontro de experiências de vida, radicalmente diferentes, acabam por expor uma das fraturas da lógica capitalista, evidenciando um rio de desigualdades sociais, como exemplificou o agricultor:

[...] *pra gente sair da área rural e ir pra área urbana é quase como atravessar um rio. Sempre vai existir um rio da área rural pra área urbana. [...] Aí existem agricultores que sabem por onde atravessar o rio e outros agricultores que enfrentam o rio do jeito que ele tiver. Tipo assim se você é uma pessoa que sofreu muito na vida e tem muitas coisas pra se resolver socialmente, você vai enfrentar de qualquer jeito, vai nadar na braçada. Só que isso te desgasta [...].* (Osmany, Agricultor da CSA Fazenda Bella, prosa no ponto de convivência, 2019).

Para entender melhor esses *rios* de diferenças, as(os) agricultoras(es) neorrurais são aqueles que nasceram na cidade, trabalharam e estudaram por lá, e que decidiram, por algum motivo, viver ou se dedicar ao trabalho na área rural, atraídos pela “volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas”. (GIULIANI, 1990, p. 1). São caracterizados ainda por viverem em uma situação confortável entre a cidade e campo.

Já as(os) agricultoras(es) vinculados a movimentos sociais do campo, se caracterizam pelo trabalho familiar em pequenas terras (WANDERLEY, 2009). São aqueles que têm suas histórias de vida marcadas por conflitos territoriais, tais como expropriação de terras, muitas vezes pelo êxodo rural, e que buscam ainda pelo reconhecimento e manutenção de suas identidades camponesas.

Essas diferentes trajetórias influenciam certamente na construção da comunidade. Algumas(uns) agricultoras(es) possuem mais familiaridade com tabelas de Excel e ferramentas de comunicação e gestão. Nesse caso, as(os) coagricultoras(es) acabaram se envolvendo menos, afinal, a família agricultora “dá conta” dessa parte da gestão, o que se torna um desafio para o envolvimento das(os) coagricultoras(es) nas comissões da gestão da comunidade. O que para famílias agricultoras menos familiarizadas ou que não possuem acesso ou conhecimento dessas ferramentas de gestão, estas necessitam de apoio para que a experiência possa acontecer.

De fato, a CSA vem produzindo novas realidades no campo e na cidade. Desta maneira, o movimento se mostra como um caminho alternativo ao permitir a construção de

relações engajadas que sustentam e fortalecem o trabalho de agricultoras(es) familiares, abrindo a possibilidade de realizar pequenas “reformas agrárias”, ainda distantes do grande projeto necessário e urgente quando penso na dimensão do Brasil, mas ainda sim põe em movimento gentes e ideias.

Portanto, compreender a CSA a partir dessa perspectiva, me faz refletir, que não é um movimento para saber de onde vem seu alimento, mas passa também por se dar conta inclusive das questões agrárias, dos privilégios, e começar a pensar em como podemos beneficiar aqueles que não conseguem participar do movimento da CSA? Colho aqui a possibilidade de um situar-se no mundo para além das paredes de minha casa: a casa é nossa. É como me relatou Érica:

Meu encontro em relação aos agricultores é que a gente ainda reproduz enquanto rede o que a gente tem socialmente, uns com muito, outros com pouco e a gente não consegue equilibrar isso. A CSA é a troca entre agricultores e coagricultores, mas eles é que são a mola propulsora disso tudo [...] talvez a gente não tenha olhado em termos sociais que a gente tá reproduzindo algo que tá dado na sociedade, eu falo também em termos de conhecimentos mesmo. É importante promover trocas entre as experiências... Enfim os limites são muitos. (Érica, coagricultora da CSA Esperança, prosa durante encontro, 2019).

Os limites são muitos, porém as possibilidades de exercitar outras relações é o que torna forte a experiência da CSA. O Encontro com a família agricultora que cultiva nossos alimentos mostra suas profundezas e outras dimensões que ampliam nosso olhar sobre o mundo, ou melhor, sobre os mundos em que habitamos.

Figura 31: Esquema resumo do Encontro com a(o) Agricultora(o)



Fonte: Esquema da autora.

## 5.2.2 Comunidade

**Figura 32:** Visita da CSA Doce Vida a área produtiva no assentamento Oziel Alves III, junho de 2019



Fonte: foto da autora.

A Comunidade acontece a partir de Encontros entre agricultoras(es) e coagricultoras(es). Ela representa a utopia que nasce da ideologia da CSA: viver e cultivar a experiência comunitária. Para mim, uma das aprendizagens mais revolucionárias, e a mais desafiadora, especialmente no caso de realidades urbanas, é perceber que a lógica dos sistemas comunitários vem sendo esvaziada pelo individualismo. Para muitas outras sociedades, o viver comunitário faz parte da forma de se relacionar com a vida. Precisamos reaprender a viver e *sentipensar* em comunidade.

Nas experiências da CSA, os Encontros em comunidade acontecem de diferentes formas e são influenciados por muitos fatores, tais como grau de envolvimento de coagricultoras(es) e agricultoras(es), horário e dia do PC e dos formatos em que acontece a

entrega ou partilha das cestas. Paulo (2019) analisa os diferentes momentos em que se dão os Encontros comunitários:

Tem vários níveis desse encontro, tem um que é muito rápido no ponto de encontro [...] a gente só percebe um pouco quem são as pessoas. E tem os encontros na fazenda que eu acho super legal pra gente entender um pouco melhor como é cada um; e tem a própria convivência no grupo do WhatsApp que já traz várias coisas, porque as pessoas costumam contribuir com algo que elas sabem por ali e cada um tá no seu tempo. Então as pessoas, às vezes, compartilham receitas, compartilham um prato que fizeram ou alguma coisa que elas têm com vontade de comer e não tá vindo na cesta (Paulo, coagricultor da CSA Fazenda Bella, prosa no PC, 2019).

O PC, os momentos de visitas e o grupo virtual surgem como espaços pedagógicos, onde os Encontros são cultivados. Nesses espaços, é possível aprender e ensinar coisas, como me contou a coagricultora Mel (2019):

Eu adoro vir pra esse ponto de convivência. É só encontrar Dona Leila [mãe do agricultor Osmany] que eu saio daqui com cada receita maravilhosa! Então são muitas trocas de receitas, modos de armazenar, preparar, degustação, dicas de saúde, troca de experiências culinárias e de vida. Essas trocas acabam fortalecendo os laços e o envolvimento na construção da comunidade. (Mel, Coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa no PC, 2019).

Contudo, pude notar que cultivar esses espaços pedagógicos não é evidente, como me questionou uma coagricultora, quando conversávamos sobre o Encontro em comunidade ela me perguntou “mas você acha que rola aqui?”. Para o agricultor Edson (2019):

É um pouco difícil, cada família é meio complexa, né? Não tem tempo disponível para fazer como a CSA tinha que ser, o ponto de convivência, ter diálogo, troca de informações, esse tipo de coisa. E você vê que não tem. Por quê? Porque cada família tem os seus horários de trabalho, as crianças na escola, é muito difícil. (Edson, agricultor da CSA Doce Vida, prosa no ponto de convivência, 2019).

Olhar para esses diferentes tempos me fez notar que nem sempre o PC leva esse nome, na maioria das falas virou “ponto de entrega” da cesta ou “ponto de encontro”. Esses nomes nos mostram diferentes dinâmicas que são construídas em comunidade. Algumas onde a convivência e o Encontro conseguem acontecer e outras onde a participação fica restrita à retirada da cesta.

O tempo se insere como um elemento importante e que por vezes limita a participação. Observar os tempos dos Encontros acabou me mostrando atritos entre tempos rurais e urbanos: diferentes rotinas e prioridades. Nas prosas trocadas com as(os)

coagricultoras(es), muitas(os) demonstraram interesse em participar mais, porém a pressa, típica do tempos e espaços urbanos, dificulta.

Para Larrosa (2002), no mundo moderno, a experiência se torna cada vez mais rara, pelo excesso de informação em que vivemos imersos, pelo excesso de opinião, pelo excesso de trabalho e pela falta de tempo:

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. (LARROSA, 2002, p. 13).

Essa reflexão me fez pensar em minha experiência, porque fui percebendo a necessidade de ir abrindo espaços na rotina diária para inserir a CSA: tempo para celebrar a colheita e o Encontro com a(o) agricultora(o) e coagricultoras(os), tempo para organizar os alimentos em casa, tempo para cozinhar. Fui achando meu tempo perdido, afinal, para onde ia meu tempo?

Partindo da ideia de que o Encontro potencializa aprendizagens, as CSAs vêm produzindo estratégias para promover o Encontro comunitário: escalas entre coagricultoras(es) para apoiar durante o PC, mudança do dia e horário do PC, visitas às áreas produtivas, rodas de conversa e oficinas que propiciam trocas de experiências (entre e intercomunidades), reuniões para tomada de decisões, revezamento dos membros que cooperam no grupo do coração da comunidade (nas comissões). Ou seja, a CSA evoca uma autonomia coletiva que não está dada, mas precisa ser construída, aprendida e reaprendida na ação, o que depende, em grande parte, da disposição e dos diferentes níveis de participação das pessoas envolvidas na cocriação desses espaços comunitários e solidários (DORNELES; REIS DA SILVA, 2020).

A participação surge do Encontro em Comunidade, quando se torna importante cultivar a convivência. Ao viver juntos, conhecemos melhor as necessidades do coletivo, o que propicia o envolvimento nas comissões e em outras tarefas, além do entendimento do sentido de cooperar, como explica o coagricultor Vinícius (2019):

Essa é a grande ideia que a CSA tem: de colocar o agricultor na posição que ele melhor joga, que é produzir. Às vezes, a gente quer que o produtor seja centroavante, goleiro, lado-direito, técnico, massagista, regar a grama, vender

pipoca. O agricultor é obrigado a entender de tudo, de comércio, gestão, marketing, produzir, beneficiar, tudo é ele. E na CSA é bom, pois com as comissões você coloca o agricultor pra produzir e outras pessoas vão cuidar da comunicação, do financeiro, da acolhida e ele pode ficar na produção, para produzir nas melhores condições que ele tiver, é bastante interessante. (Vinícius, coagricultor da CSA Esperança, prosa durante café, 2019).

À partir dos encontros e relatos que escutei, compreendia que o nível de participação geralmente se relacionava com as motivações para entrar na CSA. Claro, isso não significa que as motivações não mudem ao longo da participação na experiência. Algo que ficou evidente também, foi que o acesso a informações e compreensão sobre as ideologias e os princípios orientadores da CSA antes de participar da experiência, isso potencializa a participação ativa na comunidade. Esta, por exemplo, foi uma das características encontradas nas(os) coagricultoras(es) que se engajam nas comissões que colaboram com a organização da comunidade.

São diversas as motivações que pude ouvir nos Encontros, seja por buscar uma alimentação saudável, por um projeto de vida, seja pela afinidade com a(o) agricultora(o) ou por um alinhamento político e ambiental. Como me contou a coagricultora Yasmin (2019):

E eu já estava num processo interno de repensar minhas ideologias, e quando eu descobri o CSA foi “nossa é exatamente isso! é tudo que eu acredito do impacto do alimento pra dentro quanto pra fora” no caso o impacto social. Fui numa reunião com o pessoal do CSA Brasil e alguns meses depois teve a reunião inicial aqui na escola [...] Entrei na CSA já querendo me abrir pra provar coisas diferentes, já querendo mudar a minha posição em relação ao alimento. Foi uma busca ideológica que vai muito além da questão de adquirir orgânicos. (Yasmin, coagricultora CSA Doce Vida, prosa no PC, 2019).

Nesse caso, a motivação surgiu do alinhamento político, mas a motivação para participar de uma CSA pode acontecer também pelo desejo de se alimentar melhor, pelo preço mais acessível dos alimentos orgânicos ou pela comodidade da localização do PC, entre outros. O coagricultor Marcelo (2019) explicou que “entrou de gaiato na CSA”; “a gente se integra não se integrando muito, a gente entrou por conveniência. No começo era isso, a gente ia lá pegava e pronto” (Camila, Coagricultora da CSA Doce Vida, prosa durante café, 2019). As(os) coagricultoras(os) me relatam sobre esse caminhar dentro da experiência:

Marcelo – Eu nem sabia que a CSA fazia parte de uma filosofia de economia solidária, porque eu ia lá só pegava a cesta e ia embora

Ana – E como você descobriu?

Marcelo – Ela me contou depois.

Camila – Eu expliquei que era uma comunidade que sustenta a agricultura, onde a gente ia pagar uma cota por mês pra eles produzirem e trazerem pra gente os

alimentos. E eles poderiam se manter na terra deles trabalhando. Mas era básico. Eu não sabia nada além disso. Era aquilo que a gente tinha.

Ana – Entendi, e o que motivou vocês a entrarem na CSA?

Camila – Na época a gente queria fazer uma dieta e estava buscando essas coisas. E resolvemos porque valia a pena. Se a gente fosse no mercado comprar essas coisas seria muito mais caro. Foi isso mais uma curiosidade e necessidade de ter alimentos frescos em casa. (Camila, Marcelo e Ana Braga, coagricultores da CSA Doce Vida, prosa durante café, 2019).

Não existe uma medida da “qualidade de participação”, pois cada coagricultora(o) se aproxima por motivos autênticos. É como me explicou Betânia (Coagricultora da CSA Esperança, prosa no PC, 2019): “não existe um perfil de coagricultor ‘buscador de cestas’; existem infinitos perfis; tem infinitos motivos que levam uma pessoa querer ir buscar uma cesta e infinitos motivos que levam a pessoa a falar “agora não dá mais pra continuar”.

Na dimensão do Encontro, o ambiente de aprendizagem influencia profundamente a experiência. No caso das CSAs, esse aspecto se revelou na possibilidade de visitar a área de produção da família agricultora. A visita se mostrou importante, principalmente para coagricultoras(es) que possuem pouco ou quase nenhum vínculo com o campo. Esses Encontros, na roça ou em comunidade, fortalecem ainda os vínculos e as aprendizagens, como me relatou também a coagricultora Fernanda:

Uma coisa interessante e que é muito central na CSA é quando fazíamos as visitas. Quase 90% das pessoas relatavam que fazia diferença, participavam mais e entendiam mais o que era a CSA, era muito nítido. Quem já foi na chácara durante uma visita, acho que a pessoa apoiava mais e ficava mais tempo na CSA e as pessoas que não iam parecia que não entendiam. A gente fazia muitos encontros aqui na quadra também tipo piquenique e o grupo saía fortalecido com novas ideias, era sempre muito positivo. (Fernanda, coagricultora da CSA Batata doce, 2019).

Apesar de suas limitações, a CSA se constitui de exercícios constantes. Então, a aproximação ao ambiente rural ativa algumas coisas, ainda que não a transforme radicalmente, possibilitando giros de chaves, aberturas de mundos. Como me contou o coagricultor Gustavo (2020):

[...] Eu só entendi isso da primeira vez que eu vim aqui [na fazenda], acho que isso faz muita diferença. A primeira vez que eu botei o pé aqui, que eu vim com o Osmany [Agricultor] e ele me contou a história da terra, me explicou do avô dele, da mãe dele e eu entendi a conexão dele com a terra, aí que eu fui entender o tempo que ele se dedica, o tanto que ele aprende e já aprendeu com a terra, isso pra mim é tudo. Porque lá [no ponto de convivência] a gente tem uma convivência legal, ela é boa mais é mais rasa, aqui a convivência é profunda. A primeira vez que eu vim aqui mudou tudo. (Gustavo, prosa durante visita à fazenda, 2020).

Assim, o Encontro *com e na roça* transforma tanto a experiência individual quanto a experiência comunitária. Essas duas dimensões se retroalimentam e ativam as potências da experiência, em que o pensamento individual transcende e dá vida à inteligência coletiva (DORNELES; REIS DA SILVA, 2020). Portanto, ir à roça se mostrou como um ato pedagógico fundamental na experiência da CSA.

Por não se moldar completamente às comodidades da vida urbana, a CSA faz um convite a transformações na vida de quem consome: sair do papel de ser servido para um lugar de compromisso e autorresponsabilidade:

O consumidor é um menino mimado, alguém já pagou, alguém já entregou, já descascou, alguém colocou pra ele comer e ele só quer dizer se tá bom ou ruim. É uma cultura de sair de um lugar passivo e ir para um lugar ativo, de dependência pra um lugar de autonomia. Não é fácil, mas eu acho que não tem nada mais importante do que fazer isso de uma forma coletiva. (Renata, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa no café, 2019).

É preciso trilhar um caminho de aprendizagens não óbvio para se tornar coagricultora – e isto acontece em etapas. Afinal, na cidade somos consumidores o todo tempo; então, como pensar que na CSA vou ser uma coagricultora de imediato?

Ao longo do caminho, fui percebendo as limitações e as contradições entre o ideal e o cotidiano da CSA. Diferentes lógicas econômicas acabam se articulando, não somente solidárias, mas capitalistas também. O cotidiano da CSA acaba por ensinar sobre a construção de outros tempos e conexões possíveis, como relata o coagricultor Salvatore:

Acho que a gente vive muito consumista. Hoje, por exemplo, o dia é todo contadinho. Eu vou lá pego a cesta, pego meu filho na escola, e como eu atrasei um pouquinho, aí tô me permitindo conversar com você um pouco mais de tempo, mas assim que eu chegar em casa eu vou preparar o almoço rapidinho pra família. Isso é muito bom fazer. E você se permite fazer as coisas com mais vagar sabe, claro que você tem que prestar atenção no relógio, mas de vez em quando tem que fazer as coisas com mais vagar e sentir um pouco mais o que você tá fazendo. É bom, é uma conexão um pouco mais... [a palavra ficou no ar] e você se permite momentos de conexão. (Salvatore, Coagricultor da CSA Fazenda Bella, prosa no PC, 2019).

Certamente, são experiências que potencializam transições, algumas delas acontecem até boa parte do caminho, outras não. Erica (2019) me explicou mais sobre essas experiências de transição em sua comunidade:

O que eu sinto dessa interação é que é um processo contínuo de aprendizagem, vejo em especial na minha CSA, a pessoa tem o seu tempo. Tem gente que tá na CSA desde o dia 1 e nunca se envolveu com o grupo do coração e nem nada. Mas você

vê que no primeiro ano, ia pegava a cesta e ia embora, no segundo ano, ela ficava um pouco mais, mas dava a cesta pro agricultor fazer e, no meio do segundo ano ela levou uma pessoa pra conhecer a CSA. (Erica, coagricultora da CSA Esperança, prosa durante café, 2019).

Concordo com a coagricultora Erica, pois se tornar coagricultora(o) é passar por processos contínuos de aprendizagem. Processos que inclusive nos levam a questionar os limites do termo “coagricultora(o)”. Como me provocou Marcelo (coagricultor da CSA Doce Vida, prosa durante café, 2019): “financiar não é produção direta, é parte importante mas não é produzir. A gente financia e some”. Mais uma vez diferentes lógicas se articulando dentro da experiência, o que nos mostra a necessidade de seguir construindo coletivamente o “ser coagricultora(o)”.

Em minha experiência, sentir-se “coagricultora” passou por experienciar e construir processos autoformativos individuais e coletivos, que inclusive me fizeram entender melhor o que se abre de possibilidades para “se tornar coagricultora” e suas limitações também. Compartilhar convida a conhecer e a aprender.

Apesar da dificuldade de organizar espaços e tempos para construir reflexões e tomar decisões em coletivo, os processos formativos nas experiências se dão a partir da construção desses espaços, onde acontecem: discussões para resolução de problemas, elaborar estratégias, buscar por ferramentas de gestão, tomadas de decisão, reforçar ou criar combinados, partilhar experiências, bem como aprender sobre outras temáticas que atravessam a CSA – economia solidária, agroecologia, alimentação ou nutrição. O espaço formativo acontece no Encontro, visto que na CSA a gente se forma no exercício do coletivo, ao mesmo tempo que fortalece os vínculos e visibiliza interesses, sonhos e projetos de vida em comum, dando formas à comunidade.

A formação de “coconsumidores” (Marcelo, Coagricultor da CSA Doce Vida, 2019) em coagricultoras(es) e agricultoras(es), dentro da experiência da CSA, também acontece a partir de tensões e desencontros que geram aprendizagens, como exemplificou Betânia:

Acaba que essa sobrecarga financeira também levou a gente a pensar em alternativas. Porque só se você viver uma estratégia que todo mundo tá criando junto – de trazer coagricultoras(os) que faltam pra gente reorganizar e reequilibrar a balança – acho que talvez chamou a responsabilidade nas pessoas. (Betânia, coagricultora da CSA Esperança, 2019).

Então, resolver pepinos, beterrabas e couves, entre tentativas e erros, é o que dá sentido à experiência comunitária.

Além de Encontros presenciais, a CSA mobiliza o coletivo virtualmente por grupos de WhatsApp. Ao mesmo tempo que a experiência virtual cria um espaço de trocas e diálogos potentes de onde se compartilham relatos pessoais, fotos de pratos preparados, receitas, dúvidas e reflexões, configura-se como espaço de auto-organização do coletivo e de diálogos quase que instantâneos com a família agricultora; por outro lado, é um meio no qual se invisibilizam e se reduzem relações, como por exemplo, agricultoras(es) ou coagricultores(as) que interagem pouco ou não acessam esse tipo de tecnologia.

“Tem muita gente do CSA que eu já falei no WhatsApp, mas eu não conheço o rosto dessa pessoa, então às vezes no ponto de entrega rola um ‘quem é você?’ ”. (Yasmin, coagricultora da CSA Doce Vida, prosa no PC, 2019). Nesse aspecto, concordo com Leandra quando reflete que “na CSA a gente é um conjunto de pessoas que tem os mais variados perfis, apesar da gente ter ferramentas de comunicação cada vez mais instantâneas, presentes o tempo todo, a gente ainda não sabe otimizar elas pra gente ter os melhores resultados”. (Coagricultora da CSA Esperança, prosa no café, 2019). Nesse sentido, a aprendizagem virtual apresenta seus limites e possibilidades dentro da experiência.

As comunidades acabam agregando um coletivo que tem alguns objetivos em comum que vêm se desdobrando em processos autogestionados de compras coletivas. No caso das CSAs em Brasília, geralmente, as(os) próprias(os) coagricultoras(es) se organizam entrando em contato direto com produtores (ou com a própria família agricultora que oferece produtos beneficiados) do que chamamos de “produtos complementares” à cesta, como por exemplo, cogumelo, granola, leite, geleias, carnes, queijo, grãos, etc. Para Paulo (coagricultor da CSA Fazenda Bella, prosa durante PC, 2019), essas ações coletivas “acabam fortalecendo algumas ações que são difíceis de acontecer sozinho”.

Acredito que esses desdobramentos comunitários da CSA sejam alguns dos frutos que a experiência proporciona. Essa possibilidade de multiplicar a fórmula CS (Comunidade de Sustenta) – o desejo e a necessidade de viver em comum-unidade – é de onde surgem outros arranjos comunitários, além de compras coletivas. Em Brasília surgiram a CSCN (Comunidade que Sustenta a Cosmetologia natural) e a CSBreja (Comunidade que Sustenta

a Cerveja Artesanal). Esses movimentos que se inspiram nos princípios da CSA têm proporcionado a continuidade do exercício da organização e da autonomia coletiva, afinal:

o principal da *comunidade* é esse propósito que une todo mundo, e faz com que mesmo que as pessoas sejam tão diferentes, elas realinham suas visões de mundo, suas formas de trabalho, etc. Nada é perfeito, a gente não é educado, não tá vibrando nessa coisa mais coletiva. Nossa sociedade desde cedo é ensinada no esquema de competição. (Leandra, coagricultora da CSA Esperança, prosa no café, 2019).

Sob essa perspectiva, a competição destrói o tecido social, na medida em que a cooperação tende a reconstituí-lo. Então, como sair do lugar de onde nos forjamos indivíduos consumistas e competitivos? “O comunitário é uma relação social, portanto, se produz, se pratica e se cultiva” (AGUILAR et al., 2019), em outras palavras, é preciso cultivar a cooperação.

Pensando nesse formato cooperativo e não competitivo, em que se estabelecem as experiências de Economia Solidária, surge daí um componente educativo incrível, que é a educação para a cooperação e autogestão (GADOTTI, 2009). Uma das características mais marcantes de experiências de Economia Solidária está em seu sistema de gestão coletivo, enquanto o sistema capitalista se baseia no acúmulo de capital e lucro; a Economia Solidária se baseia na melhora da qualidade de vida dos associados (no caso da CSA, de agricultoras(es) e coagricultoras(es) ) e da própria experiência em si, sempre em harmonia com a natureza e a sociedade em geral, a solidariedade não pode estar separada da autogestão (GADOTTI, 2009).

Inspirada na centralidade e na essência da palavra “cooperação”, cujo sentido se desdobra em ajuda mútua, cuidado, apoio, contribuição, participação, solidariedade, entre outras, é que nasce o princípio da *CooperAÇÃO*. Isso mesmo, em caixa alta – AÇÃO – para recordar que cooperar é movimentar-se em prol do coletivo. O princípio da *CooperAÇÃO* não deixa de incluir o cuidado como ética essencial:

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, 2017, p. 12).

O autor traz ainda um bom exemplo, que nos ajuda a ampliar a noção de *cuidado*:

Quando dizemos, por exemplo, “nós cuidamos de nossa casa” subentendemos múltiplos atos como: preocupamo-nos com as pessoas que nela habitam dando-lhes atenção, garantindo-lhes as provisões e interessando-nos com o seu bem-estar. Cuidamos da aura boa que deve inundar cada cômodo, o quarto, a sala e a cozinha. Zelamos pelas relações de amizade com os vizinhos e de calor com os hóspedes. Desvelamo-nos para que a casa seja um lugar de benquerença, deixando saudades quando partimos e despertando alegria quando voltamos. Alimentamos uma atitude geral de diligência pelo estado físico da casa, pelo terreno e pelo jardim. Ocupamos do gato, cachorro, dos peixes e dos pássaros que povoam nossas árvores. Tudo isso pertence à atitude do cuidado material, pessoal, social, ecológico e espiritual da casa. (BOFF, 2017, p. 13).

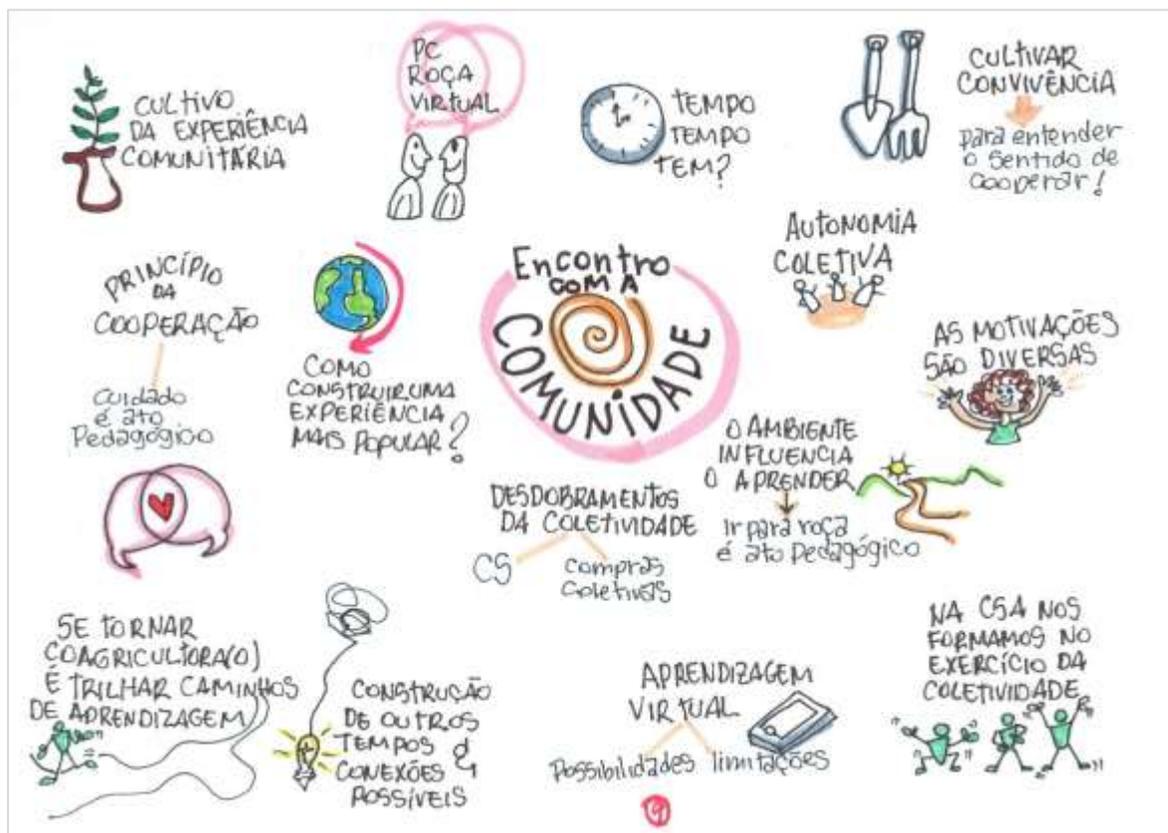
Cuidar é resistência, e por isso mesmo, o princípio que nasceu do Encontro comunitário propõe a reativação do cuidado em suas diversas dimensões. Cuidar se torna, aqui, um ato pedagógico urgente.

Se por um lado a CSA colabora para realocar os mercados, relações, difundir práticas econômicas mais solidárias, garantir uma alimentação de qualidade, bem como fortalecer práticas produtivas regenerativas, por outro, ainda é majoritariamente constituída por coagricultoras(es) das classes média e alta, portanto, não alcança movimentos camponeses históricos, nem classes populares e periféricas das cidades. Como a CSA pode contribuir de forma radical na realidade em que vivemos? Como construir uma experiência mais popular? Algumas estratégias vêm surgindo, como por exemplo, a abertura de cotas sociais em algumas CSAs. No entanto, o assunto precisa ocupar as pautas do movimento.

A limitação está colocada. Compreendo que a experiência em seus enfrentamentos internos ainda vem se ocupando da organização e experimentando formas de fazer a experiência acontecer dentro de seus princípios orientadores.

Dessa colheita comunitária colhi afetos, aprendizagens, trocas, reflexões e, inclusive, alimentos inesperados, alguns outros que seguem em seu processo de maturação. Definitivamente, a coletividade começa por mim.

Figura 33: Esquema resumo do Encontro com a comunidade



Fonte: Esquema da autora.

### 5.2.3 Alimento

**Figura 34:** Alimentos cultivados da CSA Raio de Sol



Fonte: foto da autora.

São diversas as formas possíveis de se organizar os conhecimentos e a vida. Tomo como exemplo e inspiração as cosmologias indígenas que concebem a natureza e todos os elementos que a compõem como entes não humanos participantes da vida social, portanto, interagem e se relacionam com os humanos. Suas concepções sobre animais, plantas e outros elementos da natureza são distintos da concepção ocidental, para a qual o mundo humano é percebido como ativo e o não humano, passivo:

Essa diferença de visões do mundo e da vida produz diferentes pressupostos de racionalidades e lógicas que constituem os conhecimentos. Podemos concluir que cada cultura tem forma própria de organizar, produzir, transmitir e aplicar conhecimentos – conhecimentos sempre no plural. Os Baniwa organizam seus conhecimentos a partir da cosmologia ancestral que garante e sustenta a possibilidade de vida. A base primordial é a natureza/mundo. (BANIWA, 2008, p. 6)

Dessa maneira, a Pedagogia do Encontro encontra nas cosmologias indígenas um ponto em comum, alargando nossos horizontes relacionais e incluindo (ou exercitando a inclusão) seres não humanos em pé de igualdade aos seres humanos. Para os povos indígenas, a linha entre-mundos – entre cultura/natureza; corpo/mente; humano/não humano – nunca existiu e dá espaço à ideia de que todos (humanos e não humanos) habitamos diferentes mundos, que se atravessam o tempo todo.

O exercício no qual me engajei, e isso incluiu minhas tentativas junto a outras(os) coagricultoras(es) e agricultoras(es) da experiência da CSA, foi pensar esse Encontro humano com os vegetais para além de uma relação de consumo ou utilitarista. E a partir daí causar reflexões sobre o que esses alimentos vêm nos ensinando pela da experiência da CSA. Com a expectativa de oferecer novos paradigmas educativos e diversificar as nossas possibilidades de relação com as naturezas, colhi reflexões e saberes que surgiram do Encontro entre humanos e não humanos que acontecem na experiência da CSA.

Contudo, esses Encontros entre humanos e não humanos ainda sofrem de invisibilidade. Explorar a potencialidade dessa relação é uma forma de dar visibilidade a esses encontros que acontecem – queiramos ou não! Nesse sentido, indagar o que surge do encontro com os alimentos é uma forma de acessar o que eles nos vêm ensinando e que, muitas vezes, não “escutamos”; talvez por conta do distanciamento e da negação da interdependência entre mundos de seres humanos e não humanos. Se a partir da lógica capitalista, que instrumentaliza e artificializa o mundo vivo, não podemos sequer imaginar que possam existir outras relações com os seres não humanos que não as de dominação e controle, os povos indígenas, quilombolas e povos de comunidades tradicionais têm muito que nos ensinar sobre ontologias simétricas e relacionais e sobre a pluriversalidade dos mundos (DORNELES; REIS DA SILVA, 2020).

Olhar para os alimentos como um dos entes integrantes e agentes da experiência da CSA é considerar que eles nos ensinam coisas e acabam por influenciar nossos tempos, pensamentos, prioridades e aprendizagens. Porém, essa relação vai além do que estamos acostumados: aprendemos desde cedo que entre os humanos e os não humanos existe uma diferença importante, em que os humanos são sujeitos que possuem direitos e dignidade por sua condição de ser humano; já os não humanos, como objetos naturais ou artificiais, não possuem direito por si mesmos (DESCOLA, 2016, p. 9).

“Os alimentos, na experiência da CSA, podem ser considerados como eixo articulador das relações na CSA” (Ana Thereza, coagricultora da CSA Renascer, prosa na cozinha, 2019), eles provocam: Encontros, diálogos, aprendizagens e inclusive permitem que a própria experiência aconteça. Dessa maneira, considero que a base da Pedagogia do Encontro na CSA é vegetal, e isso inclui tudo o que eles representam: a vida, em todas as naturezas.

Durante meus Encontros com agricultoras(es) e coagricultoras(es), ao serem indagados sobre o que os alimentos os ensinam, as respostas vieram quase sempre precedidas e interrompidas por silêncios e expressões de surpresa, espanto ou até mesmo certa dificuldade para reflexionar sobre esse Encontro, como se fosse a primeira vez que elas(es) eram questionadas(os) sobre a agência dos alimentos – e geralmente eram.

Ao serem instigadas(os) a pensar sobre a relação entre humanos e vegetais, muitos *sentipensamentos* potentes emergiram dessa interação: aprender a ser paciente, saúde, gratidão, estranhamentos, carinho, alegria, respeito, aconchego, desafios e outros afetos. Percebia que outras possibilidades de se engajar na questão ambiental surgem dessas relações com os mundos não humanos, produzindo conhecimentos de outras perspectivas.

Dentre os quatro Encontros, fui tecendo a Pedagogia dos Encontros, e tive a surpresa de perceber que, apesar da invisibilidade da nossa relação com entes não humanos, o Encontro com os Alimentos foi o que mais provocou prosa, reflexões, aprendizagens e *ensinagens*. Acredito eu por acionar a dimensão intuitiva e uma capacidade imaginativa carregada de subjetividades, poesia e pelo fato de os alimentos “ensinarem muito sobre questões básicas de autoconhecimento, sobre controle, aceitação, desapego, abundância, estar em comunidade. Todas essas coisas que o encontro humano tem”. (Fernanda, coagricultora da CSA Batata Doce, prosa no PC, 2019). A aprendizagem com os alimentos reflete em como somos nutridos por eles, para além de suas propriedades biofísicas.

O Encontro com os Alimentos na CSA se potencializa justamente por ganharem uma história e procedência. Então, comer se torna sinônimo de conhecer. Desse Encontro se descobrem novos sabores, texturas e formas, o que nas falas é geralmente orientado para a experiência e aprendizagem das crianças, como me relatou Camila (Coagricultora da CSA Doce Vida, prosa durante PC, 2019): “ao longo do processo, desde que meu filho tem 1 ano, já aprendeu o nome dos alimentos, ele sempre fala ‘mãe hoje é o dia da cesta de verduras’; é um esquema legal com as crianças”. Ou como ouvi de uma coagricultora que entrou para a

CSA por interesse de seu pequeno filho que sempre ao final da aula passava pelo agricultor e ali ficava perguntando os nomes, comendo cenoura e maracujazinho. Então, o interesse da criança abriu portas para toda a família se engajar em uma nova experiência.

Dessa maneira, é fato que a experiência proporciona uma generosa diversidade de alimentos e relações, o que abre portas para processos de reeducação alimentar interessantes e enriquecedores para as crianças. Porém, acredito que todos – inclusive os adultos – se beneficiam dessas aprendizagens.

Durante meus Encontros, percebia que os Alimentos nos ensinam ainda a reconhecer belezas antes não vistas:

é tudo tão perfeito no mercado, tão igual, tão simétrico. Mas aí você vê que a vida não é perfeita. Você vê a cenoura com duas perninhas meio estranha e é isso, essa é a cenoura, e tem os cabelinhos dela que são bons e pode comer aquilo não é lixo, dá pra fazer suco e tem tantos nutrientes que as pessoas não sabem (Sheilla, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante PC, 2019).

Pensando em outras correlações possíveis, Renata (2019) analisou ainda que

A longo prazo, vai sensibilizando pra uma mudança de olhar, uma mudança estética, de você enxergar diferente uma beleza, por exemplo, um alimento que não vem com um tamanho padrão, porque tá no início da safra. Então você já mudou seu olhar e junto com a cenoura pequena que você come, você tolera outras mudanças de cultura, de gênero, de religião, de economia, de opiniões políticas, porque você já aprendeu a comer cenouras de tamanhos diferentes. Então essa correlação é algo que vai acontecendo. (Renata, Coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa no café, 2019).

Essa educação estética que me trouxe a coagricultora nos leva a outros reposicionamentos diante do mundo, mudando inclusive nossa experiência e nosso olhar sobre o que entendemos como *Culturezas*.

Reparei que *o acesso a uma alimentação saudável* foi um aspecto que se mostrou central, o que acabou definindo a experiência da CSA entre as(os) coagricultoras(es) e agricultoras(es). Porém, comer alimentos nutritivos e diversificados possui significados que vão além, ou seja, alimentar-se da diversidade da natureza quer dizer também nutrir-se de sistemas que estão produzindo em diversidade e contribuindo para a regeneração da terra e seus sistemas. E assim, alimentamos – e nutrimos ao mesmo tempo – práticas e princípios agroecológicos que se apresentam como processos de resistência à agricultura industrial: dos cultivos monoculturais no campo ou do cultivo das mentes monoculturais (SHIVA, 2003).

O movimento da CSA conecta seus participantes com outras possibilidades de entendimento e de relacionamento com a natureza:

Osmany – Se a gente realmente perceber que preservando a natureza a gente cada vez mais vai ter mais segurança alimentar, vamos ter mais qualidade de vida, mais saúde, melhores condições de água, solo e clima, nada nos faltará. Independentemente de ser sete ou 12 bilhões de pessoas no mundo. A gente tem terra, natureza que viabiliza uma alimentação com qualidade sem deteriorar a mãe natureza.

Ana – Tô pensando por aqui que os alimentos ensinam sobre o cuidar.

Osmany – E ser cuidado na verdade. Perceber que a natureza tá cuidando de mim, na verdade é só uma obrigação minha cuidar dela porque ela já faz isso desde que a vida é vida. (Osmany, Agricultor da CSA Fazenda Bella e Ana, pesquisadora e coagricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Dessa maneira, os alimentos acionam exercícios de aprender a cuidar e de ser cuidado, com práticas que podem nos ajudar a construir e fortalecer a soberania alimentar, aqui compreendida como estratégias que nos ajudam a construir sistemas agroalimentares democráticos e autogestionados pelas pessoas e não por grandes corporações (DUBEUX; BATISTA, 2017). Soberania para quem? Um termômetro interessante é pensar de que forma os benefícios e aprendizagens dos alimentos na experiência da CSA alcançam famílias agricultoras. Para a agricultora Vanessa:

Até nossa alimentação mudou, antigamente não tinha hábito de verdura. Plantava pra vender, o que plantava a gente não comia. Até a alimentação da família muda, eles mesmo [coagricultores] falam pra gente que através do CSA aprenderam a consumir outras verduras, antes pra gente era só o básico (Vanessa, agricultora da CSA Doce Vida, prosa na roça, 2019).

Desta forma, construir nossos próprios sistemas agroalimentares passa por garantir acesso à terra, à água, à biodiversidade, sementes não transgênicas, estruturas produtivas, o que, sem dúvida, passa pelo fortalecimento da agricultura familiar. Quando essas questões passam a ser caras às realidades urbanas, colhemos daí novas alianças, perspectivas e territórios.

A relação com os alimentos já colhidos se mostrou diferente das relações travadas com esses mesmos alimentos ainda na terra. Em uma colheita da qual participei junto a uma coagricultora, enquanto eu colhia espinafre, ela amarrava os maços e refletiu:

Todo mundo tem que participar de uma colheita. A última vez que eu olhei tanto pra ele foi na geladeira e aí eu fiquei pensando “que que eu vou fazer com você?” E agora eu tô olhando pra ele muito grata e achando muito bonito, isso aqui é muito amor de pegar, tirar e ver de onde vem e a minha relação com ele. Eu vou comer

isso aqui diferente. Que trabalho puxado... Não faz nem uma hora que estamos aqui e já tô suada, que intenso. (Sheilla, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa durante PC, 2019).

O ato pedagógico de ir à roça segue atuante no Encontro com os Alimentos. Esse Encontro provoca ainda sensações, *sentires* e muitos desafios. Os alimentos chamam para a ação: “É super desafiador, tem vezes de vir semanas seguidas repolho. Acho que já nos acostumamos que dá pra usar, inventar, dar vazão, se você tiver o mínimo de disponibilidade pra fazer”. (Leandra, Coagricultora da CSA Esperança, 2019). Outra coagricultora me contou ainda que

Desse encontro com a cesta às vezes surgem uns estranhamentos, [risadas] eu confesso que tem coisa que eu não gosto sabe, mas não tenho problema com isso, eu dou para outras pessoas. E também me desafio a fazer alguma coisa gostosa com aquilo [risada]. Mas eu acho massa esse desafio de passar três meses tendo espinafre todo dia. E aí você tem que virar nos trinta pra fazer espinafre, mesmo na semana que você não tá afim, *ocê tem que se empenhar em ir pra cozinha*. (Mel, coagricultora da CSA Fazenda Bella, prosa no PC, 2019).

Assim, os Alimentos passam a nos ensinar sobre curiosidade, criatividade, movimentando ideias e corpos, instigando a transformação de rotinas alimentares monótonas. Como nos trouxe a coagricultora Mel, a boa relação com o alimento passa pela cozinha. Em minha experiência na cozinha, surgiram diversas possibilidades de experimentações. O tempo do cozinhar foi ganhando espaço em minha rotina, o que era acompanhado pelo prazer e beleza de apreciar e compartilhar pratos, sucos, bolos e saladas coloridas. Definitivamente, *ir para cozinha se transforma aqui em ato pedagógico potente*. “Nesse sentido é um elemento disciplinador também, mas é uma disciplina positiva, porque tá nutrindo um ciclo de saúde pra sua mente, sem pensar que cozinhar é uma terapia” (Ana Thereza, coagricultora da CSA Renascer, prosa na cozinha, 2019). Maurício (2019) me relatou:

Eu entrei na CSA motivado pela questão da saúde que é uma coisa que permeia minha vida inteira. E a CSA veio pra isso, mas eu tô com 48 anos e continuo ainda com essa bateção de cabeça. E nesses dois meses pra cá foi que eu comecei a pensar que essa minha relação iria melhorar se eu interagisse com o alimento. Ir pra cozinha não é fácil. Desde então eu tenho interagido mais e aí sim dado mais valor, tipo “o que eu vou fazer com a azedinha?” então é investigar, aprender como que ela é produzida e pra que serve. Essa semana eu cozinhei todos os dias, então o que fazer de diferente com a couve? Acho que meu conflito vem se acalmando, e é o que tá acontecendo, eu tô resolvendo essa questão da conexão com o alimento na medida em que eu venho cozinhando. (Maurício, coagricultor da CSA Cultivada, prosa no PC, 2019).

Dessa forma, participar é condição importante para *conhecer e aprender*. Quando deixamos os alimentos abrirem espaços na nossa rotina cotidiana, passamos a ser transformadas por eles.

Nesse sentido, a CSA não deixa de ser uma forma de “in-corporar” conhecimentos: na experiência, o próprio corpo se desloca, vive, se relaciona, come, sente e aprende. Mais do que nunca, se torna importante evidenciar o corpo como organismo vivo inteligente, criativo e interdependente dos outros seres vivos que habitam o planeta, afinal, sabemos que nosso corpo deve sua existência à Terra, portanto, o corpo é incontornável (BOSANELLO, 2010). Ainda sobre a relação com os alimentos, a coagricultora Erica refletiu:

É o encontro mais potente, por ser o mais sutil. Você vai comer uma comida que quer queira ou não ela vai mudar sua vida. Seu modo de pensar, ela vai fazer tudo isso e você vai achar que está passivo a tudo e não está. Eu tenho tentado olhar a CSA nas bases da antroposofia, tem um campo sutil que trabalha que é muito potente. E como a gente realmente deixa esse plano sutil atuar? E é realmente através desse encontro. A cada 21 dias a gente troca de células. Você é uma nova pessoa. (Erica, coagricultora da CSA Esperança, prosa durante café, 2019).

A experiência com os alimentos acontece ao se experimentar diferentes níveis de sutileza no Encontro, o que inspirou o princípio da *sensibilidade*, que propõe exercitar nossas faculdades de sentir. Em meio a relações objetivas e racionais travadas no mundo moderno (e isso nos diz também sobre como nos relacionamos com o resto do mundo), exercitar a sensibilidade se traduz ainda na tomada de consciência sobre nós e outros seres humanos e não humanos. Uma atitude sensível nos capacita a prestar atenção:

Por mais que eu estivesse acostumado a comer de tudo, aqui a gente tá comendo o que a terra tá dando. E isso é a vida. Se adaptar aos ciclos naturais é muito importante, a gente vem perdendo muito dessa conexão, então pelo menos no ciclo alimentar pode acontecer. Eu não era muito acostumado a comer folhagem, tem que se esforçar pra aprender a comer os alimentos. Foi uma quebra boa o contato com os alimentos da CSA. (Felipe, coagricultor da CSA Fazenda Bella, prosa no PC, 2019).

Existe um esforço empreendido para voltar a participar do tempo sazonal, ao tempo da terra. Dessa maneira, tomar consciência de que compartilhamos a existência com outros seres faz da simplicidade uma obrigação ética e ecológica (SHIVA, 2020).

Para além de incentivar a simplicidade de se viver, os alimentos me convidaram a acionar minhas redes, seja para doá-los ou para compartilhá-los em refeições. Os alimentos da CSA me convidaram a pensar uma outra lógica, que não a da escassez, mas da abundância:

o que implica aprender a compartilhar, a ser generosa. É muito comum na experiência, a saída de coagricultoras(es) “porque vem muito alimento na cesta”; e acabam não conseguindo aproveitar. É como me contou Paulo (2019):

É difícil. Ninguém gosta de jogar comida fora e jogar comida boa fora então... As pessoas ficam muito incomodadas com isso, mas eu acho que é só saber direcionar. Às vezes tem que dedicar um pouco mais de tempo pra preparar ou armazenar, não é realmente um problema. As pessoas acabam tornando um problema porque a gente vive muito isolado, de forma geral, cada um no seu apartamento com a sua geladeira, por exemplo, no meu corredor deve ter uns 40 apartamentos e ninguém se fala direito. Às vezes até uma generosidade é constrangedor, eu quero dar um alimento pra minha vizinha ou vizinho mais não sei como fazer isso, então a gente aprende a lidar mais com isso. (Paulo, coagricultor da CSA Fazenda Bella, prosa no PC, 2019).

Esse relato nutre possibilidades de fazer esses alimentos chegarem àqueles que a experiência da CSA não alcança. Para o agricultor Edson (2019), os alimentos ensinam ainda sobre a importância de ser agricultora(o):

Ensina também que essa profissão é uma coisa importante na minha vida, porque ela é importante lá fora também. Sem a agricultura familiar vocês não tinham alimento não. Porque os grandes produtores de fazendas enormes, eles não plantam alface, cenoura, planta é soja, milho pra exportar pra fora, pra fazer óleo. Eles não são preocupados com o que você vai almoçar não. (Edson, agricultor da CSA Doce vida, prosa na roça, 2019).

Portanto, comer é um ato político. Não se trata somente do alimento em si, mas dos paradigmas sociais, ambientais e políticos associados a ele. Inclusive, expressam a luta contra a padronização imposta pela indústria agroalimentar. “Em especial nesse momento, os alimentos me ensinam que um novo mundo é possível e que a gente tá fazendo isso.” (Erica, coagricultora da CSA Esperança, prosa durante café, 2019).

Figura 35: Esquema resumo do Encontro com os Alimentos



Fonte: Esquema da autora.

## 5.2.4 Rede

**Figura 36:** Ciranda durante CSEncontro, 2019.



Foto: Cau Coelho/Comunicâmera.

A palavra “rede” me leva a pensar em sua dimensão-artefato: uma rede que quando embalada nina crianças, acalma corações e faz o vento balançar. Rede pode ser rede de pesca também, aquele tanto de nós trançados que, quando arremessados na água nos devolvem peixes, dentre outros alimentos.

As redes podem carregar ou abrigar coisas, para além de pessoas, e me atrevo a dizer que os tecidos são uma espécie de rede, mas com os nós bem juntinhos, construindo espaços curtos entre um e outro nó. As distâncias dos entrenós vão nos dizer o que conseguiremos carregar numa rede. A força do fio que a trança, nos dirá sobre a força desses vínculos. Um entremado de nós pode vestir, pescar, acalantar, embolar, embelezar, contar. E tudo isso tem a ver com algo simples: a disposição dos nós. Um nó precisa do outro para existir e virar rede. Ou, penso eu, um nó sabe da existência do outro, afinal eles são emaranhados de linhas em comum. Não existe rede sem nós. Nós somos nós de muitas redes. Que fios compartilhamos com os outros nós dessas redes?

Podemos também olhar a rede do ponto de vista da prática social, como atuação política, mobilizadora. Estar em rede é estabelecer vínculos. Porém, viver em rede não é algo novo, já nascemos atuando em redes: familiares, escolares, vizinhança, comunidade, religiosa. E com o nosso crescimento e envolvimento com a vida e suas dimensões, nós passamos a tecer redes maiores. Dessa maneira, o estar em rede não é uma inovação dentro das organizações sociais, mas pode ser entendida como uma experiência de tecer o tecido social. Por outro lado, os campos que estudam redes como fenômenos sociais, criando teorias, formas de análise e prevendo eventos, são novos, ligados aos campos das ciências sociais e humanas (FIALHO, 2014).

Juntamente com a ideia de atuação em rede, se dá o avanço da tecnologia e surgem com força as redes virtuais, que acabam promovendo (e globalizando) a vinculação desses nós através de fios internáuticos, que passam de forma contundente a organizar (e por vezes desorganizar) as redes em que vivemos. No entanto, como explica Machado e Tijiboy (2005), a rede, nesse contexto virtual, pode acabar assumindo um caráter efêmero e desterritorializado, tornando-se um lugar de passagem, sem vínculos (sem nós).

Outra possibilidade de olhar para a rede vem do campo de estudo da Administração, para o qual as redes são um fenômeno organizacional. Sob esse olhar, a gestão de organizações que se articulam em rede acontece a partir de interesses em comum, o que torna possível ampliar seu alcance, assim como resolver problemas. Nesse sentido, a rede acaba sendo uma metáfora para o comportamento colaborativo e cooperativo entre indivíduos e outras organizações (SARAVIA, 2002).

Sob o olhar sistêmico da ecologia, todos os seres estão interconectados. Organizar-se em redes pressupõe uma interação entre espécies e sua consequente interdependência. A partir daí, surgem análises e teorias diversas para explicar essas relações (MORERA; PINTÓ; ROMERO, 2007).

Nós constantemente tecemos e nos enredamos como: rede-artefato, rede-afetiva, rede-fenômeno, rede-política, rede-ecológica, rede-organizacional, rede-virtual, redes-invisíveis. As redes podem ser pensadas a partir de diferentes dimensões e daí outras possibilidades emergem ao pensarmos nas infinitas formas de tecê-las. Um exemplo que contribuiu para cultivar esta pesquisa-plantio é o pensamento de Bruno Latour (2004), em que essas redes ou coletivos (como ele nomeia) são tecidos pelo campo da ecologia política

– que atua como linha articuladora dos nós –, reunindo tanto os humanos como os não humanos que passam a buscar juntos por mundos em comum.

Sob essa perspectiva, Latour (2004) me ajuda a pensar na experiência da CSA mais do que como uma rede social humana ou como uma rede colaborativa de economia solidária. Como vimos no Encontro com os Alimentos, essa rede é constituída em sua base por espécies vegetais que articulam esse coletivo humano.

Para a experiência da CSA, o Encontro em Rede representa esse conjunto de experiências comunitárias que, ao se encontrarem, tecem o movimento com ideais, ideias, apoios e afetos. Dentro de minha experiência, fui percebendo que o Encontro em Rede acontece sempre que são tecidas confluências entre sentidos, corpos ou sonhos que partilham de ideias em comum, seja a partir de encontros presenciais ou virtuais. Dessa maneira, para além de *sentipensar* a rede do Grupo de Gestão, esse Encontro se materializou de forma espontânea e potente durante o evento CSEncontro, quando pude apoiar em sua organização e realização.

O CSEncontro foi um evento que surgiu da necessidade de fazer essa rede de agricultoras(es), coagricultoras(es) e apoiadores se Encontrarem. A sua construção aconteceu de forma colaborativa, partindo do Grupo de Gestão da Rede e acolhendo outras(os) coagricultoras(es) e agricultoras(es) que se interessaram em contribuir a partir de um chamado no grupo de WhatsApp da rede.

Esse enredamento provocado pela organização do evento me permitiu evidenciar, colher, ao mesmo tempo, semear algumas questões e análises importantes sobre as dimensões da rede, a partir das quais vem sendo possível trocar aprendizagens e saberes.

Desde os primeiros sonhos com o evento, era evidente que a construção da rede passava pela virtualidade, por proporcionar trocas mais frequentes, mesmo que não garantisse a construção de vínculos em um nível mais profundo, como no Encontro presencial, os encontros virtuais também articularam pessoas e ideias. Nessas trocas, a dificuldade de engajamento foi um dos maiores desafios: dificuldade da proposição de coagricultoras(os) e agricultoras(es) para atuarem e apoiarem na organização e no dia do evento. Isso me mostrou o desafio de aprender a se articular em rede, o que passa pelo sentido de pertencimento a ela e pela importância de nutrir os vínculos.

As dinâmicas que aconteceriam durante o evento foram sendo sonhadas e compartilhadas ao longo das primeiras reuniões entre coagricultoras(es), de acordo com os nossos talentos e vontade de movimentar a atividade, e daí surgiram como dinâmicas: Ponto de Convivência (PC) coletivo das CSAs; Mesa de piquenique colaborativa com varal de receitas coletivo; Degustação de produtos complementares; Atividade musical para as crianças; Roda de dança circular, Espaço de acolhimento da Rede CSA Brasília; e a Dinâmica da árvore. Mais tarde, essas dinâmicas acabaram se transformando para mim em algumas das importantes dimensões que compõem a Rede, porque produziram aprendizagens, trocas e saberes.

O PC coletivo evidenciou uma dimensão que nos ajuda a tecer essa Rede: o apreço. Ali se Encontraram agricultoras(es) e coagricultoras(es) de diferentes CSAs. Foi um espaço onde pude me reencontrar com muita gente que conheci desde o início da pesquisa. Afetos e amizades iam sendo nutridos, ao mesmo tempo que aconteciam Encontros e reencontros. Os alimentos iam ocupando e enfeitando a maior parte da vista, sendo espalhados sobre mesas, dentro de caixas, ocupando bacias e cestas. Naquele dia, eles movimentariam grande parte das pessoas que passariam por ali:

O Ponto de Convivência coletivo das CSAs estava bem colorido, raízes, flores, ora-pro-nóbis, jiló, muitas folhagens, cartelas de ovos caipira trazidas pelos agricultores, provas de queijo e molhos – produtos complementares oferecidos pelos próprios coagricultores. Ali naquele espaço que transcendia a dinâmica de uma feira, ou que era uma feira às avessas, a diversidade e abundância mostravam a grande força da produção da agricultura familiar, de uma produção agroecológica e orgânica. Via as mãos de quem cuida e alimenta tantas famílias. Sistemas e valores que se expressavam ali em uma nova cultura: a cultura do apreço.

Dessa maneira, a *dimensão do apreço* me revelou a grande diversidade de interesses e disposição em tecer a Rede. Porém, nos Encontros dentro das comunidades vivenciadas, foi comum as pessoas não conseguirem se expressar em relação à dimensão da Rede; elas falaram como se estivessem de fora dela. Então, quem chegava ao PC coletivo podia viver o clima da Rede – seus espaços, ideias, Encontros e vínculos. Às vezes, é mais uma questão de propor vivências do que explicações. As emoções e *sentires* provocam aprendizagens transformadoras.

**Figura 37:** Ponto de convivência coletivo no CSEncontro



Fonte: foto da autora

**Figura 38:** Mesa de piquenique e varal de receitas ao fundo



Fonte: foto da autora

Já a Mesa de piquenique, junto com o varal de receitas, representou uma dimensão importante da Rede, que são as *partilhas de saberes e sabores* que permeiam as relações que se mostraram ainda pouco articuladas entre as comunidades em Brasília. Se os vegetais são

os entes que movem a experiência, os saberes relacionados a seus preparos e ciências são elementos importantes, também articuladores de gentes, saberes e aprendizagens que circulam na experiência, proporcionando processos educativos ativos. Essa dinâmica representou ainda o “grande coração cozinheiro” que move a experiência da CSA, bem como evidenciou o espaço da cozinha – da partilha.

O espaço de Encontro com outras(os) produtoras(es) de alimentos complementares representou a *dimensão das parcerias*. Mostrou-me a potência das Comunidades que Sustentam (CS). Ali conheci agricultoras(es) que ainda não tinham CSA, mas que ofertavam como produtos complementares: biscoitos, bolos, geleias e cogumelos. Reencontrei uma coagricultora que produzia leite e queijos e uma cooperativa que também oferecia seus produtos às comunidades. Definitivamente, são muitos os arranjos possíveis que envolvem sustentar uma produção local.

A atividade musical com as crianças contou com a participação de um educador musical que animou oficinas e brincadeiras. Já a roda de dança circular foi oferecida por uma coagricultora, momento em que celebramos os Encontros entre agricultoras(es) e coagricultoras(es). Essas duas dinâmicas me fizeram olhar para a *dimensão da criatividade* na construção da experiência. Os Encontros por si só são nutridos de criatividade, o que propicia mudanças nas perspectivas e nos modos de como vivenciamos nós mesmos e o coletivo. Considerar a criatividade como dimensão passa por criar outras possibilidades de se relacionar e olhar para nossos processos criativos que dão vida aos processos educativos cotidianos.

Em minhas andanças pelo espaço do evento, foi bonito ver pesquisadoras(es) se encontrando ali – nós éramos frutos de nossos esforços na construção do grupo de pesquisa da Rede CSA Brasília. Uma das pesquisadoras sinalizou que ali já havia encontrado a CSA que iria participar. Fiquei feliz de ver esse Encontro da Rede de pesquisadores(as) participando, conversando e tecendo vínculos com agricultores(es) e coagricultoras(es). Pela minha experiência, sentia a presença dos pesquisadores como uma das dimensões que compõem essa Rede. Pesquisas que podem, a depender da vontade de engajar-se, contribuir de forma importante para construção da Rede.

Já o espaço da Rede CSA Brasília contava com coagricultoras(es) participantes do grupo de gestão. Ali se tiravam dúvidas; podia-se situar-se num mapa com todos os PCs de

Brasília; havia um monitor com fotos de diversas comunidades; era um espaço de acolhimento. Esse espaço representou para mim a *dimensão da construção da identidade* que essa rede vem assumindo quando se Encontra. O Grupo de Gestão se torna um espaço onde os propósitos e sentidos da Rede confluem para além das experiências comunitárias.

**Figura 39:** CSEncontro no foco: a mesa com toalha de piquenique foi o espaço da Rede CSA Brasília; ao fundo a dinâmica da árvore e a esquerda a mesa de piquenique



Fonte: foto da autora.

Sugeri a construção da dinâmica dos alimentos invisíveis da CSA, que foi inspirada na ideia do artista Joseph Beuys, que traz o conceito de “arte social” ou “escultura social” como um lugar onde acontecem processos de transformação, onde nós mesmos somos os artistas escultores. A dinâmica pretendia visibilizar e construir coletivamente essas aprendizagens, práticas e saberes que podem ser colhidos a partir das experiências da CSA. A partir da estrutura de uma árvore enfeitada com fitas de cetim, a pergunta era: “O que você colhe da experiência na CSA?”. Os frutos se deram em diversos formatos: reflexões, palavras, desenhos, etc.

Foi uma surpresa perceber que os frutos colhidos reafirmaram as trocas, aprendizagens e saberes que fui colhendo durante minha caminhada nesta pesquisa-plantio (Figura 40).

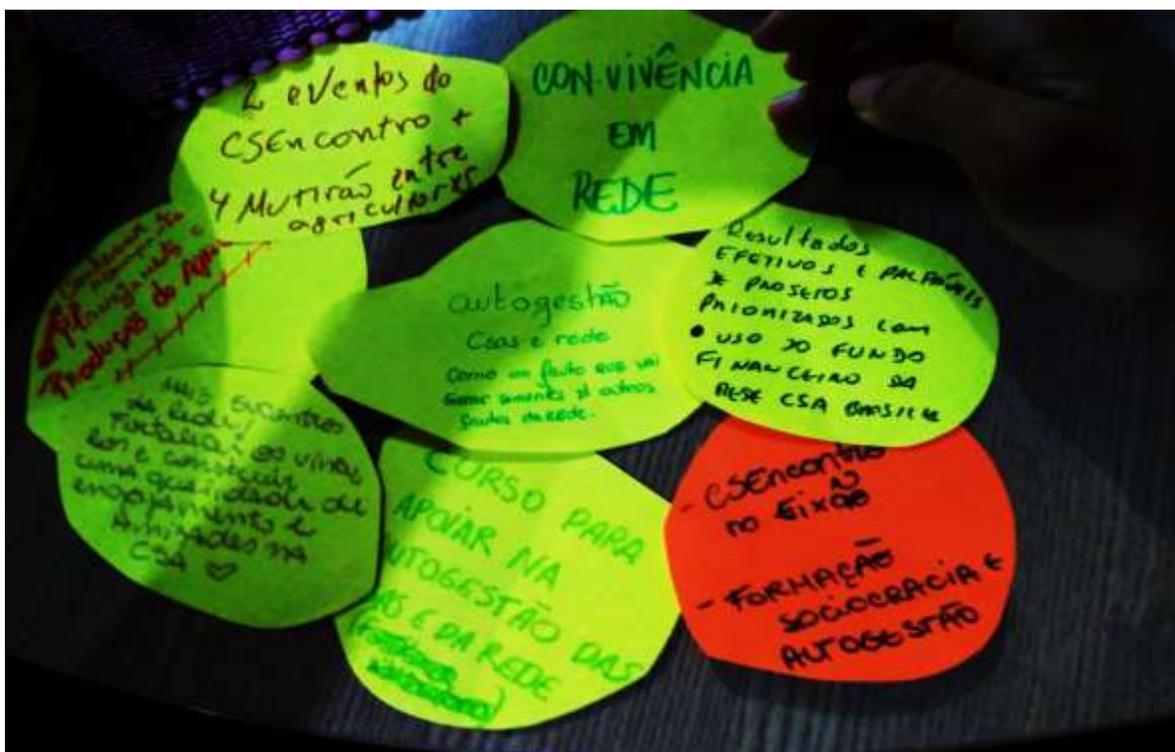
Figura 40: Alguns dos frutos colhidos durante a dinâmica da árvore no CSE Encontro, 2019



Fonte: foto da autora.

Na semana seguinte, nos reunimos entre coagricultoras(es) envolvidas(os) com o evento, para trocarmos impressões e encaminhamentos. Nesse momento, relembro e refletindo o evento, alguns frutos foram sonhados para o ano seguinte (Figura 41). Frutos nutridos pelos Encontros.

**Figura 41:** Frutos sonhados pelas(os) participantes do Grupo de Gestão, adubados pelo CSEncontro



Fonte: foto da autora.

Encontrar-se é, de certo modo, perceber-se e descobrir outros posicionamentos, intenções, desejos, reflexões, e o mais bonito: descobrir o que temos de diferenças e em comum, o que nos faz seguir caminhando juntos.

Figura 42: Esquema resumo do Encontro em Rede



Fonte: Esquema da autora.

### 5.3 Partilha dos alimentos colhidos: considerações para seguirmos caminhando

O mundo: Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. – O mundo é isso – revelou –. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo. (Eduardo Galeano, *El libro de los abrazos*, tradução nossa).

Olhar uma cesta com alimentos recém-colhidos, tenros, coloridos, frescos, traz sensações diferentes. Não é a mesma coisa que adquirir das gôndolas do supermercado. Os ambientes de aprendizagens acontecem por causa dos alimentos, o que faz o PC ser um momento dedicado à relação entre humanos e entre humanos e não humanos. Em uma prosa durante um PC, cheguei a ouvir que a cesta é igual a um filho: “e ainda tem gente que se esquece de ir buscar!”. Envolve cuidados especiais: desde o preparo da terra, até a logística para armazenar de forma apropriada ao chegar em casa, lavar, separar, gerir e cozinhar!

Após a colheita, que representa todo o empenho das mãos agricultoras e da natureza, do trabalho e da lida diária com a terra e de outras dimensões envolvidas no processo do plantar e colher, a entrega dos alimentos representa a celebração do campo, da roça que chega para alimentar e nutrir a cidade de nutrientes materiais e sensíveis que generosamente chegam às nossas casas. Além do mais, o momento de Encontrar com a cesta de alimentos envolve ainda a convivência e fortalecimento de relações que muitas vezes são novas para quem vive na cidade: com as famílias agricultoras.

Pensando no ato de ofertar, oferecer essa cesta de alimentos, nessa seção final busquei relembrar as perguntas e objetivos que deram início e guiaram esta pesquisa-plantio. Compartilharei alguns dos alimentos colhidos que buscaram nutrir tais questões e objetivos.

A colheita tem muito da dimensão do sonho, afinal, é a partir dele que se materializam e se encontram forças para acreditar mesmo no que ainda não brotou. E é de sonhos que somos nutridos quando comemos esses alimentos.

A pesquisa teve como objetivo analisar o movimento CSA como comunidade de aprendizagem a partir de duas experiências brasilienses e do Grupo de Gestão da Rede CSA Brasília. Ao refletir sobre as singularidades do movimento em Brasília, o Grupo de Gestão da Rede se apresentou como um espaço pedagógico potente, onde, além de se discutir e organizar questões operacionais, constituiu-se como espaço de trocas e Encontros entre experiências, onde é possível sonhar, refletir, questionar e articular a dimensão da Rede na experiência.

Por sua amplitude de ações e potencialidades, delinear o Grupo de Gestão da Rede se mostrou uma tarefa difícil. Ao longo do caminho, fui entendendo que o Grupo é fluído, movido por vontades, sonhos, lutas e utopias. Durante minha vivência, o grupo tomava forma de acordo com as pessoas que participavam e das ideias que ganhavam força de ação. Os principais desafios que envolveram a construção desse grupo foram o engajamento de novas(os) coagricultoras(es) e agricultoras(es) e os limites que implicam o trabalho voluntário nos processos da gestão da rede.

No caminhar, percebia que, para entender a Rede, temos que vivê-la e não somente teorizá-la. Em minha experiência, a Rede foi sendo tecida principalmente a partir dos Encontros – em forma de festivais, eventos, reuniões – desde onde se vê a Rede em ação, onde nos reconhecemos e construímos essa identidade subjetiva que é a da Rede. Todos nós participantes – humanos e não humanos – e apoiadores da CSA somos os nós dessa Rede.

Outro alimento colhido foi a compreensão de que o formato em Rede, como o movimento vem se construindo, é o que vem fazendo a CSA se multiplicar significativamente em Brasília. Constatei também que a CSA em Brasília possui um forte protagonismo feminino. São as mulheres, em sua maioria, que movimentam diferentes frentes de trabalho e de afetos, seja na dimensão da Rede, seja nas comunidades.

Os PCs e a roça – o território da família agricultora – foram identificados como espaços pedagógicos potentes na experiência da CSA. A partir daí, colhi uma grande diversidade de aprendizagens, trocas, saberes, dificuldades e contradições. Dessa colheita, foi surgindo uma pedagogia própria, nascida pela prática da CSA em Brasília. Pedagogia que se inspirou nas aprendizagens cotidianas, o que nos fez deslocar e expandir o sentido da palavra “pedagogia”: abraçando uma diversidade de formas de se aprender e ensinar. Enquanto colhia, a dimensão pedagógica que se manifestou como central na experiência foi

a do Encontro, de onde brotou a Pedagogia do Encontro, que foi *sentipensada* desde os Encontros *entre e com*: Agricultoras(es), Comunidade, Alimentos e em Rede.

Do Encontro com as(os) agricultoras(es), colhemos os frutos da realocização do mundo rural e a possibilidade de levar a sério os modos de vida rurais. Foi do acercamento afetivo com as famílias agricultoras que colhi frutos de amizades, empatia, solidariedade e também valorização e visibilização de processos que, muitas vezes, são invisíveis às(aos) coagricultoras(es).

Desse Encontro, colhemos ainda o Princípio da valorização da diversidade, que diz respeito à construção de relações horizontais de aprendizagem dentro da experiência. A ida para a roça emergiu como um ato pedagógico na experiência da CSA, que oferece uma abertura de outros mundos. No caminho, me dei conta da rede de agricultoras(es) que vem se articulando dentro da experiência da CSA, o que tem permitido a expansão dos laços rurais e urbanos entre diferentes territórios do DF. Revelaram-se ainda noções mais profundas da ressignificação do lugar da agricultura, expondo realidades de luta, desigualdades e privilégios, que ainda atravessam as experiências.

Por isso, a CSA se mostrou como movimento que tem potencialidades educativas que permitem ir além de um consumo de orgânicos. Ir além quer dizer expandir as possibilidades de transformação social que se mostram latentes no movimento.

Do Encontro com a Comunidade, surgiu o princípio da *CooperAÇÃO*, tendo como ética central o cuidado. Colhi também algumas das tensões que emergem do exercício da autogestão, afinal, a parceria comunitária não está dada: seja pela falta de tempo, pela necessidade de transformar a rotina para “fazer caber” a experiência ou pela possibilidade, ou vontade, de engajamento.

Além disso, percebi que o coletivo é mobilizado também virtualmente, surgindo potências e invisibilidades nas relações. Desse encontro virtual colhemos trocas de receitas e outros diferentes saberes que circulam. Há também de se recordar dos desdobramentos comunitários – que não deixam de ser exercícios de autonomia coletiva –, onde a CSA atua como espaço impulsionador de novos Encontros e relações para acessar produtos e produtoras(es) complementares à cesta.

Percebi ainda que as motivações para se engajar na CSA são diversas, e que se tornar coagricultora(o) não é uma tarefa óbvia. Colhi evidências de como o movimento pode ser

associado a um consumo elitista: mesmo que esteja ancorada em práticas e princípios da economia solidária e associativa, a CSA é para todos, porém nem todos conseguem acessá-la.

Já os Encontros com os Alimentos me permitiram refletir nas aprendizagens e transformações que nos provocam esses entes não humanos, ainda que seja uma relação, muitas vezes, invisibilizada. Na CSA, comer é sinônimo de aprender. Nos alimentamos de diferentes sabores, de alimentos com formas não muito convencionais, que nutrem a diversidade dos campos e nossas alternativas ao que é posto como caminho único a ser seguido. Ir para cozinha se mostrou como ato pedagógico, afinal, participar se torna condição para conhecer e aprender. Desse Encontro surgiu o princípio da *sensibilidade*, propondo exercitar o *sentir* e o *estar sensível*: prestar atenção com verdade.

O quarto e último Encontro aconteceu com a Rede. Do qual colhi algumas das dimensões que emergiram no decorrer da pesquisa, as quais entrelacei com algumas das dinâmicas ocorridas durante o CSEncontro. Os Encontros, definitivamente, ajudam a tecer essa rede. De minha questão inicial, de tentar decifrar essa Rede (das loucuras megalomânicas que habitam o mundo do pesquisar), acredito que seja um dos alimentos que ficaram na terra, necessitando de adubo para seguir frutificando.

Além de colher, o que se aprende a partir da experiência da CSA, este estudo me fez refletir sobre que tipo de saberes, conhecimentos e práticas nós queremos construir desde a experiência da CSA? Acredito que o movimento de colheita proposto neste estudo, ainda que muito limitado, dá alguns primeiros passos para seguirmos construindo e evidenciando dentro de nossas práticas cotidianas nossas pedagogias próprias.

Porém, dessa colheita, alguns alimentos ficaram na terra, outros ficaram em meus pensamentos. Como frutos ainda verdes, o tema do protagonismo feminino na experiência pode dar uma safra bonita a ser colhida e reflexionada de forma mais aprofundada. Notei ainda que existem poucas pesquisas que evidenciam o olhar das famílias agricultoras ou onde as(os) próprias(os) agricultoras(es) investiguem a experiência da CSA. Acredito que empreender um plantio-pesquisa com esses olhares pode nos fazer avançar em outras direções que impulsionem e contribuam de forma valorosa com o movimento da CSA.

Nesse trajeto final, sinto que meu Encontro com a CSA nutriu e afirmou minha vontade de aprender *com* e *na* roça, de plantar meu próprio alimento. Um fruto bonito e

transformador que venho colhendo, encorajado principalmente por minha aproximação afetiva às famílias agricultoras, tem sido colher e compartilhar os alimentos de minha primeira horta: alface, rúcula, repolho, espinafre, girassol, salsa, cebolinha e ervas de chá. Sigo aprendendo com os tempos da roça, ressignificando a história de minhas avós e buscando o Encontro com os tempos da terra.

**Figura 43:** Ana cultivando a horta em casa



Fonte: Foto de Gabriel Raposo.

Finalmente, a CSA se apresentou como um movimento em fogo, como Galeano descreve na epígrafe que inicia esta seção “-*El mundo es eso – reveló – un montón de gente, mar de fueguitos*”, emergindo como possibilidade transformadora, assim como quando cozinhamos alimentos, damos novos sabores e outras texturas a vida. A CSA como prática de *fueguitos* se apresenta como experiência, que apesar de suas limitações e contradições, vem nos permitindo construir estratégias que articulam outros modos de produzir e de se

viver, além de criar confluências com outras práticas e movimentos. Estratégias que entendo como *mares de fueguitos*, incendiando e transformando nosso viver.

**Figura 44:** Esquema resumo da partilha dos alimentos colhidos



Fonte: Esquema da autora.

## Referências

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- AGUIAR, Vander Luiz. **Empresas sociais de agricultura urbana**: um estudo nas Comunidades que Sustentam a Agricultura em Belo Horizonte e Londres. 2018. 386 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7444826](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7444826). Acesso: 20 jul. 2019.
- AGUILAR, Raquel Gutiérrez; TRUJILLO, Mina Lorena Navarro. Producir lo común para sostener y transformar la vida: algunas reflexiones desde la clave de la interdependencia. **Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 21, n. 2, p. 298-324, 2019.
- ALVARADO, Benjamín Maldonado. Perspectivas de la comunalidad en los pueblos indígenas de Oaxaca. **Bajo el Volcán**, v. 15, n. 23, p. 151-169, 2015.
- ALIER, Martínez Joan. **O ecologismo dos pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valoração. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- ARROYO, Miguel M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BANIWA, Gersem. Antropologia indígena: o caminho da descolonização e da autonomia indígena. In: 26ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2008.
- BASHFORD, J. **European Handbook on Community Supported Agriculture**. Urgenci. 2013. Disponível em: <http://urgenci.net/csa4europe/european-handbook-on-csa/>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- BENINI, Maria Luiza de Andrade. **Transição agroecológica na perspectiva do consumo**: um olhar etnográfico para um grupo de CSA (Community Supported Agriculture). 2018. 181 f. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP, 2018.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis, RJ Vozes, 2017.
- BOSANELLO, Debora Pereira. **Em Pleno Corpo-Educação somática, Movimento e Saúde**. Curitiba: Juruá Editora, 2010.
- CARVALHO, Isabel Cristina; MHULE, Rita Paradedda. Intenção e atenção nos processos de aprendizagem. Por uma Educação Ambiental “fora da caixa”. **Ambiente & Educação**, v. 21, n. 1, p. 26-40, 2016.

CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, Atilio A.; AMADO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. p. 395-420.

CSA BRASIL. Disponível em: [www.csabrasil.org](http://www.csabrasil.org). Acesso em: 20 jun. 2019.

CSA BRASÍLIA. Disponível em: <https://csabrasilia.wordpress.com>. Acesso em: 20 jun. 2019.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016. v. 34.

DUBEUX, Ana; BATISTA, Marcela Peixoto. Agroecologia e economia solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. **REDES: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 2, p. 227-249, 2017.

DORNELES, Ana Braga; REIS DA SILVA, Ana Tereza. Pedagogias ecológicas e decoloniais em rede: o movimento CSA como comunidade de aprendizagem. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 2020. No prelo.

ECKERT, Daniele. **A mercantilização em contramovimento: relações de reciprocidade e coesão social na agricultura sustentada pela comunidade em minas gerais**. 2016. 236 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3686894](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3686894). Acesso em: 12 jun. 2019

ESCOBAR, Arturo. **Más allá del Tercer Mundo: globalización y diferencia**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia (ICANH), 2005.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

FERRADA, Donatila; FLECHA, Ramón. El modelo dialógico de la pedagogía: un aporte desde las experiencias de comunidades de aprendizaje. **Estudios Pedagógicos** (Valdivia), v. 34, n. 1, p. 41-61, 2008.

FERREIRA NETO, D. N.; TORUNSKY, F. Agricultura apoiada pela comunidade e a “economia viva” de Rudolf Steiner. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara-SP, v. 8, n. 1, 2014.

FIALHO, J. M. R. Análise de redes sociais: princípios, linguagem e estratégias de ação na gestão do conhecimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4,

Número Especial, p. 9-26, out. 2014. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/20881>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública? **Cadernos Ebape. Br**, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Livros).

GIRALDO, Omar Felipe. **Ecología política de la agricultura: agroecología y posdesarrollo**. San Cristóbal de Las Casas/Chiapas, México: El Colegio de la Frontera Sur, 2018.

GIULIANI, Gian Mario. Neorruralismo: o novo estilo dos velhos modelos Néoruralisme: le nouveau style des anciens modèles. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 5, n. 14, p. 59-68, 1990.

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ de MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000. 535 p.

HARGUINDEGUY, Laura Collin. Economía solidária y lógica reproductiva. In: ENRIQUE SANTAMARÍA, Juan de la Haba; YUFRA, Laura C (org.). **Investigando Economías solidárias (acercamientos teórico-metodológicos)**. Barcelona/España ERAPI/ICA, 177, 2019. p. 97-107. Disponível em:  
[http://erapi.net/sites/default/files/Investigando-economias-solidarias\\_digital.pdf](http://erapi.net/sites/default/files/Investigando-economias-solidarias_digital.pdf). Acesso em: 10 jun. 2020.

HENDERSON, Elizabeth; VAN EN, Robyn. **Sharing the harvest: a citizen's guide to Community Supported Agriculture**. Chelsea, Vermont: Chelsea Green Publishing, 2007.

IBÁÑEZ, Mario Rodriguez. Resignificando a cidade colonial e extrativista: Bem Viver a partir de contextos urbanos. In: LANG, Miriam; DILGER, Gerhard; PEREIRA NETO, Jorge (org.). **Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento**. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p. 297-333.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Antropologia).

KUMAR, Satish. **Solo, alma e sociedade: uma nova trindade para o nosso tempo**. Tradução de Tônia Van Acker e Cristina Ferraz Coimbra. São Paulo: Palas Athena, 2017.

KINCELER, José Luís. Entrevista com Hermann Pohlmann. **Palíndromo**, v. 4, n. 8, 2013.

LAGANE, Jean. Du teikei à l'AMAP, un modèle acculturé. Développement durable et territoires. **Économie, Géographie, Politique, Droit, Sociologie**, v. 2, n. 2, 2011.

LARRÈRE, Catherine; LARRÈRE, Raphaël. **Du bon usage de la nature**: pour une philosophie de l'environnement. Paris: Alto Aubier, 1998.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência eo saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LATOUR, B. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. São Paulo: Edusc, 2004.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n. 17, p. 153-176, 2001.

MACHADO, Joicemengue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 3, n. 1, 2005.

MARTINE, George. A trajetória da modernização agrícola: a quem beneficia?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 23, p. 7-37, 1991.

MARTINS, Alanda Lopes Baptista. **Agricultura apoiada pela Comunidade ou Comunidade Apoiada pela Agricultura?** A relação campo-cidade pela ética da solidariedade. 2017. 413 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6123505](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6123505). Acesso em: 12 jun. 2019.

McFADDEN, Steven. **Community farms in the 21<sup>st</sup> century**: poised for another wave of growth? Kutztown, PA: Rodale Institute, 2004. Disponível em: <http://newfarm.rodaleinstitute.org/features/0104/csa-history/part1.shtml>. Acesso em: 04 jun. 2019.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. v. 99.

MORERA, Carlos; PINTÓ, Josep; ROMERO, Marilyn. Paisaje, procesos de fragmentación y redes ecológicas: aproximación conceptual. **Corredores Biológicos: Acercamiento Conceptual y Experiencia en America**, p. 11-47, 2007.

NEVES, Thomaz Lanna. **Design para o sistema alimentar**: um estudo comparativo de sistemas produto serviço para distribuição e comercialização de alimentos. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2017. Disponível em:  
[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id\\_trabalho=5082246](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=5082246). Acesso em: 12 jun. 2019.

OLIVEIRA, Fernanda Antunes de. **Comunidade que sustenta a agricultura**: entendendo as CSAS de Belo Horizonte e analisando suas possibilidades e desafios. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ORTEGA, Joana de lima. **Comunidade que sustenta a agricultura (CSA) em São Paulo e agricultura solidária (SoLaWi) na Alemanha**: construindo indicadores sociais, econômicos e ambientais. 2018. 136 f. (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2018.

OSORIO-CABRERA, Daniela. Economía solidária y feminismo(s): pistas para um diálogo necessário. In: SANTAMARÍA, Enrique; YUFRA, Laura C.; HABA, Juan de la. **Investigando Economias solidárias (acercamientos teórico-metodológicos)**. Barcelona/España ERAPI/ICA, 2019. p. 97-107. Disponível em:  
[http://erapi.net/sites/default/files/Investigando-economias-solidarias\\_digital.pdf](http://erapi.net/sites/default/files/Investigando-economias-solidarias_digital.pdf). Acesso em: 10 de jun. 2020.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 7, p. 87-108, 1989.

PAIVA, Caroline Mendonça Nogueira. **Do preço ao apreço**: um estudo sobre a construção do mercado de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, 2019. Disponível em <http://repositorio.ufla.br/handle/1/38375>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PREISS, Potira Viegas. **As alianças alimentares colaborativas em uma perspectiva internacional**: afetos, conhecimento incorporado e ativismo político. 2017. 239 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em:  
[http://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR\\_2e11a816446f00726ee4d2cb9fa92857](http://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_2e11a816446f00726ee4d2cb9fa92857). Acesso em: 07 jun. 2019.

QUIJANO, Olver. EcoNOmia, EcoSÍmias: Perspectivas Decoloniales. Elementos Sobre Visiones y Prácticas de Diferencia Económico/Cultural. **Pedagogías decoloniales, Prácticas Insurgentes de Resistir (re) Existir y (re) Vivir**, v. 1, p. 102-143, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RABELO, Miriam. Aprender a ver no candomblé. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 229-251, 2015.

ROTOLI, Liliane Ubada Morandi. **Análise da relação entre produtor e consumidor vinculados a CSA (Community Supported Agriculture) do Estado de São Paulo sob a ótica da Economia dos Custos de Transação.** 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Tupã), São Paulo, 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3738871](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3738871). Acesso em: 12 jun. 2019.

SANTANA, Gustavo Serra. **Impactos ambientais e socioeconômicos do uso da água nas csas do DF.** 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7309353](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7309353). Acesso em: 12 jun. 2019.

SARAVIA, Enrique J. Redes, organizações em rede e organizações virtuais: as novas configurações organizacionais. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v. 1, n. 1, p. 18-23, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 130, p. 99-134, 2007.

SCHLICHT, Susanne *et al.* **Community Supported Agriculture: An overview of characteristics, diffusion and political interaction in France, Germany, Belgium and Switzerland.** ACTeon und Die Agronauten, Freiburg, 2012.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gaia, 2003.

SHIVA, Vandana *et al.* **Manifiesto para una democracia de la tierra, justicia, sostenibilidad y paz.** Barcelona: Paidós Ibérica, 2006.

SHIVA, Vanda. **Uma revolução simples: um imperativo ecológico e ético para Proteger a Vida na Terra e Garantir Justiça a Todos os Seres.** 2020. Disponível em: <https://navdanyainternational.org/pt-br/uma-revolucao-simples-um-imperativo-ecologico-e-etico-para-proteger-a-vida-na-terra-e-garantir-justica-a-todos-os-seres/> Acesso em: 25 jul. 2020.

SINGER, Paul. A Economia Solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org.). **Economia solidária e Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, DF: Inep-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; MEC, 2005. p. 13-20. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/Economia+solid%C3%A1ria+e+educa%C3%A7%C3%A3o+de+jovens+e+adultos/5226fbd2-28a7-4a1c-a404-34dbe8f17cc7?version=1.2>. Acesso em: 10 ago. 2020.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **La memoria biocultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TORRES, Camila Lombardi. **Comunidade que sustenta a agricultura**: a reaplicação da tecnologia social a partir dos casos pioneiros em Brasília. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5532563](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5532563). Acesso em: 12 jun. 2019.

TORUNSKY, Flavia. **Justificativas em torno das Comunidades que Sustentam a Agricultura**: um estudo de caso da CSA. 2019. 137 f. Dissertação – Universidade de São Paulo, São Carlos, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-03052019-181241/pt-br.php>. Acesso em: 20 jul. 2019.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

URGENCI. Disponível em: <http://urgenci.net/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

VALENCIA, Olver Quijano. La diferencia económico/cultural como horizonte de esperanza e inteligibilidade. In: QUINTERO, Pablo (comp.). **Alternativas descoloniales al capitalismo colonial/moderno**. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2016a. p 27-53.

VALENCIA, Olver Quijano *et al.* La conversación o el “interaccionismo conversacional” pistas para comprender el lado oprimido del(os) mundo(s). **Calle 14: Revista de Investigación en el Campo del Arte**, v. 11, n. 20, p. 34-53, 2016b.

WALSH, Catherine E. (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir(re) existir y (re) vivir. Quito, Ecuador: Abya-Yala, 2013.

WWF. Produtores da agroecologia inauguram sede no Alto São Bartolomeu (DF), 2018. Disponível em <<https://www.wwf.org.br/?64783/Produtores-da-agroecologia-inauguram-sede-no-Alto-Sao-Bartolomeu-DF>> Acesso em: 02 jul. 2020.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. **Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia**, Rio de Janeiro, out. 2009.

XAVIER, Francine Teixeira. **Chefs que sustentam a Agricultura**: pesquisa participativa sobre a construção de uma CSA entre *chefs* de cozinha e agricultores agroecológicos. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado Práticas em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019. Disponível em: <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgpds/dissertacoes-e-produtos-defendidos/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

## Apêndice

### Apêndice 1: Os 10 princípios do *teikei*

Princípios	Explicação
Apoio mútuo	Constituir um relacionamento criativo e amigável, não como uma parceria comercial.
Intencionalidade de produção	Produzir segundo um plano pré-adaptado a partir de um acordo entre os produtores e os consumidores
Aceitação dos produtos	Aceitação de todos os produtos entregues pelos produtores
Concessão mútua na decisão do preço	Estabelecer preços no espírito do benefício mútuo (agricultor e consumidor).
Aprofundamento das relações amistosas	Aprofundar relações de amizade entre os parceiros, o que se dará pela busca constante de contato entre os membros.
Autodistribuição	O transporte dos alimentos deve ser feito pelos produtores ou pelos consumidores até o local de distribuição, sem depender de transportadoras profissionais.
Gestão democrática	Evitar dependência de alguns poucos líderes; é importante praticar uma gestão democrática com responsabilidade e compartilhada entre todos.
Aprendizagem coletiva	A aprendizagem coletiva entre produtores e consumidores deve ser valorizada, evitando que as atividades se restrinjam à distribuição de alimentos saudáveis.
Manutenção do tamanho apropriado do grupo	Realizar os princípios já mencionados será difícil se o número de membros ou território for muito grande; é importante que sejam mantidos em um tamanho apropriado. A inclusão de mais pessoas deve acontecer a partir do aumento da colaboração entre os grupos.
Perseverança no desenvolvimento contínuo	Na maioria dos casos, é difícil iniciar com as condições ideais, seja pela parte dos consumidores ou dos produtores. É importante escolher bem os parceiros e avançar juntos pouco a pouco sobre os pontos a serem melhorados.

Fonte: Adaptada de Urgenci, Joaa (1993) e Torres (2017).

## **Apêndice 2: Termo De Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Por meio deste Termo convido os(as) participantes da rede CSA Brasília a contribuírem como coautores da pesquisa *intitulada Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA): Aprendendo em rede*, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Tereza Reis da Silva, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB).

#### **Justificativa e objetivo**

O estudo será desenvolvido com objetivo de buscar compreender como vem acontecendo os processos de aprendizagem e refletir sobre os desafios e limitações dessas experiências que envolvem algumas CSAs e o Grupo de Gestão da Rede CSA Brasília.

#### **Procedimentos**

Este estudo será construído a partir do encontro com agricultores e agricultores participantes da CSA, além de minha vivência e acompanhamento de certas comunidades e do grupo de gestão.

Participando do estudo, os participantes serão convidados a compartilhar sobre sua experiência *na/com* a CSA. Os encontros serão preferencialmente gravados, e os momentos em que a pesquisadora acompanhar as atividades podem ser registrados com fotos ou audiovisual que poderão compor a apresentação dos resultados desta pesquisa.

Será realizada observação e participação do grupo de gestão da rede e de algumas CSAs, onde a pesquisadora-coagricultora participará das atividades do grupo como da partilha de cestas, reuniões, assembleias, mutirões, festejos, visitas e grupos de WhatsApp.

Com o intuito de colaborar com o grupo de pesquisa da Rede CSA Brasília, os dados gerados a partir desta pesquisa serão compartilhados com o Grupo de Pesquisa da Rede, com intuito de fazer parte de uma base de dados coletiva, possibilitando que outras análises possam ser realizadas futuramente.

A participação não é obrigatória. A qualquer momento a pessoa convidada a contribuir com a pesquisa poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

#### **Desconfortos e riscos**

O desconforto pode acontecer, caso algum membro, por qualquer motivo, não se sentir confortável em compartilhar sua experiência no que se refere à CSA. Os riscos que os entrevistados possam ter nesta pesquisa são: a possibilidade de ser identificado sem que assim o queira. Para este caso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido terá uma cláusula de confidencialidade, permitindo o uso de pseudônimos durante todo o processo de investigação

e também na redação do trabalho final. A participação neste estudo não é remunerada e nem implicará em gastos para os participantes.

### **Benefícios**

Os membros da Rede não obterão benefícios diretos com a participação neste estudo. Porém podem usufruir dos benefícios indiretos relacionados ao acesso a informações mais detalhadas sobre a reflexão da trajetória, aprendizagens, desafios e contradições que permeiam a Rede CSA Brasília.

### **Confidencialidade**

Caso seja seu desejo, você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisa. Nesse caso, você pode ser identificado por meio de um pseudônimo durante toda a pesquisa. Na divulgação dos resultados deste estudo, os nomes não serão citados, a não ser que assim o desejem, concordem e autorizem. A não concordância quanto a divulgação do nome de qualquer um dos membros do grupo será, assim, respeitada.

### **Contato**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você pode entrar em contato com a pesquisadora Ana Braga Dorneles, identidade nº x.xxx.xxx SSP/DF, CPF xxx.xxx.xxx-xx, domicílio na Rua dos Engenheiros, pelo telefone (61) xxxxx-xxxx.

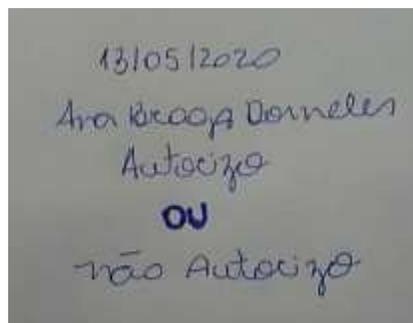
### **Consentimento livre e esclarecido**

Caso você concorde em participar desta pesquisa, por gentileza, **coloque a data, assine seu nome completo** e logo a baixo da assinatura, por gentileza escreva **“autorizo”**, caso aceite que sua identidade seja revelada, OU **“não autorizo”** caso deseje manter sua identidade em sigilo:

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora  
Ana Braga Dorneles  
18/0143662

*Exemplo de foto a ser enviada:*



*Data Assinatura do nome completo  
“autorizo” ou “não autorizo”*

## ANEXO

### Anexo A-I ENCONTRO DA REDE CSA BRASÍLIA - Primavera Agroecológica

Registro feito por Ana Thereza Nogueira

#### *Preâmbulo*

O I Encontro da CSA Brasília aconteceu no **30 de abril de 2017**, um domingo lindo e ensolarado, na sede da ASPROESTE (Rua 8, Lago Oeste).

Os trabalhos foram abertos por volta das 10 horas da manhã, após a realização de um café da manhã coletivo e de uma roda de dança e de apresentações curtas de cada um dos participantes. Estima-se que estiveram presentes no Encontro aproximadamente 40 (quarenta) pessoas<sup>20</sup>, representando dezessete CSAs do DF. Importante registrar que houve também a presença de crianças no Encontro, o que reforça e ilumina o espírito de coletividade presente no grupo.

Após a roda, sentam-se todos os presentes em mesas redondas distribuídas pelo salão e Renata Navega abre a reunião, sintonizando, a partir de uma apresentação de slides, as atividades previstas para o dia. Na fala introdutória, são apresentados os objetivos do Encontro, conforme reprodução abaixo:

- *Integrar e fortalecer a mobilização dos agricultores e coagricultores das CSA no DF*
- *Definir nossa identidade como rede de Comunidades que Sustentam a Agricultura*

Em síntese, a ideia da reunião é que as pessoas de diversos pontos da rede se conheçam, compartilhando experiências que interessam a toda a coletividade. **Renata lembra que ninguém poderia conceber sozinho questões sobre a identidade e a configuração da CSA Brasília.**

“A ideia é que façamos juntos algo que ninguém poderia fazer sozinho. Definir aspectos e informações sobre a rede não é algo que alguém de fora poderá fazer, só se estivermos juntos. Tarefa para nós, criamos esta tarefa e vamos realizá-la juntos.”

Em seguida, são apresentadas brevemente as atividades previstas para o dia: café da manhã coletivo (já realizado), instalação, linha do tempo, jogo retrato CSA Brasília, reconhecer-se para melhor ser, almoço-dança-cine, diálogos: propósito, princípios e organização da rede, lanche, plenária, benção da rede e roda de encerramento.

Renata lembra a importância de **“darmos passos de forma coletiva e harmônica”**. Valoriza, em sua fala, as inovações, destacando que esse movimento criativo deve honrar com a

---

<sup>20</sup> O número não é exato, pois houve participantes confirmados que não compareceram, bem como pessoas que não confirmaram a presença pelo formulário e, no entanto, integraram as atividades realizadas. Alguns participantes, além disso, não permaneceram na sede da Asproeste ao longo de todo o dia, só pela manhã. Outros integraram as atividades apenas no período da tarde.

proposta de comunidade da CSA. “Se fosse simples e fácil, já estava pronto”, **reforça sobre a importância do Encontro.**

A coagricultora diz ainda que a CSA Brasília encontra-se em fase de transição, em função de seu crescimento, o que tem conduzido a muito aprendizado e mudanças. Esse processo suscita questões importantes pra que a rede comece a organizar e dar forma. Daí a proposta do encontro, de **“olhar pra nossa experiência até o momento e definir que princípios são importantes para o coletivo.”** Faz uma analogia com uma família grande, “quando junta um monte de primo, agora **a ideia é a gente se juntar e se conhecer melhor, ganhar intimidade**” e trabalhar pela organização da rede. “Que nem nas plantas, como observamos, quando uma ajuda a outra.” O Encontro é pela busca de soluções, de formas de apoio, desafios de uma CSA podem ser solucionados com exemplo de outras.

Ao citar o momento do almoço, Renata enfatiza que “nossa comida está sendo preparada e trazida por nós mesmos. Que o almoço seja um momento de nutrição em todos os sentidos.”

“A força da rede se faz na nossa intenção”, também acrescenta à fala introdutória.

Em seguida, Renata menciona rapidamente o “acordo de boa convivência” para o Encontro, que inclui a sugestão de que as dinâmicas não sejam interrompidas por celular, a pontualidade, a prática da escuta ativa e a colaboração para a construção de um clima de amizade e cooperação entre todos.

Palavras de alinhamento vêm em seguida, no sentido de contextualizar a Rede CSA Brasília e de abrir o caminho para a primeira dinâmica coletiva do dia, que é a da “Linha do Tempo”. **“O que é a Rede CSA Brasília?”**, questiona Renata. A grande expansão no número de CSAs nos últimos meses (atualmente são vinte e uma CSAs no DF) é situada a partir da história das **três CSAs (Toca da Coruja, Barbeta e Aldeia Altiplano) que iniciaram o movimento, em 2015**, servindo como grande fonte de inspiração para pessoas que queriam vivenciar uma nova relação com a agricultura.

**As CSAs estão “transformando as paisagens do DF”. No slide, estão inscritas as mudanças promovidas no cenário local. “Estamos juntos conectando pessoas, dividindo os riscos da produção de alimentos, reduzindo desperdícios, valorizando o trabalho dos agricultores, migrando diariamente do papel de consumidor para o de coagricultor, descobrindo as riquezas nutricionais e agroecológicas das plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e cultivando uma das maiores fontes de promoção da saúde: as relações de confiança em redes de apoio mútuo.”**

Lembra Renata Navega, por fim, que “antes de qualquer coisa a CSA é um espaço de convivência. O encontro vai gerar produtos e informações, mas já cumpre uma função importante que é a convivência mútua.”

Encerrando o momento de abertura do Encontro, a partir da projeção da foto de vinte agricultores e coagricultores, Renata pede uma salva de palmas para esse grupo, **que se reuniu no final de janeiro de 2017 na FEPECS, para realizar a primeira reunião da CSA Brasília, e que naquele momento idealizou o Encontro.**

*Linha do Tempo*

Abre-se então a dinâmica da construção da Linha do Tempo, em que Andrea Zimmermann é chamada a contar a história da CSA Brasília: **“a rede se constrói a partir de agora, mas o que aconteceu para que chegássemos até aqui?”**

A agricultora convida as pessoas a, de olhos fechados, trazer para a memória tudo o que se passou para que a sua CSA entrasse na sua vida. Pede a cada um que registre marcos pessoais no movimento do tempo de suas próprias CSAs na linha colada na parede. Através de tarjetas coloridas ou escrevendo na própria linha, cada um toma um tempo para pensar em seu registro.

O grupo presente foi dividido em seis mesas, de acordo com afinidades de pertencimento de agricultores e coagricultores às mesmas CSAs.

Algumas falas de Andrea estimulam o trabalho dos grupos: “vamos contar a história cronologicamente, então quem registrou pode dar seu depoimento”, temos as “primeiras sementes sendo plantadas no início, e como frutificou! Dá uma alegria no coração!”. E ainda: “precisamos ser objetivos, porém, pois há muita informação!”

Após alguns minutos de reflexão e conversa entre os grupos, além do registro temporal dos principais movimentos de cada CSA, realizado em um grande cartaz afixado numa das paredes do salão, Andrea retoma a palavra para falar sobre a história da CSA em Brasília.

**“Aqui em Brasília nossa história começa em 2012, foi quando tivemos a primeira experiência de CSA na Toca da Coruja.** Na época o Gui levantou a questão de que tínhamos de alguma forma colocar em prática o que estávamos aprendendo. Lembro que fizemos uma reunião sobre isso, estávamos eu, o Gui, o Sérgio a Mônica, o Fábio (...) começamos a levantar várias coisas e decidimos começar um CSA entre nós, sair do discurso e ir pra prática. Ainda discutindo o conceito, mas depois ficou muito mais claro pra gente (...) Começamos a fazer funcionar e testando a questão logística. Eram só umas seis cotas... Em vez de termos desanimado com os entraves iniciais, isso só nos estimulou a seguir. A gente nem conhecia a Demetria.”

Também é lembrado por Fábio e Andrea o curso de formação, realizado em novembro 2012, por Andrea, Renata e Fabiana.

Laura, coagricultora da Aldeia Altiplano, lembra-se a palestra ocorrida em Brasília, do casal francês que tinha uma CSA na França, em que mais de 150 pessoas estiveram presentes. A partir dessa reunião, segundo ela, já foram se formando os grupos, e articuladas outras reuniões.

Em seguida, Marly, coagricultora, fala sobre a criação da CSA Barbeta. Segundo seu relato, grupo de meditação faz a semeadura...

Dorvalina, agricultora da CSA Madre Terra, fala da criação da Associação Aprospera. Tudo começou em final de 2014, quando receberam um projeto da WWF, “um grupo de 6 famílias que começou a caminhada juntos, com esquema de mutirões nas casas das famílias. Fomos crescendo e em 2015 já era um grupo de 11 famílias. Em 2016 a gente abriu a Aprospera. Em 2016, conhecemos a CSA através da Andrea, Renata e Fátima Cabral e conhecemos os coagricultores.” Dorvalina diz que sua CSA tem agora um grupo de 26 coagricultores e prevê

um segundo grupo para começar mês que vem. “Nossos coagricultores são maravilhosos, é uma maravilha, a gente está gostando muito”, ela reforça.

Andrea toma a palavra novamente, enfatizando que em 2014 o movimento já tinha começado. A Barbetta vem logo em seguida.

Renata toma a palavra: lembra do curso em SP, fala da Demetria, e do aprendizado e compartilhamento do conhecimento. Em suas palavras, “voltamos, pegamos a lista de contatos de quem havia ido na palestra em julho [dos franceses] e começamos a fazer os contatos, “vai começar!”. Isto é, “Brasília ganhou esta configuração expressiva no cenário nacional porque desde o começo a proposta era chegarmos e compartilharmos, expandirmos...”

Andrea complementa, dizendo que quando este movimento começa, o Marcelo da Demetria já tinha uma produção muito grande... “Marcelo foi criando núcleos de CSAs em várias cidades...” (o que equivale a vários pontos de convivência). “No Brasil o movimento da CSA surge sob os princípios da agricultura biodinâmica. A ONG CSA Brasil, então, definiu CSA aqui como agroecológica orgânica”.

Passamos para março de 2015. Andrea convida Marly e Mara a contarem a história da CSA Barbetta. Mara começa falando da reunião no restaurante Girassol, entre Idalécio e 16 coagricultores. Marly complementa: “a gente já tinha ouvido sobre esta onda chegando em Brasília, com a Renata... Sentamos algumas vezes para planejar com o Idalécio, conversamos sobre orçamento, compra de equipamentos. Idalécio levava comprovantes de simulações de financiamento (...) Foi muito incrível (...) Renata e Andrea também foram ao restaurante Girassol para conversarmos... Ele era um agricultor já experiente e respeitado em Brasília.” Mara retoma a palavra e diz que Renata expôs as questões relativas aos custos do agricultor, o que ele gostaria de ganhar etc. “E aí ela falou que começaríamos com 15 e teríamos a meta de 25. Mas agora estamos com 63 agricultores!” Marly conta que no início Idalécio ficava entre o Ceasa, o restaurante Girassol e feiras. O agricultor relatava que Ceasa estava muito sofrido para ele. Os coagricultores da CSA colocaram como meta, então, o Idalécio poder escolher sair do Ceasa. Com 4 a 5 meses de funcionamento, a CSA Barbetta já possuía 45 coagricultores, o que foi surpreendentemente positivo.

Andrea pontua a marca de junho de 2015, quando foi realizada a primeira entrega de cestas da CSA Toca da Coruja.

Ainda em 2015, teve início o funcionamento do ponto de convivência da CSA Aldeia Altiplano. A agricultora Fabiana não pode estar presente no I Encontro, conforme justifica Elena Ferreira, que prossegue com a Linha do Tempo. Segundo ela, Fabiana estava junto com Renata desde a reunião de SP. A CSA era uma agrofloresta com frutos. Ela começou a fazer os canteiros, as hortas no começo de 2015 e só conseguimos abrir nosso ponto de convivência em julho. Começaram com 10/12 pessoas... A própria Lena diz ter começado sua experiência como coagricultora na CSA Barbetta, e 6 meses depois migrou para a Aldeia. Ela diz que hoje têm 20 cotas e que há outros interessados, mas não há condições para expansão. Laura complementa trazendo suas impressões da primeira visita à propriedade: “eu estive lá, eu conheci, é como se as verduras fossem invisíveis... Você vai entrando no meio e vai descobrindo tudo...”

Lena diz que os coagricultores vão até a propriedade, que participam ativamente no local de produção. Conta sobre o mutirão no sábado de manhã para ajudar a colher as folhas e a respeito do entendimento de todos sobre as questões da produção...

Prossegue-se com a História. Em outubro de 2015, há a visita da Fabiana ao Gama, na terra da Gisely (agricultora da CSA Florestta). Gisely conta que seu marido inventou de plantar (ele é engenheiro civil) e que Fabi foi dar um suporte técnico e sugeriu uma CSA, dizendo também a respeito do curso de formação em CSA.

Fábio relembra que no mês de outubro de 2015 houve uma tempestade de granizo que gerou enorme desafio ao coletivo. Foi, segundo ele, um fato totalmente imprevisível, que impactou bastante a qualidade do que tínhamos para entregar. A comunidade entretanto enfrentou coletivamente o desafio, como coletivo.

Em seguida, Sandra Cunha fala a respeito da criação da CSA Batata Doce, do agricultor Gilmar. Segundo ela, os coagricultores Fernanda e Guilherme puxaram a construção da CSA. O Gilmar já vendia sua produção na quadra 212 Norte desde 2015. Mas a CSA só vai se iniciar em 2016. As vendas eram feitas às quartas e sábados. Após a CSA, a feirinha de quarta começou a esvaziar, em função do direcionamento para a entrega das cestas. Sandra conta que se tornou coagricultora apenas em novembro de 2016 e surpreendeu-se positivamente. O grupo de CSA está com 25 pessoas. Nas suas palavras, a respeito da construção coletiva da CSA: “conversei com Fernanda para nivelar algumas regras básicas... vim nesta oficina pra ver como é... não tenho tempo de ir nas reuniões da CSA Brasília... sou amiga do Gilmar, conversamos bastante. Já o ajudamos num momento de transição, em que ele teve que mudar para uma nova terra... Ele adora a CSA e disse que se não estivesse conosco já teria desistido do ramo. Estamos programando a segunda visita à terra dele.”

Lena retoma a palavra e relata também dificuldades por que passou a Aldeia: “quando tínhamos três meses de CSA rompeu-se nosso tanque de irrigação. Simplesmente ficamos sem a possibilidade de fazer irrigação nas hortas! E foi uma coisa muito bonita porque a CSA se juntou e todos se responsabilizaram. O CSA é nosso. E este movimento já aconteceu mais de uma vez e nos sensibiliza muito”.

“Fazemos o café da manhã, um sábado por mês, estamos trabalhando muito com PANCs, neste sábado as pessoas ficam a manhã inteira conosco. Temos uma Assembleia Geral uma vez a cada semestre. Mostramos as contas, vemos o que é preciso corrigir (...) O café da manhã passou a ser um momento mensal de trocar informação e celebrar nossa produção de alimentos, nossos novos hábitos.” Segundo Lena, “estamos sentindo falta agora é de trocar experiências técnicas tb. Formigas...Desafios de produção!”

Renata expõe outro marco da Linha do Tempo, em março de 2016. “Fomos convidadas pela Marly para falar sobre a água no grupo de estudos da FEPECS. Marly estava organizando este seminário. Fabiana falou sobre agrofloresta. CSA Barbeta estava entrando em funcionamento.”

Lena lembra também do curso de florais do cerrado, surgido das demandas do grupo de estudos. Lembra que a Escola de Enfermagem deu o curso, **e a questão de que a CSA é uma estratégia de promoção de saúde.**

Maurício, da CSA Cultivada toma a palavra para falar de sua experiência: “me inscrevi no site em 2015. Recebi um convite pra uma conversa no Piauíndia. Eram cinco irmãos no plantio (filhotes do Idalécio). Tivemos esta reunião e no sítio teve esta questão da transparência que envolve os ciclos de produção. (...) Me chamou atenção que eles precisariam de 43 cotas pra dar vazão à produção deles. Começamos com 16, e antes da primeira entrega conseguimos 20 coagricultores. Chegamos a trinta (me envolvi bastante). Abrimos um outro ponto no Lago Norte, na Nutrichef. Abrimos lá em julho de 2016. Chegamos lá a 30 cotas, enquanto que as cotas da Vila Planalto diminuem. Abrimos então um terceiro ponto no Bhumi, restaurante na Asa Sul. A gente não se aproxima tanto do agricultor. Eles já tem um esquema muito organizado de produção... Nunca tivemos necessidade de mutirão, de limpeza, tudo é muito arrumado. Eles querem crescer mais, foi muito bom a CSA, relação de confiança e a questão financeira... Um dos irmãos foi pra Bahia, pra uma terra herdada... Está trazendo alguns produtos de lá... Queremos reforçar o conceito da proximidade... eles continuam no mercado orgânico da Ceasa. Mas não querem abrir mão deste modelo da CSA. Não vamos abrir mais 30 coagricultores em cada ponto (...) Vamos implantar a agrofloresta, apoiar pra que se adaptem ao novo modelo de agricultura, uma nova transição...”

#### **Andrea relembra o 1º curso de formação da CSA Brasília, realizado em abril de 2016.**

Mara pontua que em fevereiro de 2016, a CSA Barbeta possibilitou a saída do Idalécio da Ceasa. Ele conseguiria ficar com as filhas no fim de semana, a CSA possibilitou uma vida mais digna, mais humana. Logo em seguida vem a transição para a agrofloresta.

Andrea lê na Linha do Tempo a respeito do surgimento do Coletivo da Aprospira, e então agricultores e coagricultores presentes vão à frente para relatar suas experiências. Louise, agricultora, fala da participação de Andrea e Renata na Associação, através de um diagnóstico e um curso.

Inês, agricultora, fala que o que marcou para ela foi a primeira reunião na casa da Andrea. Inicialmente, ela pensou que a CSA não seria possível naquele momento, porque não havia água, ainda, em sua propriedade. Então, houve a proposta do agricultor William, seu vizinho, de que ela e sua família poderiam cultivar em um pedaço de sua propriedade. Inês lembra da data da primeira entrega das cestas da Brotos D’água, a correria para chegar no horário acordado da entrega.

**Leonardo Teixeira, coagricultor da CSA Doce Vida**, que se iniciou há seis meses, toma a palavra. Mostra-se surpreso com a articulação das CSAs, dizendo que só naquele momento começa a perceber a relação da Doce Vida com a Aprospira. Segundo ele, “nossos agricultores não puderam estar presentes, Edson e Vanessa, e são parceiros de Inês e Sandro, fazem parte de uma mesma comunidade.”

Leonardo fala sobre o ponto de convivência na escola Vivendo e Aprendendo. Lembra que o Edson estava muito emocionado na primeira entrega, antes mesmo de assinarmos o contrato, pois recordava de quando precisou pedir dinheiro emprestado pra gasolina ao voltar do Ceasa, em dia de pouquíssimas vendas.

Diogo, agricultor, diz que é muito bom escutar os coagricultores, que entendem a situação, diz que a CSA vem fortalecendo ainda mais a Aprospira. Argumenta, ainda, que de uma forma indireta, os coagricultores apoiam a resistência contra o agronegócio e a contaminação,

e que há famílias em que os filhos, que estavam vendendo serviços diversos na zona urbana, estão voltando para o campo.

A próxima intervenção conta a história de uma CSA conduzida por três agricultores [recuperar quem são]. Dizem que foi a união que fez a força da CSA, e que ainda não conseguiram atingir sua meta. “Não é tão barata a logística, porque há uma certa distância entre nós. Então a logística é complicada. Nos encontramos na estrada com os produtos.” Os pontos de convivência são no Sudoeste e na Secretaria de Meio ambiente.

Sonho de Deus: o casal de agricultores Sebastião e Isa estão presentes e dizem que iniciaram sua CSA com a ajuda da Dorvalina, o que reforça que a Aprospira tem uma preocupação com ajuda mútua. “Produção consciente, no sistema de agrofloresta, aprendemos com mutirão, damos palpite um na produção do outro, vamos juntos”. Dorvalina também relembra que iniciou em 1º de novembro de 2016, com oito coagricultores.

Em seguida outro agricultor da Aprospira se manifesta [recuperar quem] Diz que no começo foi um pouco difícil, porque estava com medo de não dar conta. Lembra de reunião com Dona Fátima e da primeira entrega de cestas, para sete coagricultores, quando ficou envergonhado com a cesta, achando que eram poucos itens. “Fiquei muito satisfeito e agradeço muito à D. Fatima e companheiros.”

Deonei, agricultor da CSA Esperança, fala que a caminhada contou com a ajuda dos coagricultores. A CSA começou com a Adm. Do Lago Norte. Houve uma primeira reunião, esperava-se que as pessoas que trabalhavam lá iam aderir... Mas não aconteceu, o que levou à mudança do ponto de convivência para uma padaria. Apesar da resistência do síndico do bloco, que não gostava que a CSA funcionasse ali, o dono da Padaria apoiou e mudou o local da entrega para 3 metros ao lado, em frente à padaria. Foi um primeiro desafio vencido pela CSA. Depois disso, o poço da chácara Esperança secou e o grupo realizou uma reunião extraordinária (segundo desafio!), e lidou com a adversidade de forma compartilhada. Em seguida, aponta para Fátima, presidente da Aprospira: “essa pessoa aqui – Fátima – é a cabeça deste grupo, desta associação. Palmas para a Fátima!”

Ela toma a palavra e diz: “tô precisando ser mais cabeça mesmo, pois sou muita emoção”. “Tudo o que é de bom que estão dizendo aí é o que me alimenta, saber que as pessoas depositam esta confiança. Tenho as minhas dificuldades e falhas, mas conto com cada um deles para me ajudar a enxergar... isso é uma construção coletiva! Sou maleável, sou aberta, confio no que estou fazendo, confio com meu coração. Primeiro contato que tive com a CSA pensei, gente isso é muito grande. Este conhecimento não pode ficar só na minha família. (...) Caminho de confiança, de entrega, de cooperação, se não for de outra forma... Se não for na confiança, na transparência e no amor, pra mim não serve... é desse jeito que a gente tem que funcionar...”

Inês lembra que Fátima e família já tinham condições de produção para formar um CSA e, no entanto, ela foi a última a criar a sua, pois ajudou aos agricultores da Aprospira primeiro.

Louise encerra os relatos da Aprospira, falando da recém-nascida CSA do Sol, cujo ponto de convivência funciona no Colégio do Sol. Até o momento, têm 7 cotas, 3 delas do próprio restaurante do Colégio.

André Lima, ambientalista da Secretaria do Meio Ambiente, toma a palavra e ressalta que está muito feliz em fazer parte da rede, reafirmando o compromisso assumido. Em suas palavras “faço parte da comunidade dos ambientalistas... tem muita gente querendo doutrinar, mas não faz. Pra mim, a ideia de criar uma CSA na Secretaria do Meio Ambiente foi aproximar a teoria da prática. Não se faz política ambiental só com normas, regras, etc. Na Secretaria, e a Tania faz parte do IBRAM, as pessoas estão conhecendo (...) A gente pode sonhar com uma política de incentivo que cada órgão do governo tenha a sua CSA (...) Por ex., no Ibram as cotas ainda não fecharam... Necessidade de quem está à frente da política também pôr o pé na terra.”

Tânia, coagricultora da CSA Colmeia Integrar, diz que ainda estão com uma iniciativa de transição agroecológica. Conta da sua experiência pessoal com a CSA, que conheceu em Minas Gerais. “Quando a gente passa pra este lado é irreversível, não tem muita volta. Pequena revolução (...) as pessoas estão descobrindo agora. Em apenas 2 anos, muito pouco tempo, pra isso tudo estar acontecendo. Um se apoia no outro.... No interior de SP isso também está crescendo muito.”

O coagricultor André menciona que até sua relação com sua esposa melhorou, no que diz respeito ao controle orçamentário de compras, referindo-se à cultura do apreço.

Alguém do público se manifesta dizendo que **“a terra é quem escolhe o que a gente come!”**

Kathyanne, coagricultora da CSA Bela Vista, pede a palavra para falar do nascimento da Bela Vista e Brotos D’água (“CSAs irmãs”), que têm ponto de convivência na Adasa. Kathyanne lembra a história de sua família, na Paraíba, sua relação direta com a agricultura. Emocionada, diz estar muito feliz por participar e ajudar este movimento. Mostra-se feliz de ver a rede crescendo e se consolidando... Fala da primeira visita às propriedades dos agricultores, em outubro de 2016, sobre a questão da divisão da água. Diz que ainda precisam de coagricultores... “As pessoas estão começando a entender agora a CSA... As pessoas que entram achando que é só entrega de cesta, depois elas saem... Estão ficando as pessoas capazes de compreender e participar deste processo. Agradeço...”

Armênio, da CSA Bindu, fala também do nascimento da sua comunidade. Diz que Ximena comprou a chácara há 3 anos, que a intenção era fazer uma escola de saúde... produzir orgânicos. A agricultora (que não pode estar presente) fez o primeiro curso de formação de CSAs. E em setembro 2016 começou a Bindu (que significa semente, em sânscrito). “Comecei a participar há pouco tempo, sou agroecólogo, nesse processo muitos também entraram achando que estavam comprando cesta...”

Em seguida, Dunia, também coagricultora da Bindu, fala participou de mutirão, que teve aulas com Ximena. Suas palavras: “Eu acho muito interessante esta questão de a gente se alimentar do que a terra nos dá... o pessoal logo de início começou a dar dicas de preparação.” Armênio ainda lembra que uma escola Waldorf está sendo criada dentro da chácara, para que as crianças sejam educadas dentro desta perspectiva de integração com a terra.

Gisely e Roberta, da CSA Floresta, falam a respeito de desafios logísticos da entrega, mudanças dos locais de pontos de convivência. A primeira retirada das cestas tinha que ser na chácara, a CSA tinha este conceito e queria que as pessoas fossem, conhecessem de perto o cultivo. Mas, segundo elas, isso foi inviabilizando um pouco... “E a nossa política foi fazer todo mês um dia de encontro na terra, pra plantar. Foi isso, foi crescendo a rede... meu esposo

é engenheiro e ele deixou a engenharia pra cuidar da horta, numa terra que não é nossa. O dono da chácara é um dos 30 coagricultores atuais.”

Roberta, coagricultora, era aluna da Valéria Pascoal. Ela conta que a professora levou os alimentos e falou sobre a CSA, que entrou no site e foi contatada pela Gisey. “Acaba que a gente muda nosso hábito alimentar... comemos o que a terra dá... e o coagricultor tem que entender isso. Na nossa CSA Florestta o grande diferencial é este convívio de pelo menos uma vez por mês. Este convívio com a terra e com a comunidade que está trazendo este diferencial que levo pra onde eu vou. A gente percebe na saúde da gente, no dia a dia...”

O representante da CSA São João [recuperar quem] diz que o momento em que aprenderam e entenderam o que é CSA foi na Toca da Coruja. “Eu e o André Pelicano começamos a nos organizar pra montar... neste movimento nos reunimos em setembro com um grupo de pessoas interessadas. Em outubro começamos a produzir. A produção tem se mostrado boa, começamos com 12 cotas e tínhamos a disposição que as cestas fossem boas pra que as pessoas fossem chamando outras até chegarmos às 25 cotas previstas. Temos integração com outros produtores do Lago Oeste para complementarmos com outros produtos que ainda não temos, chegando a 14/15 itens nas cestas semanais... André não veio hoje porque está fazendo um trabalho voluntário num assentamento. O ponto de convivência é na nossa casa, no CA do Lago Norte.

Andrea agradece a todos os depoimentos. “Me sinto honrada por estar nesta história desde o início. Em 2017 ainda temos muita coisa pela frente. Temos o encontro das CSAs em junho, o Congresso Brasileiro de Agroecologia.”

### *Reconhecer-se para melhor ser*

Renata assume a condução do Encontro e informa que a atividade da Linha do Tempo tomou mais tempo que o previsto. Pergunta se está tudo bem seguirem juntos uma hora a mais antes do almoço, com o que o público consente. “Os depoimentos já indicaram algumas questões, vamos dar agora mais um passo para aprofundarmos as experiências, para nos apropriarmos delas e sistematizarmos as nossas contribuições pra rede.”

Louise faz a mediação da próxima dinâmica: “Em algumas CSAs, a comunicação tá maravilhosa, tem outras que é o financeiro, né? E várias outras experiências... E outras coisas não fluem tanto... **O que está fluindo na minha CSA? E o que não está fluindo?**”

**“Então vamos ser abelhas... Vou passar duas tarjetas amarelas, para as experiências que estão fluindo. E duas tarjetas brancas, pras experiências que não estão fluindo. Dois pontos principais de cada CSA!”**

A ideia desta dinâmica é que as pessoas também conversem com outras de sua própria comunidade, pois assim podem discutir e **registrar pontos fortes e pontos fracos do funcionamento de sua CSA**. Cada grupo coloca o nome da sua CSA em cada tarjeta e cola nas paredes previamente determinadas. As tarjetas foram confeccionadas em formato hexágono, e quando afixadas juntas, remetem à imagem das colmeias.

Após aproximadamente trinta minutos de trabalho conjunto, e a partir de conversas individuais e da visualização das colmeias afixadas nas paredes, Louise realiza uma síntese das impressões dos participantes. A análise não esgota as questões, mas serve de pontapé

para a identificação de problemas comuns e de boas práticas, o que mais tarde pode se converter em interações para troca de experiências e solução de entraves<sup>21</sup>.

Segundo o que se observa, o fator “convivência” não está fluindo bem em muitas CSAs. Mas há o contraponto. O primeiro ponto de convivência da CSA Esperança, por exemplo, não favorecia a convivência, por isso a alteração do local de distribuição das cestas. A CSA Floresta também adotou alternativa semelhante, ao mudar o PC de sua própria casa para um estúdio de yoga e terapias alternativas. Ali circulam pessoas, o que confere mais visibilidade à CSA. É a mesma coisa que acontece na Aldeia Altiplano. O mutirão da sexta está funcionando, embora nem todos possam ir. E além disso há o café da manhã mensal, que se tornou uma referência para o aspecto da convivência entre os coagricultores. Louise sugere que as CSAs que identificam a convivência como aquém do esperado podem se inspirar nestes casos.

Sobre a questão financeira, apontada por algumas CSAs como preocupante, Louise lembra que não é o agricultor que deve se responsabilizar sozinho por isso. É importante perceber como CSA pode, em conjunto, encontrar caminhos para a aproximação de novos coagricultores.

Entre os pontos fortes destaca-se, na comunicação, o boletim da CSA Madre Terra. Também a quantidade e a qualidade dos alimentos ofertados por algumas CSAs. O resultado desta dinâmica de autoconhecimento aponta caminhos e possibilidades de conversas para troca de experiências.

Louise afirma que todas as informações serão utilizadas no próximo encontro da Rede CSA, em junho. “Usaremos para avançar nestes desafios.”

### *Pausa para o Almoço*

Realizam-se aproximadamente duas horas de pausa para um almoço coletivo. Os participantes dão as mãos ao redor da mesa para agradecer pelos alimentos e pela oportunidade de compartilharem daquele momento.

### *Diálogos: propósito, princípios e organização da rede*

As atividades são reiniciadas com outra roda, na qual há uma massagem recíproca entre os participantes, sugerindo a renovação das energias para contribuir com as rodas de discussão sobre a identidade e sobre as configurações organizacionais da CSA Brasília.

Nesta dinâmica, o grande grupo é dividido em três grupos menores, sorteados de forma aleatória. Os três grupos debatem, em forma de revezamento, sobre três grandes temas fundacionais da rede, a saber: sua missão, seus valores e princípios e sua organização e comunicação. Ou seja, cada um dos grupos teve a oportunidade de passar pelas mesas de discussão dos três temas mencionados. A mesa que discutiu a missão teve a mediação de Lena Ferreira. A mesa que discutiu os valores e princípios da CSA Brasília teve a mediação

---

<sup>21</sup> O detalhamento literal de todos os fluxos (positivos e negativos) sistematizados por cada CSA presente no Encontro está disposto no Anexo I, uma vez que não foram apresentados oralmente e de forma exaustiva para o público presente, mas registrados e expostos em forma de texto e diagrama (colmeias de significados).

de Érica Lobato. E, por fim, a mesa que discutiu o tema mais denso, que é a organização e a comunicação da CSA Brasília, contou com a mediação de Louise Amand. Este último tema, ao que se percebeu, merece mais tempo para aprofundamento. Afinal, foram só quinze minutos para que grupos de 10 a 12 pessoas identificassem consensos para expressar suas propostas. E, ao final, devido ao prazo estabelecido, a mediação e o grupo que iniciou a discussão eram obrigados a fechar as questões para apresentação em plenário.

### *Plenária Final*

Na plenária final do Encontro, todo o grupo acomoda-se em um grande círculo no salão. A exposição dos resultados dos diálogos se inicia, então, pela missão.

Diogo é o responsável deste grupo pela apresentação da *missão da CSA Brasília*:

*Ser o elo de integração e fortalecimento do movimento social de CSAs do DF para promover uma cultura solidária, saudável e sustentável de produção e consumo.*

Andrea fala um pouco sobre a escolha do termo “elo”, justificando que dá a ideia de sustentação e fortalecimento. Neste movimento que é a CSA Brasília, ela reforça que é exatamente a respeito dessa sustentação que trata o I Encontro, lembrando que neste dia estão praticando o apoio mútuo e estabelecendo conexões, estabelecendo o elo, portanto.

Renata lembra que se discutiu “esta coisa de dar direção. O elo traz a ideia de sustentação da rede, é algo que dá suporte e cria integração. Mas trouxe algo novo que é algo que dê a direção pro movimento. Não sei se a gente precisa tornar isso mais explícito. De alguma forma o movimento é criativo, horizontal, mas a partir do momento que a rede se consolida podemos também imprimir uma direção a ele.”

Diogo, respondendo ao questionamento, considera que a direção vai naturalmente acontecendo no processo de fortalecer.

Andrea posiciona-se em acordo com o Diogo. Diz que “a CSA Brasília integra CSAs que têm os mesmos valores, os mesmos princípios...”

“Cultura solidária, saudável sustentável. Se isso não surgir, estamos indo pro caminho errado”, diz a coagricultora Sandra, da CSA Batata Doce.

Lena sugere que o texto não seja alterado naquele momento, uma vez que todos passaram pela mesa e tiveram a oportunidade de participar da construção da missão.

Passa-se, então, à apresentação dos resultados da discussão da segunda mesa, que ficou a cargo de delinear os *princípios e valores da CSA Brasília*. Renata inicia a apresentação dizendo que seu grupo fez uma revisão dos debates e sintetizou uma lista de princípios e valores.

*Valores: Apoio mútuo, Confiança, Transparência, Corresponsabilidade, Solidariedade, Integração, Criatividade, Diálogo*

Os valores foram definidos como ideias que têm força e que ajudam na auto-organização. Já os princípios foram idealizados como um projeto a ser continuamente construído pela coletividade. Renata enfatiza que não são taxativos, mas que permitem vislumbrar um futuro comum para as CSAs do DF.

Os princípios foram reunidos em cinco grandes orientações, a saber:

- *Produção* orgânica e local, sem intermediários, valorização da agricultura familiar, fortalecimento da agroecologia
- *Gestão* participativa, democrática e rotativa
- *Convivência*: postura de corresponsabilidade, cultivar interações harmônicas nas relações, promover o contato dos coagricultores com a terra
- *Economia associativa*: incentivar a prática da economia associativa nos pontos de convivência
- *Atuação em rede*

Quanto à produção sem intermediários, menciona que isso deve incluir também a distribuição dos produtos complementares. A valorização da agricultura familiar, por sua vez, é quase uma condição de produção. Os princípios querem fortalecer na rede a agroecologia, porém uma produção orgânica, mas não agroecológica, não é vetada numa CSA. Por último, enfatiza-se a postura de corresponsabilidade como um aprendizado contínuo, que se realiza no cotidiano das CSAs em consonância com a diversidade e interação no interior de cada um dos grupos e entre eles, na CSA Brasília.

Questiona-se se é interessante comercializar outros produtos no ponto de convivência e fala-se a respeito de situações distintas. A encomenda prévia permite um melhor planejamento e evita a barganha no ponto de convivência. Menciona-se o fato de que no Park Way já há “CSAs” que promovem a venda das cestas.

Sobre incentivar a prática da economia associativa nos pontos de convivência, a ideia é a superar o preço, estimular isso ao máximo, segundo Renata. **“A CSA é lugar para experimentar estas relações e mudanças de comportamento e visão sobre o consumo de produtos.”** Em seguida, menciona-se exemplo do Tião com as galinhas. Se ele tiver a “garantia” de que haverá “escoamento”, pode planejar melhor, por ex., a construção de um galinheiro e calcular todas as implicações dessa ampliação de sua produção. Nesse sentido, o agricultor terá segurança, não risco de não venda.

Idalécio relata sua própria experiência: “uma vez que tive segurança da venda de ovos, garantia da venda de 50 dúzias, estas integraram as cestas, eu investi e fiz um consórcio dentro da propriedade. Adubo para a horta, resto da produção dou pras galinhas. O ciclo fechado me permitiu o planejamento integrado das produções.”

Alguém questiona que está à margem de fiscalização a inclusão de produtos complementares como geleias, queijos, etc. “Se impactarmos o comércio local, alguém pode acionar a Anvisa e exigir certificação... Este é um elemento sensível, e algumas CSAs talvez não tenham maturidade para alcançar esta expansão.”

Andrea relembra que o movimento de CSA cria um movimento paralelo às relações formais. “E as pessoas perguntam, pode? Não tem CSA na legislação, mas existe a venda direta do agricultor ao consumidor. Pra gente é uma relação de parceria, de sociedade na horta. Mas pra quem tá de fora é difícil enxergar isso... Não há previsão legal.”

Outro ponto levantado por Andrea é a clareza na diferenciação entre o que é uma produção agroecológica e o que é um produto certificado orgânico. “Temos na Toca uma certificação de produtos vegetais... Mas tem um ovo lá, vcs. estão entregando... Não há certificação, o coagricultor escolhe, ciente das condições de produção do agricultor. Outro ponto são os produtos beneficiados, tipo geleia. Estes produtos devem ter um selo da vigilância sanitária... Isso tem que ser conversado e ver que riscos estão sendo assumidos, pois isso está sujeito a esta fiscalização... Nós oferecemos como um presente pros coagricultores...”

Enfim, o debate que precisa ser amadurecido é o **da lógica de CSA e a aproximação destas fronteiras do formal e do informal**. Chega-se à conclusão de que é preciso ter mais clareza do princípio de economia associativa. Se não se pode vender produtos, como refletir sobre essas alternativas, do ponto de vista da oferta e da demanda de coagricultores? Como dar suporte e proteção aos agricultores que queiram investir nesta frente de produção?

Fábio sugere um grupo de trabalho para aprofundar neste tema, que consulte a Emater, a Secretaria de Agricultura do DF, um grupo que estude melhor a economia associativa...

Renata pontua que é preciso identificar mais pessoas que estejam interessadas na discussão para amadurecermos...

Leonardo destaca as relações entre agricultores e coagricultores. “Economia padrão ou outro tipo de associação?”, ele questiona. “Algumas coisas deixam de fazer sentido quando se realiza a venda de produtos, e aí se chega a um ponto em que não se diferencia mais um PC de CSA de uma feira... Que tipo de relação econômica está por trás da CSA?”

Dorvalina comenta sobre sua experiência com a inclusão de ovos na cesta da CSA. Os coagricultores fazem a lista e fazem o depósito do valor junto com a cota, sabendo que o ovo não é orgânico, ainda que caipira. Segundo ela, há preferência por comprar os ovos que ela produz, pois não são estragados, enquanto que os do mercado sim. “Por isso eles preferem o nosso.”

O próximo e último debate realizado a ser apresentado na Plenária é o que abordou a organização, a **governança e gestão da CSA**. Louise e Kathyanne fazem a apresentação das ideias centrais que pautaram a discussão nesta mesa.

**A respeito da gestão da CSA Brasília, a sugestão foi a da criação de um conselho deliberativo horizontal** com representatividade de cada CSA (1 agricultor e 1 coagricultor). Haveria uma rotatividade semestral ou anual deste grupo. Menos que isso seria elevar a probabilidade de dispersão da informação.

Este conselho realizaria reuniões periódicas com registro e atas, para garantir a memória dos encontros e a preservação das informações e debates, pautando o fluxo contínuo de demandas, decisões e atividades. As pautas, neste sentido, seriam sempre pré-definidas por reuniões prévias.

Além disso, segundo explicam Louise e Kathyanne, seria composto um comitê executivo, que faz a conexão entre o conselho deliberativo e a rede CSA e implementa as decisões tomadas.

Em nível macro, há a sugestão de que se realizem eventos anuais para deliberações, ou tomada de decisões gerais que exigem a participação de todas as CSAs. Este mecanismo participativo mais geral seria para contemplar grande projetos, questões mais amplas.

Laura sugere que sejam abertas as reuniões, para todos que são de CSAs. Louise expõe que as pessoas das comissões conectam, fazem a ponte com a CSA Brasília. Lena questiona se o grupo achou que no conselho deliberativo teria que ter um representante de cada CSA, e Louise responde que acha que é uma discussão ainda em aberto.

Laura comenta que há 40 pessoas no nosso grupo, mas que nunca vai todo mundo. Kathyanne reflete sobre a importância de que as informações cheguem a todos, dizendo que este membro do conselho ficaria responsável por repassar todas as decisões para a sua CSA. É preciso, segundo ela, garantir que a informação transite pelas CSAs.

Andrea questiona se haveria a necessidade de se estabelecer um quórum decisório mínimo dada a dificuldade de reunir todos. Pergunta como se daria a deliberação, se por consenso ou consentimento. Ela defende a criação de grupos de trabalho. “Precisamos de pessoas que estejam dispostas a voluntariamente dedicar seu tempo para questões específicas... Não sei... Quem mobiliza as reuniões? Eu não consigo ver nesta governança. Não consigo ver o funcionamento disso...”

Louise diz que é algo que “estamos ainda definindo. Estamos criando os padrões macro, em princípio... Um grupo de representantes seria necessário para estabelecer diretrizes mais específicas...”

Renata menciona que vale a pena lembrar que no começo do ano fizeram a primeira reunião, que deu origem a este encontro, e foi o momento em que foram definidas quatro linhas de ação para a CSA Brasília. “Pessoas têm muita iniciativa, mas pouca acabativa”, ela diz. Entretanto, pontua que precisam “pensar o quanto o exercício de reflexão sobre rede está crescendo, porque não é todo dia que temos este raciocínio. O grupo está amadurecendo estas questões, não está dado. Por outro lado, estamos aprendendo a priorizar... Comunicação, integração entre os agricultores, a parte de pesquisa... Precisamos de pessoas... Não estamos dando conta... Sugiro que desenvolvamos as quatro linhas de ação que já construímos... Todo mês fazer um encontro mensal operacional, pra parar de apagar incêndio. Aqui trazemos questões, ampliamos vocabulário, mas é necessário reforçar o operacional. Escuto: ‘poxa, mas não recebemos as atas das reuniões!’, mas é preciso fazer muito. Pegar a tarefa e ir até o fim.”

Selma intervém e pede para trazer sua experiência: “Começou nossa CSA tem três meses. Saímos daquela reunião com alguns pontos pra executar... Tá faltando texto, peguei e redigi a partir de nossa CSA. Érica montou um grupo de Zap de 3 pessoas pra fazer o banner. Era um grupo operacional, mas não recebemos feedback. Mas isso gera uma situação... Paramos, fizemos em uma semana o que foi demandado, mas aí não fluiu... O que estou levantando é que faltam instâncias de tomada de decisão...”

Andrea reforça que as definições sobre estas instâncias estão sendo criadas agora e Mara, em seguida, sugere uma divisão em comissões que se unem em espaços deliberativos que realizam reuniões mensais em que se dão os encaminhamentos finais...

Louise e Kathyanne prosseguem apresentando a discussão inicial sobre a comunicação da Rede. Falam que é preciso melhor delinear a comunicação interna e a comunicação externa. Menciona-se que **o WhatsApp é um bom recurso, porém para informações factuais**. São necessários outros mecanismos que deem conta de gerir informações mais perenes, a institucionalidade da rede, enfim. O Facebook é apontado como uma plataforma favorável no sentido de armazenamento do histórico e de informações de caráter institucional. O site, por sua vez, deve reunir informações para potenciais coagricultores e também para agricultores interessados em integrar a rede. Outra forma de comunicação importante é o “boca a boca” (reforçar o olho no olho). Esta ideia do encontro presencial pode ser até um princípio da rede, segundo o exposto.

Renata faz sugestão: “podíamos pegar essa ideia de gestão democrática, participativa e já definir pessoas pra execução de ações... dessas comissões que já temos, ver quem gostaria de se colocar como membro, acompanhando as reuniões da CSA Brasília (a próxima é 8/5) e aí nestas comissões criamos um rotativo definindo quais produtos serão entregues, em prazos específicos. **Como surgiu nossa missão hoje, podemos comemorar o nascimento da rede CSA Brasília**. Podemos olhar pra estas questões levantadas e definir quem pode e tem interesse em trabalhar por este projeto. Uma gestão de 6 meses, até outubro, quando se faz um balanço e renovação. “

Fábio questiona a utilização de Facebook e Whatsapp como ferramentas de comunicação, uma vez que são corporações a serviço da lógica do mercado... Sugeriu: “vamos trabalhar com meios mais democráticos e menos excludentes de comunicação... e-mail é mais democrático.”

Lena Ferreira pontua que o acesso dos coagricultores é diferente dos agricultores. Como universalizar a comunicação é a grande questão. Nivelar as informações entre estes públicos tão distintos é um desafio.

Renata lembra das reuniões mensais, do presencial. Diz que é preciso pensar em outras possibilidades de integração dos agricultores

Laura diz que o whatsapp não seria tão eficaz, que o email é mais democrático e por isso deveria centralizar as comunicações da CSA Brasília.

Alguém destaca que melhor que esta proposta seria usar todos os recursos. Estas tecnologias, elas agilizam muito a comunicação. Os agricultores que não têm, mantêm sua rede de informações. As decisões são facilitadas por estes parâmetros que são mais rapidamente debatidos por meio destas ferramentas. Desqualificar simplesmente a existência não seria o caminho. O ideal seria explorar todos os recursos.

Mara considera a realização de reuniões presenciais que envolvam os agricultores. Segundo ela, uma reunião itinerante, perto da associação onde estão...

Louise sugere que o debate mais aprofundado sobre as questões de comunicação ocorra em grupos de trabalho.

Roberta enfatiza o desafio de conciliar o uso da tecnologia e os agricultores que não têm tanto acesso. “Realmente esta comissão de um agricultor e um coagricultor tentaria sanar isso...”

mas de fato não podemos perder esta convivência olho a olho. Falar do que está acontecendo, e pessoas para fazer as pontes e para que ninguém fique sem informações.”

Fábio enfatiza, a partir de pergunta de Ana Thereza, o uso indevido de ferramentas excludentes pela CSA Brasília. “E que tem filosofia que seduz o usuário de uma forma que é contraditória aos princípios de existência da CSA. Princípios contraditórios com os nossos.”

Louise continua a explanação listando todos os eventos com os quais a CSA Brasília já está comprometida, e que portando precisam ser pensados e organizados: **Ciclo de palestras Fiocruz, Evento da CSA Brasília, Congresso Agroecologia (2º semestre) e curso de formação (princípios reforçados)**. Há ainda o atendimento a demandas de informação institucional feitas por várias instâncias da sociedade.

Renata informa, a respeito do curso de formação, que não há pessoa jurídica, não há conta em banco da CSA Brasília. Cada CSA faz sua reserva. “Nossa ideia é usar pela primeira vez este recurso para custear a participação de agricultores por meio de bolsas via CSA Brasília.” Isso representaria o valor mínimo, que é de 350 reais, o qual seria destinado à participação de assentamentos com produção agroecológica. “Eu considero isso um super salto de economia associativa. Quem quiser pleitear bolsas... Gaspar Martins entraria nessa faixa...”

Louise diz que para cada evento, precisam organizar-se para inscrições, alimentação, infraestrutura. “Aqui ainda não abordamos a questão financeira. Mas é um assunto que precisamos olhar com profundidade na primeira oportunidade. Custeio básico do investimento das pessoas envolvidas? Ou trabalho 100% voluntário?”

Kathyanne diz que é preciso também conhecer melhor outras CSAs do Brasil.

Renata relê a ata da primeira reunião da CSA e lista as frentes de ação e responsáveis, convidando os presentes a integrarem os esforços. Quatro linhas de ação são pauta das reuniões da CSA BSB.

Com isso, encerra-se a Plenária e o I Encontro CSA Brasília encaminha-se para sua finalização.

### *Encerramento*

Os participantes, então, mobilizam-se para o encerramento do Encontro. Formam novamente uma grande roda no salão da Asproeste e preparam-se para a bênção final. Maria, coagricultora, vai ao centro da roda e conduz uma bênção, em que os membros do grupo olham-se mutuamente e mentalizam muita energia positiva para os passos vindouros da CSA Brasília, cuja missão está criada.



O Encontro das culturas do Grupo de Pesquisa Saberes, Educação e Decolonialidades (GPDES)